



♧ 42 Anos ♧  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*



ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

REVISTA Nº 22 ANO XXII 2020



NAVEGAR EDITORA®

*Copyright* © 2020 Academia Guarulhense de Letras  
Revista nº 22 Ano XXII 2020 - Edição dos 42 anos

Todos os direitos desta edição, reservados para:  
**ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL**

---

**ISBN: 978-65-990719-6-6**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

21ª Revista da Academia Guarulhense de Letras - AGL Guarulhos - SP: A Academia 2020 Vários autores - ISBN 978-65-990719-6-6 1. Contos brasileiros - coletâneas. 2. Coletâneas brasileiras 3. Poesias brasileiras - coletâneas <p style="text-align: right;">CDD - 869.9308 869.9108</p>
--

---

**Ficha Técnica**

Coordenação Editorial: *Valdir Carleto*  
Revisão: *Clovis Domingues, Fábio Cardoso dos Santos, José Augusto Rodrigues Pinheiro, José Roberto Jerônimo e Valdir Carleto.*  
Diagramação: *José Roberto Jerônimo*  
Fotos e ilustrações: *Acervos da AGL e de autores*  
Capa: *José Roberto Jerônimo*

---

*Editora: Navegar Gráfica Distribuidora e Editora Ltda.*  
*Endereço: R. Cel. Emídio Piedade, 659 - São Paulo - SP*  
*CEP 03018-010 - Fone 11-3482-5055*  
*Site: [www.navegareditora.com.br](http://www.navegareditora.com.br)*  
*E-mail: [navegar@navegareditora.com.br](mailto:navegar@navegareditora.com.br)*

---

*Academia Guarulhense de Letras - AGL*  
*Endereço para correspondência:*  
*Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98 - Centro*  
*Guarulhos - SP - CEP 07115-020*  
*Site: [www.academiagarulhense.org.br](http://www.academiagarulhense.org.br)*



*42 Anos*  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

**DIRETORIA 2019 / 2020**

**Presidente:**

Antonia Conceição Vaz Duarte

**Vice-presidente:**

Valdir Carleto

**Secretário geral:**

Teresinha Silva Maltez de Souza

**1ª Secretário:**

Mauro dos Santos Oliveira

**2ª Secretário:**

José Roberto Jerônimo

**Tesoureiro geral:**

Fábio Cardoso dos Santos

**1ª Tesoureiro:**

José Augusto Rodrigues Pinheiro

**2ª Tesoureiro:**

Jacques Miranda de Oliveira

**Conselho Fiscal**

**Presidente:** Armando Attilio Colacioppo Sobrinho;  
e Bismael Batista de Moraes e Fernando Canto Berzaghi.

**Suplentes:**

Isabel Borazanian Macedo de Oliveira,  
Gil Campos de Farias e João Carlos Biagini

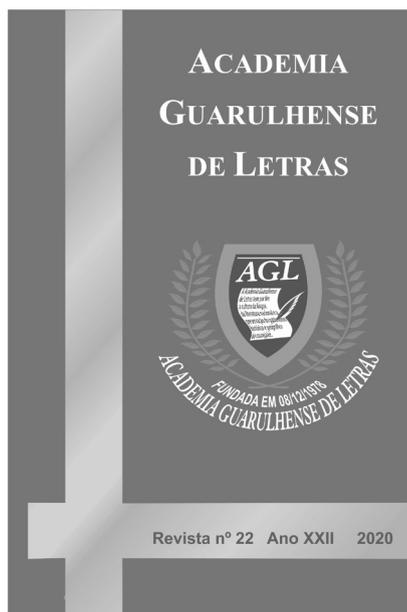
**Orador oficial:**

José Augusto Rodrigues Pinheiro

## EXPLICAÇÃO DA CAPA

*O trabalho foi elaborado, em parte, pelo designer Fábio Vicente, em 1999, e atualizado com o brasão da Academia Guarulhense de Letras.*

*Como registra o acadêmico Bismael Batista de Moraes, as duas retas se cruzando, uma vertical e outra horizontal, identificam a localização do município de Guarulhos, na confluência de duas estradas federais, a Rodovia Fernão Dias, com destino a Minas Gerais e a Presidente Dutra, com destino ao Rio de Janeiro, por onde passa grande parte da riqueza nacional.*



## ACEITA-SE PERMUTA

*Exchange is accepted - Si piede permuta  
On demande l'échange - Man bitter um austausch  
Si praga l'intercambio*






*42 Anos*
  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

## SUMÁRIO

**APRESENTAÇÃO**  
*Jacques Miranda*

### **PARTE I - Artigos**

ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE .....	15
AURA GOLD .....	25
BISMAEL BATISTA DE MORAES .....	33
FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS .....	39
FERNANDO CANTO BERZAGHI .....	47
ISABEL BORAZANIAN .....	57
IVO DE SOUZA .....	67
JOÃO CARLOS BIAGINI .....	77

JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO .....	85
JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO .....	95
LINEU ROQUE ACEIRO .....	105
MARLENE A. TORRIGO .....	117
MAURO SANTOS OLIVEIRA .....	127
SÍLVIO RIBEIRO .....	133
TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA .....	141
VALDIR CARLETO .....	153

## **PARTE II**

NOTAFÚNEBRE-CASTELO HANSEN .....	159
----------------------------------	-----

## **PARTE III**

SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL ...	165
--	-----

## **PARTE IV**

MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL JOÃO RANALI .....	201
--	-----

## **PARTE V**

HINO DA AGL - LETRA E PARTITURA .....	205
---------------------------------------	-----

## **PARTE VI**

GALERIAS .....	209
----------------	-----




*42 Anos*
  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

## APRESENTAÇÃO

### O ACELARAMENTO DA VIRTU-AFETIVAÇÃO

O título deste prefácio não é um diálogo em uma telenovela no horário nobre, principalmente aquela nos idos dos anos 70 e que foi habilmente interpretada pelo saudoso Paulo Gracindo (1911-1995).

Para quem não se recorda, na dramaturgia de autoria de Dias Gomes (1922-1999), romancista e membro da Academia Brasileira de Letras, o personagem Odorico Paraguaçu pronunciava verbetes pouco convencionais e, por que não dizer, únicos, os quais traziam um charme especial em sua retórica. Comum era ouvir termos curiosos e hilários como marronzista, adulância, aforamente, defuntícia, desculpento, emboramente, larapista, maucarartista, puxa-saquista, dentre outros.

Mas, a verdade é que o mundo – ou o folclore – encontra poucas ocasiões para valer-se desse fenômeno de linguagem, o neologismo, para ampliar o nosso já rico vernáculo.

Aliás, é bom que se diga que não é problema algum a criação de novas palavras, exceto (e isso é muito pessoal ou ufano-nacionalista) aquelas derivadas de verbetes estrangeiros, as quais nos causam um certo desconforto. Exemplos como “printar”, “breiquivar” (de alcançar o break-even, ou melhor o ponto de equilíbrio), fazem-me facilmente torcer o nariz.

Ocorre que todos passamos recentemente por estranhos momentos em função da nossa adaptação no combate a esta temível infecção pelo novo coronavírus, o qual nos obrigou ao distanciamento físico e, portanto, a perda da magia da fraternidade, algo que sempre se fez latente nas reuniões presenciais do Sodalício.

Nesta toada, instados à separação física, desenvolveu-se o modelo de encontros virtuais, utilizando computador, telefone celular, tablet ou notebook, com o recurso de câmera e som. Difícil a adaptação no começo, mas um verdadeiro sucesso: todos adaptados! Aliás, vida de escritor é assim mesmo: substituir, inverter, rever. Escrever.

Mas, e a afetividade tão presente no momento do encontro presencial, como ficou? Ficou como o título deste prefácio: tornamo-nos confrades virtu-afetivizados, ué, ou seja, tivemos um aceleração das relações virtuais.

Para ser sincero e até ousado, essa força – como diz a letra do hino da AGL – é porque estamos “honrando sempre os ancestrais”.

Explicando melhor, quem dirá que em nossos fraternos encontros presenciais eles, os tantos e talentosos falecidos da AGL, não estavam lá, presentes, virtuais?

Aceleramos...

*Jacques Miranda*

*Acadêmico Efetivo*



❧ *42 Anos* ❧  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

**PARTE I - ARTIGOS**





**ANTONIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE**

## AS TRÊS AMIGAS

- A cachorrinha bulímica.
- A menina da mente inquieta.
- A menina que tinha medo de borboletas.

## A CACHORRINHA BULÍMICA

Tati, Kika e Barbarela eram as três melhores amigas no bairro do Tatuapé. Cada uma com seus fantasmas!

Todos amavam Barbarela, que reinava naquela casa, sem vice na concorrência, tornando-se uma verdadeira tirana contumaz na comunidade doméstica.

Tati era, por direito, a dona de Barbarela. A cadela elegeu a jovem como sua alfa: dava carinho, segurança e fidelidade. Recebia proteção, saúde, educação, casa, comida e muito amor na sua cesta básica afetiva.

Sem nunca ter sido punida por nenhum decoro doméstico, fazia despidoradamente alianças com todos os partidos familiares; desde a empregada até o chefe da casa. Sabia que, com seu jeitinho maroto, acabava encantando a todos e, assim sendo, conseguia tudo o que almejava para o seu regozijo.

Era uma especialista na arte da sedução. Conquistava tudo o que desejava: principalmente comida e afeto. Aliciava até os funcionários do prédio, que se derretiam por ela. Tinha ciúmes do bebê da família; até das visitas. Disputava atenção e carinho, desafortadamente. Afinal, ela havia chegado primeiro.

Também, aquela fofura de pelos cor de mel, rabo fino e comprido saindo de um roliço traseiro, pequena como um bichinho de pelúcia! O nariz delicadamente desenhado na ponta do focinho, as orelhas sempre em postura de alerta. Quem resistia às suas investidas?

Comer, brincar, traquinar e amar eram seus desejos inconscientes e despidoradamente explícitos.

Porém, comer... Comer... Comer... E comer muito, era quando alcançava sua plenitude afetiva; quando se sentia verdadeiramente amada. Aí era luxo só! Pulava no colo do primeiro amante disponível.

Não fosse seu transtorno alimentar, a sua bulimia, Barbarela não teria problema algum.

Será?

A pobre cadela comia sem parar tudo o que lhe oferecessem ou estivesse ao seu alcance. A sua ansiedade era aflitiva. Depois ia vomitar escondida, como se soubesse do mal feito.

Descontava na comida suas carências, insaciavelmente! Levando em conta o seu pouco tamanho, não iria tão longe assim. Conseguia mesmo as coisas no latido ardido, no gemido ou como pidona insistente, vencendo pelo cansaço o seu oponente.

Prazer era comer tudo o que lhe apetecesse!

A família jantando à mesa, lá ia Barbarela se roçando de perna em perna, esperando que algum bípede lhe desse qualquer coisa para mastigar.

Au!... Au!... Au!... Uhm..... Uhm.....  
Uhm.....

Ficava rodeando qualquer refeição como se fosse um banquete. Acompanhava até a última pessoa a sair da mesa.

Barbarela parecia humana, tinha até bulimia! Distúrbio de apetite, com episódios incontroláveis. Problema também de gente com T.O.C. (transtorno obsessivo compulsivo). Entendia quase tudo, seu latido era próximo de uma fala: exprimia seus pensamentos com sabedoria canina.

Au!Au!Au!Au!AU- Au!Au!- Au! Ahhhhhhhhhhhhhhhhh

## A MENINA DA MENTE INQUIETA

Kika, Tati e Barbarela eram as três melhores amigas no bairro do Tatuapé. Cada uma com seus fantasmas!

Kika era linda: irmã mais velha, cabelos longos e loiros, olhos azuis, “olhos de ressaca”, capaz de tragar e atrair tudo o que via. Postura provocativa e encantadora. Com tudo isso, o avô também sucumbiu ao seu feitiço.

No sítio do avô, havia um caminho quase secreto, tortuoso e com mistério, onde numa placa talhada à moda sertaneja, se podia ler: “cantinho da Kika”. Um rascunho manual completava timidamente a frase: “E também da Tati”.

A primogênita era a preferida de muita gente. Quem resiste quando a natureza exagera na beleza?

No aniversário do avô, Kika era a mais contente. Adorava festejar os anos do “nono”; sabia que, na troca afetiva, ela levava sempre a melhor e exibia ostensivamente essa preferência.

Antes de se tornar mulher, ainda na puberdade, ela começou a ser chamada: “A menina da mente inquieta”. Tal o turbilhão de transformações que aconteceram inesperadamente na sua persona<sup>1</sup>.

– Mãe, acho que alguém colocou uma câmera escondida no meu quarto; tem alguém me perseguindo o tempo todo. Tenho certeza de que alguém quer me fazer mal. Demoro a dormir. Há noites que não durmo, fico alerta. Estou com muito medo. Não queria lhe contar, sabia que iria ficar preocupada. Além do mais, acho que a senhora pode ler meus pensamentos, entrar neles e descobrir até meus segredos. Melhor ficar quieta, não falar mais nada. Nem sei se posso confiar em alguém!

– Absurdo, filha. Você está confusa! Ficarei com você esta noite!

– Sabia que não iria me entender. Não posso confiar em ninguém. Se você estiver aqui, meu amigo não ficará à vontade. Vá embora! Fora!

Dona Leandra saiu muito triste e preocupada. Foi ligar para o marido e desabafar.

– Querida, não se preocupe, isso é uma fantasia da cabeça dela, vai passar!

Kika atravessava horas ensimesmada: refletindo, sonhando ou fugindo de si.

– Bem que minhas vozes me alertaram: não confie nem revele segredos a ninguém desta casa, eles podem estar todos cooptados, fazendo o mesmo jogo. Preciso ficar esperta.

Em outro momento...

---

<sup>1</sup> Psic.+ Na teoria de C.G. Jung, personalidade que o indivíduo apresenta aos outros como real, mas que, na verdade, é uma variante às vezes muito diferente da verdadeira.

– Hoje fui até o centro a pé. Estou exausta, minhas pernas e pés estão doendo muito, sangrando. As vozes me diziam que eu não podia parar, senão alguém poderia me abduzir. Ninguém pode me ver assim, eles nunca me compreenderão. Meu amigo pode vir a qualquer momento, conversar comigo.

De repente, quando estava sozinha, uma voz disse:

– Você tem que comprar um grande buquê de flores, ir até o centro da cidade, onde tem uma praça com um grande cavalo, subir nele e distribuir rosas para quem passa. O mundo precisa de amor. Não se esqueça: você é filha da lua!

– Foi isso que eu fiz, devo obedecer, senão ele me abandona. Rodei... Rodei e não achei nem praça, nem cavalo; o jeito foi dar flores para quem passava. As pessoas estranhavam, mas aceitavam o presente. Afinal, eram as mais lindas rosas da florista. Outro dia, era meu aniversário, a festa estava linda; esperei muito o meu amigo para cantar parabéns, e chegou atrasado. Ele quis me punir, porque demorei em cumprir sua ordem. Ganhei muitos presentes; todos queriam me agradar para ficar boazinha. Todo dinheiro que ganhei do vovô para viajar, distribuí para os mendigos. A voz disse que eles precisavam mais do que eu. Acho que fiz o correto.

A razão e a censura iam se diluindo, até que o espaço mental era cada vez mais impregnado de imaginação e medo.

A menina da mente inquieta via-se muito tempo envolta numa solidão em que não cabia ninguém...

Agora estranha, a meiga e sabida Kika, até então, era puro encantamento. Porém, tinha uma loucura que era só dela.

– Ela está muito mudada! Dizia tristemente sua mãe, inconformada com a metamorfose da filha.

No casamento de seu tio, entrou na igreja como madrinha de honra, trajando um vestido negro ébano, exótico para uma cerimônia nupcial. A excentricidade chocou os convidados, pois era ainda uma garotinha, cheirando a bebê. O confronto passou a ser um hábito no seu comportamento.

Para desespero de Dona Leandra, Kika arrumava um amiguinho mais esquisito do que o outro. Estranhos no pensar, no falar, e, principalmente, no agir.

– É meu novo “ficante”! – dizia Kika, sem noção do ridículo.

Apresentava o “figura” com a maior naturalidade. Os diálogos vanguardistas e de pouca cultura eram difíceis com a família.

Até na escola, suas atitudes mudaram: sem motivação, desanimada, apática, quase não conversava com as colegas, retraía-se, isolava-se até das melhores amigas. Deu no que deu: ficou para recuperação, coisa antes impensável, considerando-se a sua enorme capacidade de aprendizagem. Ficou indiferente diante do resultado sofrível, inabalável!

Períodos longos, ficava dormindo o dia todo, sem tomar banho, sem rumo, sem sonhos. Apenas devaneios intermináveis. Alternavam-se dias e noites de insônia, estafando-se a realizar tarefas desconexas, improdutivas, muito diferentes dos hábitos anteriores da Kika vaidosa, impecável no cuidar de si.

Não quis participar da festa junina, ficou embotada afetivamente, catatônica, muito estranha na quadra de esportes, olhando para o nada. A inspetora de alunos, Olga, muito sua amiga, achou anormal esse procedimento pueril demais e aproximou-se da aluna, cujo semblante estava muito alterado.

– Tudo bem com você, Kika?

– Afaste-se daqui, cai fora! Não quero falar com ninguém, até você me vigiando?

– Nossa! Não precisa me tratar assim! O que está acontecendo?

Diante do episódio enigmático, a funcionária dirigiu-se à direção da escola e expôs o problema.

A diretora da escola ficou perplexa, pois a menina já era aluna desse colégio desde o maternal. Assim sendo, conhecia bem seu temperamento gentil, mal acreditava no relato de dona Olga e pensou: essa mudança de humor não é normal. Achou por bem chamar os pais de Kika para uma conversa.

Sendo a diretora uma profissional experiente, percebeu logo que esse transtorno psíquico escapava ao seu controle; certamente envolveria a família e outros profissionais para entendimento do caso e foi o que aconteceu.

No dia seguinte, a reunião dos pais da garota com a diretora foi tensa. O casal já havia observado algumas mudanças no comportamento da filha, mas a primeira reação dos genitores foi de negação. Dói muito ver um filho doente, ainda mais das emoções. Há muito preconceito e desconhecimento em relação às doenças do cérebro. Mas com muita sabedoria, a educadora convenceu os pais de Kika a levá-la a um psiquiatra.

– Vou me apegar com a minha santinha, rezar muito, ela vai nos proteger.

– Mãe, a fé ajuda muito, nos dá esperança, nos fortalece. Mas, vá logo ao médico, ele será de grande valia.

O profissional era muito experiente e indicou tratamento medicamentoso e psicoterapia. A garota aderiu com muito esforço aos procedimentos. O período de dedicação para tratar os sintomas seria longo e talvez para o resto da vida. No começo foi muito difícil; alterou a rotina da família, que precisou aprender a lidar com situações muito novas e complexas; porém, cheios de boa vontade e esperança, o tempo ia apurando as coisas.

O pai assumiu a tarefa de ministrar diariamente as doses de remédio, para assegurar que a menina estivesse realmente tomando a medicação e tivesse o efeito esperado.

Sem rigidez, de forma lenta, Kika foi resgatando sua vida e sua rotina, que flui razoavelmente normal. Agora já consegue se envergonhar e rir das “besteiras” que andou fazendo.

Kika, a menina da mente inquieta, teve muita sorte: família amorosa e com recursos financeiros permitiu que seu transtorno psíquico fosse identificado e diagnosticado de forma correta e prematura.

Cada um, dedicando um pouco do seu esforço e tempo, está colaborando para o bem-estar da família.

## A MENINA QUE TINHA MEDO DE BORBOLETAS

Kika, Tati e Barbarela eram as três melhores amigas no bairro do Tatuapé. Cada uma com seus fantasmas!

Tati, irmã caçula, de beleza suave, natureza tímida, introspectiva, cabelos e olhos escuros, mente muito clara, deveria cavar seu lugar no mundo e no coração das pessoas. Para isso, usou o que tinha: inteligência e doçura.

A menina morena sabia vender ideias e comprar sonhos. E como gostava de comprar. O shopping era a sua praia predileta!

Tati era estudiosa, boa aluna, equilibrada nas decisões, boa escuta e cuidadora. Esse último predicado pesar-lhe-ia nos ombros pela vida afora: cuidaria da avó, da mãe, da sobrinha, de Barbarela e de quem necessitasse de sua atenção. Até o Arlindo, o porteiro do prédio, usava seu ombro, para chorar suas dores de cotovelo.

Com tantas qualidades, Tati tinha suas questões emocionais como qualquer jovem de sua idade. Tinha medo de borboletas, medo nada comum. Medo não, já se caracterizava como fobia, um medo excessivo e fora de controle.

Ela reclamava daqueles insetos que não têm plano de voo.

Na esperança de minimizar seus temores, a mãe zelosa argumentava:

– Borboletas são insetos inofensivos, de um colorido belíssimo, “são flores que voam”, minha filha!

– Tudo bem, elas que voem para bem longe de mim. De preferência que nunca mais voltem.

Seu brinquedo predileto era o boneco Paulo. Estava sempre com ele no colo e lhe dava todos os cuidados maternos. Com esse objeto de afeto, ela acalmava seus medos e sentia-se mais confiante.

Na aula de biologia, Tati consultou o Google e descobriu que ela sofria de motefobia, medo exagerado e irracional de borboletas, que provoca ansiedade, pânico e enjoo.

Quando os outros colegas perceberam que a menina CDF tinha fobia de borboletas, perturbaram-na sem dó!

– Tão inteligente e tão medrosa, olha que linda borboleta, colorida como o arco-íris!

– Ai! Socorro! Tira esse bicho asqueroso de perto de mim!

Tati não conseguia nem usar um brinco de borboleta, nenhuma decoração com o encantador inseto, nenhuma almofada, caderno, nada que fosse ilustrado com o inseto sem plano de voo. Era uma aversão quase doentia, porém não atrapalhava sua rotina. Era só vigiar e ficar bem longe dos insetos.

O sítio de Tati era lindo; ali a natureza era um brinde aos sentidos. Montanhas e vales delineavam o relevo, que enchia os olhos e alegrava a alma. Santuário de inúmeras borboletas maravilhosas, a desafiarem as defesas da menina que tem motefobia.

Caso a garota Tati não consiga superar sozinha o medo de borboletas, e este comece a atrapalhar a sua rotina, poderá recorrer

a uma ajuda terapêutica adequada e assim poderá apreciar a beleza exótica dessas “flores que voam”.

Cada um da família com suas idiossincrasias, seu comportamento peculiar, compunha um grupo singular, mas ao mesmo tempo com as canduras e impertinências comuns aos demais.

Alguém fez um poema para Tati.

### **Um poema para Tati**

Há muitas coisas...

Há muitas coisas a ler.

Há muitas coisas a dizer.

Há muitas coisas a calar.

Há muitas coisas a escrever.

Há muitas coisas a aprender.

Há muitas coisas a apagar.

Há muitas coisas a fazer.

Há muitas coisas a esquecer.

Há muitas coisas a lembrar.

Mas só no amor vou indo, indo e me reconstruindo.

**AURA GOLD**

## INTRODUÇÃO

Alguns destes meus poemas são uma reflexão sobre momentos de alegria, reencontro, transposição de obstáculos que parecem invencíveis e, principalmente, mensagens de ânimo aos corações dos que não desistem em sua eterna caminhada e traçam uma trajetória neste Planeta maravilhoso que é a nossa Terra. Espiritualista ou qualquer outra designação que se conheça e se queira rotular uma alma voltada para a eternidade, para o amor incondicional, esta sim, digo que é uma das características da minha escrita, pois acredito na transformação que acontece pela vontade de cada ser.

## ANJO AZUL

Homem de pouca fé, porque não acreditastes?  
Quando tivestes à tua frente a bendita oportunidade  
O medo mais uma vez invadiu teu sofrido coração  
E qual gazela fugidia, deixaste escapar o momento.

Quantas vezes mais poderás sentir essa Presença?  
Quantas chances ainda terás nesta vida?  
Na noite fria e escura vivestes o teu tempo.  
O vento gelado soprando por todo o teu corpo.

Não conseguias ver a luz no fim do túnel,  
E de repente ouves o rufar das asas angelicais  
Ensaando o convite Divino aos teus ouvidos  
E o que fazes, oh viandante de tantos tempos?

Cobre-te de medo e insegurança descabidos  
Esconde entre pálidas mãos a cabeça insana.  
Deixando passar uma vez mais a doação Divina.  
O que esperas agora, homem de Deus!

Não sabes que esses “Fiats” só raramente acontecem?  
O tempo mais uma vez passará sobre ti,  
A noite te cobrirá o corpo dolorido e ferido,  
E quem sabe um dia, que esperas breve, de novo surgirá,  
Aquele que te estendeu as asas resplandecentes de amor.

## A DESCOBERTA

Vejo-me sentada, olhar perdido ao longe  
Como a esperar que algo de repente aconteça  
Que venha transformar o meu viver de monge  
Que preencha com sabor o que de sentir me resta.

A espera é longa, o tempo passa, vem a insegurança  
Pois sei que não mais existe no outro o mesmo afã  
Sei que por mim perdeu o amor, sofreu mudança,  
Que nos trouxe a desesperança do amanhã.

De repente pressinto que vou ficar sozinha  
Alguém preencheu meu lugar ao seu lado  
Levanto-me, ando pela casa de lá pra cá e choro  
Bebo água e olho o copo embaciado pelas lágrimas.

Sempre que por nada, nada, sofreria  
E assim consegui por tanto tempo sobreviver  
Achei que não o amava, vê-lo longe eu preferia  
Será que meu sentimento me enganaria?

O outono chegou e o relógio o tempo marcou  
As horas, a névoa do nosso existir em decadência,  
E começamos ainda que tarde a seguir caminhando.  
Secos, marcados, sem ilusões, sem preferências.

## VENDAVAL

Qual furacão chega, bem veloz  
Arrastando tudo ao seu redor  
Voz trovão, peito arfante, ansioso  
No olhar um brilho de esperança.

Voo alado quer agora alçar  
Precisa, no entanto, paciência  
Alguém o incita a aguardar  
O momento certo da vivência.

Lágrimas choradas em desespero  
Grito preso, abafado, na garganta  
Fogo que insiste em estar aceso  
Porque a hora é agora, é santa.

Rever conceitos é preciso  
Levantar o pó é necessário  
Coragem de abandonar os vícios  
Avançar pra colher o fruto bom.  
Tudo é cíclico e morre, e renasce  
A natureza se renova a cada instante  
O homem deve seguir esse preceito  
Da Mãe Gaya, do Pai Sol, da irmã Lua.

## ESPERA

Que lugar é esse onde espero encontrá-lo?  
Busca incessante por aquele que sempre foi  
Olhos que procuram por aí o sonho de uma vida  
Cuja demora traz a angústia e tristeza ao coração.

Essas almas se conhecem aguardando o reencontro  
Para seus destinos novamente entrelaçarem  
E não haverá mais solidão nem sofrimento  
Pois enfim seus caminhos outra vez se cruzarão.

Viverão o amor e a paixão de idos tempos  
Sonharão juntos as mesmas promessas e delícias  
Trarão para o presente o que lá atrás ficou um dia  
E felizes serão para todo o sempre e sempre...

## AMOR ETERNO

Amor fragrância de um perfume indelével  
Amor manifestado sem reservas,  
Na luta por seus mais caros sentimentos  
Que jamais tempo e espaço serão barreiras.

A unir forças por seus mais intensos sentimentos  
Seguindo com determinação os seus intentos  
Caminhando sem guardar ressentimentos  
A vencer o medo do que parece desconhecido.

Sabem que dia virá onde se abrigarão  
Nos braços d'Aquele que não nos deixa ao relento  
Amor, sublime amor que nunca fenece  
Até reencontrar sua contraparte de repente.

Quando menos se espera acontece  
O apoio da mão que se oferece  
No incondicional amor a gente sente,  
Pela mãe, filhos ou por quem os represente.

## LUMINISCÊNCIA

Mesmo que eu queira não conseguirei  
Enfurnar-me na solidão desse quarto vazio  
Vaguear meu olhar pelo nada a sentir angústia  
Alhear o pensamento, voar, esquecer o chão

Chega-me de repente às narinas o odor da lavanda  
O calor do sol matutino me faz olvidar a noite  
O aroma do café desperta instintos adormecidos  
E vem a coragem para vencer os obstáculos

E apreciar da vida o sôfrego espetáculo.

As entranhas removem o mal e despertam o bem  
A alma repentinamente se reintegra ao todo  
E outra vez os sonhos se manifestam livres  
Trazendo de volta o renascer da Luz em mim.

## SERENIDADE

Sabedoria milenar que me faz transcender  
Erros do passado que insistem em permanecer  
Raízes de um mal que em vidas passadas vivi  
Exaltação de novos rumos conhecer.

Nada de mal carregando mais em meu viver  
Ilusões e falhas que não vão mais retroceder  
Despojada pois de orgulho volto a conhecer  
Algo desejado que não deixarei perecer.

Dádiva ressoante do legado Divino  
Eterno, presente e persistente em meu ser  
Ânimo de alguém que ressuscitou  
Para uma nova vida o amor receber.



**BISMAEL BATISTA DE MORAES**

## UM DECÁLOGO SOBRE A INSEGURANÇA PÚBLICA

“Se, em regra, ninguém se diz antiético nem intolerante, e como pensar não ofende, ousamos perguntar: não é desolador ao ser humano enfrentar diplomados ignorantes, civilizados preconceituosos, religiosos enganadores, filósofos niilistas, públicos ou privados, e todos aqueles que, acima de qualquer suspeita, vaidosos e fingidos, sempre lucram, direta ou indiretamente, com a miséria, a violência, o sangue, a morte, as lágrimas, a insegurança e o medo da população manipulada?

O ser humano, em todas as épocas do mundo, jamais conseguiu algo de bom, justo e duradouro, senão pelo Direito, pela verdade e pelo amor. Por isso, já é tempo de falar sobre segurança pública no Brasil, prestando esclarecimentos definitivos à população, que não pode mais continuar como cobaia apavorada e batendo palmas para os algozes. Assim, ousamos um decálogo sobre a insegurança pública. E começamos perguntando:

1. No momento em que, por ano, cerca de 60 mil pessoas são mortas por armas de fogo no Brasil, será que a vida, a honra, a liberdade e o patrimônio são bem insignificantes para o ser humano, e mesmo para a coletividade, a tal ponto de a segurança pública e a polícia serem tratadas por leigos, preconceituosos e até manipuladores?

2. Se uma sociedade só pode dizer-se democrática quando todos os seus membros, conscientizados, participam das decisões que lhes interessa, e sabendo-se que um dos problemas que mais angustiam a sociedade é a criminalidade, por que tantas meias-verdades e mesmo vis mentiras, nesse campo, são mascaradas por números estatísticos?

3. Não é hora de vir à tona a realidade sobre a polícia, o crime e o medo no Brasil, para esclarecer que, ao que tudo indica, a população vem sendo deliberadamente manipulada por pessoas e grupos, públicos e privados, que apenas visam a lucros econômicos, retorno político e fama rápida?

4. Por que a própria universidade, que é a grande instituição “formadora de cabeças pensantes”, ainda não estuda a segurança e a polícia com seriedade, parecendo preferir, preconceituosamente (já que é sem base científica), torcer o nariz a elas e/ou apenas criticar-lhes os erros?

5. Quem, pensando bem, não acha estranho que a chamada “Constituição-Cidadã”, assim batizada pelo deputado federal Ulysses Guimarães, apresente-se nitidamente repressiva, contrária à prevenção do crime (pois não a impõe às polícias dos Estados) e seja cem vezes mais militarizada do que a “Constituição da Ditadura”?

6. O que faz com que não haja, nem junto ao governo federal, e muito menos junto aos governos estaduais e municipais, no Brasil, programas de prevenção contra o crime, tudo deixando transparecer uma estranha preferência pela repressão, que se apresenta institucionalizada?

7. Quem está por trás da “indústria do medo”, fabulosamente rentável e, por isso mesmo, em larga expansão, em decorrência da demanda por armas de fogo, munições, sensores, interfonos, circuitos internos de TV, muros altos (com pedras britadas, cimento, ferro, aço e eletrificação), empresas de vigilância, seguros bancários (de vida e patrimônio), sem falar de programas de grande audiência e retorno certo, possibilitando vultosos contratos com anunciantes?

8. Se ninguém aceitaria um general ordenando padres e bispos, nem um cardeal comandando uma unidade militar, ou um cardiologista assentando tijolos e um pedreiro realizando uma operação cardíaca, por que, no Brasil, a regra tem sido colocar, à frente da segurança pública, pessoas que, embora por vezes bem

intencionadas, jamais estudaram o que sejam segurança pública e polícia, atividades eminentemente técnico-científicas, que exigem preparo profissional e moral ilibada?

9. Por que todas as propostas contra a violência e o crime não visam à prevenção, mas à repressão – o “combate ao crime”, a investigação, a prisão, o aumento das penas, a diminuição da idade penal, a contratação de mais policiais, mais promotores de justiça, mais juízes de direito, mais armas de fogo, mais munições e coletes à prova de bala (com compradores cativos), mais veículos, mais aparelhos de comunicação e mais construção de prédios públicos (quartéis, delegacias, fóruns, estabelecimentos penitenciários), sempre insuficientes?

E 10. Na discussão de uma política de segurança pública, parece-nos que, antes dos problemas legais e institucionais envolvendo a polícia, a justiça e as prisões, e mesmo passando sobre indagações de ordem filosófica quanto à formação das polícias e à cultura do povo, e até deixando de lado, momentaneamente, questões administrativas referentes a competências da União, dos Estados e Municípios, uma pergunta se faz oportuna aos juristas, sociólogos e jornalistas: quais são as pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas, que estão lucrando, direta ou indiretamente, com a violência, o crime e o medo, no Brasil, e não propõem logo a codificação dos projéteis das armas de fogo, acabando com 90% dos crimes, sem gastos para os cofres públicos?”

## COMO EVITAR CRIME POR ARMA DE FOGO

Embora seja brilhante como o Sol o fato de o governo federal brasileiro sempre lucrar com os homicídios e as lesões corporais por armas de fogo, em razão de ser o único fabricante e divulgador das munições de vários calibres, para revólveres, pistolas, fuzis e metralhadoras, é estranho que essa aberração ainda não tenha sido objeto das preocupações de jornalistas, juristas e pesquisadores sociais! Só as balas matam e ferem, e não as armas! Senão, vejamos. Quem for surpreendido por uma bala, por certo, contribui com o governo.

Com dezenas de milhares de mortes e centenas de milhares de feridos, em sua maioria de negros e pobres, levadas a efeito por tais instrumentos no território nacional, ninguém parece ter percebido que isso diminuiria em mais de 90%, caso as balas fossem codificadas internamente com minúsculas chapas metálicas, pelo processo da nanotecnologia, com sinais criptografados, identificando os seus possuidores no momento da aquisição ou do recebimento das caixas dos projéteis.

Assim, não somente os chamados criminosos comuns, mas todos os integrantes dos órgãos públicos, como, por exemplo, os das Forças Armadas, das PMs, da Polícia Civil e das Guardas Municipais, bem como das empresas de segurança bancária e de vigilância privada, e ainda os particulares em geral. Ao adquirir ou receber a caixa de balas, o seu possuidor preencherá uma ficha, com nome, filiação, documento de identidade e até porá sua impressão digital nesse documento (que é destacado de tal caixa de projéteis), e que será remetido, de imediato, à Central de Iden-

tificação, não podendo tal pessoa vender, emprestar ou fornecer nenhum projétil a outrem.

E, quando furtado ou roubado, deverá registrar um Boletim de Ocorrência, urgentemente, sob pena de responder por delito culposo, caso haja algum crime praticado com suas balas. Observe-se, também, que, a partir da lei de codificação das balas, quem for encontrado com bala não codificada incidirá em crime punido com até 6 (seis) anos de reclusão. Observe-se, ainda, que quem praticar um crime com a bala não codificada responderá por dois crimes, em concurso formal: “posse de bala não codificada” e o “homicídio ou lesão corporal”.

Observe-se, por fim, que quem praticar um fato criminoso, “em estado de necessidade; em legítima defesa; em estrito cumprimento do dever legal ou no exercício regular do direito”, se o fizer com bala codificada, estará “excluído da ilicitude”, e, nos termos do artigo 23 do Código Penal, não praticou crime. Assim, basta codificar a bala para acabar com até 90% dos crimes por arma de fogo, evitando gasto com a investigação, com o processo criminal, com delegacias, batalhões, fóruns criminais e, principalmente, com a construção de mais presídios caros. Simples assim.

---

BISMAEL B. MORAES, 84 anos, mestre em Direito Processual Penal pela USP, professor universitário, foi presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo e 1º Titular da Delegacia do Aeroporto Internacional de São Paulo – Guarulhos; é autor de 21 livros, dentre os quais “Direito e Polícia – Uma Introdução à Polícia Judiciária” (Ed. RT/SP, 1986), “Prevenção Criminal ou Convivência com o crime – Uma Análise Brasileira” (Ed. RT/SP/2005), “Orelhas e Prefácios – Uma Breve Trajetória” (Editora Mageart/SP/2015).



**FÁBIO CARDOSO DOS SANTOS**

## UMA VISÃO SOB A IMPORTÂNCIA DA MEMÓRIA DISCURSIVA

No ato da enunciação nos apropriamos de discursos de variadas formas, conforme a situação imediata e contextual, as quais estão intrinsecamente ligadas à formação ideológica e dão ao sujeito a condição de se perceber na sociedade. Escreve Orlandi (2005):

O sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam nos discursos as injunções ideológicas. Sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se) significa. Se o sentido e o sujeito poderiam ser os mesmos, no entanto escorregam, derivam para outros sentidos, para outras posições. À deriva, o deslize é o feito metafórico, a transferência, a palavra que fala com outras (ORLANDI, 2005, p. 53).

Diante disso, a memória discursiva faz parte da condição humana e recorreremos à memória sempre que precisamos relembrar ou analisar dados e, dessa forma, a memória se faz presente no nosso dia a dia, a fim de retomarmos os discursos imbricados nela, como já expressamos anteriormente.

Para ampliarmos a compreensão de tal conceito, traremos a concepção de Michel Foucault (2008), que intensifica o conceito de memória histórica por meio do que ele denomina formação discursiva.

[...] as diferentes obras, os livros dispersos, toda a massa de textos que pertencem a uma mesma formação discursiva e tantos autores que se conhecem e se ignoram, se criticam, se invalidam uns aos outros, se plagiam, se reencontram sem saber e entrecruzam obstinadamente seus discursos singulares em uma trama que não dominam, cujo todo não percebem e cuja amplitude medem mais - todas essas figuras e individualidades diversas, não comunicam apenas pelo encadeamento lógico das proposições que eles apresentam, nem pela recorrência dos temas, nem pela pertinácia de uma significação transmitida, esquecida, redescoberta; comunicam pela forma de positividade de seus discursos. (FOUCAULT, 2008, p. 144).

Cabe ressaltar que é por meio da análise do discurso que podemos levantar questões como a memória discursiva, ideológica e cognitiva. Segundo Foucault (2008), discurso é o lugar em que se pode observar a relação entre a língua e o que ele denomina “arquivo” fazendo sentido. Vejamos:

Diante dos a priori formais, cuja jurisdição se estende sem contingência, ele [o arquivo] é uma figura puramente empírica, mas, por outro lado, já que permite compreender os discursos na lei de

seu devir afetivo, deve poder dar conta do fato de que tal discurso, em um momento dado, possa acolher e utilizar ou, ao contrário, excluir, esquecer ou desconhecer esta ou aquela estrutura formal. [...] O arquivo é de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. [...] A revelação, jamais acabada, integralmente alcançada do arquivo, forma o horizonte geral a que pertencem a descrição das formações discursivas, a análise das positivities, a demarcação do campo enunciativo. (FOUCAULT, 2008, p. 145-149).

Assim, discurso é palavra atuante no sujeito e na sociedade, entendendo a palavra como constitutiva de discursos (Bakhtin), e lembrando-se que para isso a memória se dá igualmente como produtora de sentidos em determinado momento histórico, assunto que discorreremos anteriormente. Essa busca pelo sentido caracteriza o sujeito discursivo atuante nas práticas sociais, onde, pela interação, se dá a compreensão do discurso, como forma de acesso à memória discursiva, também constituidora de sentidos e num movimento de renovação.

O discurso dá ao sujeito a condição de resgate da memória discursiva por meio da palavra, e, para tanto, entendemos que a memória deve ser analisada de onde se fala e para quem se fala. Por conseguinte, não pode haver interlocutor abstrato, não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio, nem no figurado. Conforme Bakhtin:

Quanto mais aculturado for o indivíduo, mais o auditório em questão se aproximará do auditório médio da criação ideológica, mas o interlocutor ideal não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas. [...] Na realidade, toda palavra comporta duas faces, ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela

constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2002, p. 113).

Tomemos a palavra como processo, pois é ela quem dá a condição de analisar o que se pretende dentro do discurso, visando sempre ao sujeito marcado ideologicamente ou não pelo discurso proferido e pelas palavras escolhidas pelo sujeito que se constitui no diálogo.

Em se tratando de diálogo, Bakhtin e Volochinov afirmam que:

O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal. [...] Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica; em grande escala, ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p. 123)

Segundo os conceitos de Bakhtin e seu círculo, a memória está pautada na interação verbal, na qual o diálogo constitui forma de acesso ao sujeito falante, impregnado de ideologia, história e memória. Sendo assim, evidencia-se o processo da memória discursiva como conjunto do discurso, pois a memória e o sujeito estão imbricados nesse processo de interação.

Compreendemos que o sujeito é produtor do discurso e não simplesmente um ser ou uma entidade que se sujeita às ideologias, pois é constituído por elas e as constitui; sendo assim, estamos ligados por essa ideologia no ato de existir e significar no mundo.

A noção de formação discursiva (o discurso do eu em articulação consigo mesmo e com o do outro) permite compreender o processo de produção dos sentidos, a sua relação com a ideologia, e também dá ao analista a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. Nesse sentido, retomemos Foucault:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhantes sistemas de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 43).

Assim, o discurso deve ser compreendido como forma de acesso à ideologia, constituída por sujeitos que dialogam com outros sujeitos. Por essa razão, o discurso é um dos lugares em que a ideologia se manifesta, é como uma arena de lutas, o lugar em que se travam as polêmicas, onde estão os conflitos, convergências e divergências. O que seria das experiências de vida se tudo fosse harmonioso, se a formação ideológica fosse igualmente processada por todos os seres humanos numa determinada sociedade?

Nessa perspectiva, Mussalim (2006, p. 119) define formação ideológica como o conjunto de atitudes e representações ou imagens que os falantes têm sobre si mesmos e sobre o interlocutor e o assunto em pauta. Podemos compreender várias formações discursivas que se definem com relação à formação ideológica, mas, por causa do princípio do dialogismo, toda formação discursiva traz dentro

de si outras formações discursivas com que dialoga, contestando-as, replicando-lhes ou aliando-se a elas para dar força a sua fala.

Ao definirmos o discurso como pressuposto básico para a compreensão da ideologia, não podemos esquecer que tanto a ideologia quanto a memória são fundamentais, no processo comunicativo, para revelar fatos, descrever situações já vividas, relatar acontecimentos com os indivíduos e com a sociedade, etc. “O conceito de formação discursiva é utilizado pela análise do discurso para designar o lugar onde se articulam discurso e ideologia. Nesse sentido é que podemos dizer que uma formação discursiva é governada por uma formação ideológica”. (MUSSALIM, 2006, p. 125)

É importante termos consciência de que muitos fatos ficam registrados em nossa memória discursiva e ela é ativada de acordo com a necessidade humana, tendo em vista a relação com o discurso presente e passado (no jogo que mencionamos no item anterior).

Para compreendermos a relação da memória com o conceito bakhtiniano, é necessário que se perceba o eu com base no outro, para que, diante desse processo, a memória se faça valer no que permeia a condição do sujeito. Segundo Bakhtin/Volochinov:

A palavra acompanha e comenta todo ato ideológico. Os processos de compreensão de todos os fenômenos ideológicos (um quadro, uma peça musical, um ritual ou um comportamento humano) não podem operar sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica, todos os signos não verbais banham-se no discurso e não podem ser nem totalmente isoladas nem totalmente separadas dele (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p. 37-38).

Esse processo entre discurso e ideologia, que vem sendo analisado por muitos estudiosos da linguagem, leva-nos a compreender

que o discurso e a memória discursiva estão imbricados no sujeito, agente da sua própria história.

O discurso se manifesta ideologicamente por meio dos indivíduos e da sociedade em que atuam e à qual pertencem; ademais, é fator importante na constituição da memória discursiva.

A memória [...] tem suas características quando pensada em relação ao discurso. E, nessa perspectiva, ela é tratada como interdiscurso. Este é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente. Ou seja, é o que chamamos memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada [...]. (ORLANDI, 2005, p. 31)

A memória – seja uma memória social inscrita nas práticas de uma sociedade, seja uma memória individual inscrita no sujeito agente da sua própria história – tem um papel significativo no nosso dia a dia, visto que recorremos a ela constantemente sem nos darmos conta de tal processo. Queremos registrar que a memória estabelece condições para o funcionamento do discurso e da ideologia.

A memória tem diversas materialidades que possibilitam o encontro e o reencontro de temas, figuras, textos, objetos, etc., que os trazem para a atualidade, ativando-a. Por essa razão, o dizer não é propriedade particular e as palavras não são só nossas, mas significam por meio da história e da língua. O sujeito diz, ele pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem.

Podemos afirmar que todo dizer, na realidade, encontra-se na confluência dos dois eixos: o da memória e o da atualidade. O inter-

discurso é todo o conjunto de formulações feitas e esquecidas que determinam o que se diz. A prática discursiva consiste em considerar o que é dito em um discurso e o que é dito em outro, o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. (ORLANDI, 2005, p.34)

Por tudo isso, a memória desempenha importante papel na constituição do sujeito e história das sociedades. Sua ativação resulta numa produção de sentido, pois, quando acionada, traz fatos de uma época e dá outro sentido a essa memória discursiva, que tem por finalidade a situação de contexto e de interação com o sujeito e com o meio em que ele atua.

---

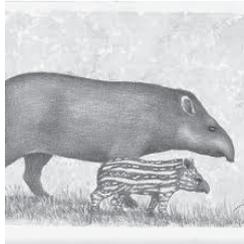
## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. [1952-1953/1979]. *Estética da Criação Verbal*. Tradução aos cuidados de Paulo Bezerra. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, M.M./VOLOCHINOV, V. N. [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Tradução de Michel Lahud; Yara Frateschi. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BARROS, Cláudia G. Paes de. *Capacidades de leitura de textos multimodais*. In: Polifonia, Cuiabá, nº19, p. 161-186, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- GRILLO, Sheila V. de Camargo. *Esfera e campo*. In: BRAIT, Beth (Org.). Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 133-160.
- MACHADO, Irene. *Gêneros discursivos*. In: BRAIT, Beth. (Org.). Bakhtin: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 21-32.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (Org.). *Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PONZIO, Luciano. *Visioni del Testo*. 1ª edição, Bari: Graphis, 2002.



**FERNANDO CANTO BERZAGHI**

## O SER HUMANO



O ser humano torna-se um produto cada vez mais raro na prateleira de nossos conturbados e incertos dias.

Fazia nossa matutina e costumeira caminhada pelas ruas da República Federativa dos Estados Unidos da Vila Galvão, com máscara, obviamente. Daí, fui surpreendido por uma cena no mínimo singular.

Estava na frente do número 148 da rua São Francisco e vi um cãozinho branco, com seu bigodinho, recebendo carinho e atenção de um gato preto, de olhos muito verdes.

Esta linda cena nos faz pensar na mesquinha condição dos humanos.

Pensei, então, com meus botões. Diante dessa verdadeira lição de respeito ao ser vivo, é tempo de repensar a precária condição de ser humano e repensar o que é ser humano.

Que é ser humano?

O ser humano é exercer na plenitude a cidadania.

O ser humano é demonstrar amor à Pátria, preservando o Jardim.

O Jardim é aquilo que se chamou remotamente de Jardim do Éden, cujos guardiões foram nossos pais primevos, Adão e Eva.

O ser humano é cuidar do meio ambiente.

O ser humano é cuidar dos seres vivos dos quais dependemos para sobreviver.

“O justo atenta para a vida dos seus animais, mas o coração dos perversos é cruel”, (Pv.12.10).

O ser humano é admirar da nossa janela a lua de porcelana, iluminada, redonda e gorducha.

O ser humano é ouvir com atenção o sapo, o sapinho e o sapão tocar sua caixa e seu violão.

O ser humano é colocar a anta num quadro de honra, porque ela é a jardineira da floresta.

O ser humano é investir na saúde, no saneamento básico; providência essencial para salvar a humanidade.

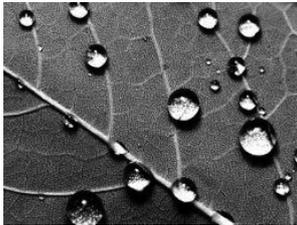
A vida depende do meio ambiente. Vamos viver o outro; fomentar a união fraterna; viver o plural, o comunitário o coletivo e o global.

O ser humano é promover a cooperação; pensar em conjunto o futuro.

A vida do humano depende da vida dos seres vivos. Por isso, é dever de casa salvar nossas matas, nossas aves; nossos mares, nossos pássaros, nossos lagos, nossos rios, etc.

Vamos dizer sim à vida...

O homem precisa urgente ser humano...



## LÁGRIMAS DE CRISTAL

Manto de neblina destila lágrimas de luar.

Aceno de névea cambraia.

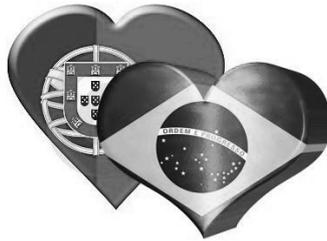
Castelo forte canta no ar.

Metamorfose esplêndida.

Obra prima do Criador.  
 Reflexos luminosos espelhando o céu de anil.  
 Dádiva celeste que vem do Hermom.  
 Gotas de vida sobre os montes de Sião.

Pingos d'água: um rio.  
 Rosa branca que viceja no albor.  
 Sopro divino que alimenta o vale.

Pérola celeste de grande valor.  
 Pranto de gratidão aos pés do senhor.  
 Bem maior que nos dá o Criador.  
 Pranto que se eleva aos céus em forma de oração.



## 21 DE MAIO – DIA DA LÍNGUA NACIONAL

A nosso juízo, falamos no Brasil o português do Brasil.

Nossa portuguesa língua é também chamada de cultura vernácula ou vernáculo, ou seja, a língua de um determinado país, nação ou região.

Comunidade Lusófona ou Lusofonia diz-se da adoção da língua portuguesa como língua de cultura franca por quem não a tem como vernácula; como ocorre com países de colonização portuguesa.

Lusófono: País ou povo ou indivíduo que fala português ou oficializa o português como sua língua.

Fazem parte da Lusofonia ou Comunidade Lusófona os países de língua portuguesa: Brasil, Portugal, Angola, Cabo Verde, Galiza, Guiné Bissau, Macau, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor-Leste, Goa, Damão e Diu.

A Comunidade Lusófona tem hoje cerca de 300 milhões de falantes em todo mundo, sendo que somente no Brasil chega à casa dos 210 milhões.

Em homenagem à Comunidade Lusófona deixamos um poema de nossa autoria com o qual vencemos o Concurso “Brasil e Portugal - Um laço de amizade”, promovido pela Editora Matarazzo, programa Solo Tango da Rádio Trianon AM de São Paulo, com apoio da Casa de Portugal.

Frase vencedora do concurso: “Língua Portuguesa: Fragata de asas eternas que voa altaneira, para unir por laços de sangue e sal a augusta Pátria Luso- Brasileira..

## POEMA VENCEDOR

Língua do Brasil.  
Língua de Portugal.  
Lira resplandecente de luz e cristal.  
Rosa plantada no vértice do horizontal e do vertical.  
Língua da saudade universal.  
Linguagem de lágrimas e sal.  
Harpa singela com acordes de caridade e amor.  
Esperança na alegria.  
Duas nações unidas pelo mesmo labor.  
Canção de um novo despertar.  
Fortaleza de fé que nos dá o Criador.  
Poema de céu e flor.



## OS SINAIS APONTAM PARA A SEGUNDA VINDA DE JESUS

A questão que se coloca, desde logo, é a seguinte: será que a vinda de Cristo é iminente?

A régua, a fonte que disciplina a matéria, não é outra que a “Verdade Eterna, a Sagrada Escritura”

Examinemos, então, o que ela diz a respeito.

“2 Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar.

3 E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também.” (Jo 14. 2,3).

Não seria nenhum exagero dizer que nem o próprio Mestre, Senhor Jesus, sabe, com exatidão, quando Ele virá, senão Deus, (Mt 24.36).

No entanto, alguns sinais apontam para a vinda iminente do Mestre, (Mt 24.3; Lc 21.10-11).

A única certeza com relação a esse importante evento para a humanidade é que ele será caracterizado pela anarquia, pela desordem, que teria como clímax a aparição triunfante do anticristo, (2 Ts 2.3-4); donde ele viria trazendo consigo o que chamamos de apostasia, ou seja, o pecado de desviar da fé, servindo a outros deuses, (Mt 24.14).

Nesse cenário haverá perseguição dos cristãos e um quadro generalizado de tribulação.

O desaparecimento do Israel antigo e o surgimento do novo Estado de Israel em 1948 caracterizou-se pela unificação do povo de Deus. Esse evento histórico da maior importância deixa bem claro que a nossa era estava prestes a acabar (Lc 21.14).

Outro marco assaz significativo foi o fato de o povo judeu em 6 de junho de 1967 passar a controlar Jerusalém, tomada por Nabucodonosor em 536 a. C.

A tomada de Jerusalém sinaliza para a aproximação do final do poder do gentio no mundo.

Merece relevância a advertência do Mestre de quando viria anunciar a Sua vinda pela pregação do Santo Evangelho a todos por todos os meios.

Eis alguns fatos que precederão a segunda vinda do Cordeiro:

>Apostasia (Mt 24,19).

>Aparecimento do anticristo (Mt 24.5,23,26).

>Traição (Mc 13.12; Lc 21.16).

>Terremotos (Mt 24.7; Mc 13.8).

>Falsos cristos (Mt 24.24; Mc 13. 6.21-23).

- >Falsos sinais e milagres (Mt 24.24; Mc 13.22).
- >Escassez de alimento em vários lugares (Mt 24.7).
- >Multiplicação da iniquidade (Mt 24.12).
- >Contendas internacionais (Mt 24.7).
- >Perseguição aos cristãos (Mt 24.9; Mc 13.9-13).
- >Epidemias (Lc 31.11).
- >Angústias jamais vistas (Mc 13. 17-19).
- >Guerras e rumores de guerras (Mt 24.6; Mc 13.10).
- >Proclamação mundial do evangelho (Mt 24.14; Mc 13.10).

Desse modo, do exposto, concluímos, com singeleza, que a vinda do Cordeiro verdadeiro pode estar iminente.

A pandemia do coronavírus pode ser um sinal significativo de alerta para que as pessoas parem e pensem no seu próximo, na vida do planeta Terra, nos seres vivos, se corrijam, se autoavaliem e estejam “SEMPER VIGILANS”...



## A VOZ DO FIRMAMENTO

Ouçõ comovido a voz do silêncio.  
Ouçõ comovido a voz da natureza.  
Ouçõ comovido a voz do sidéreo espaço.  
Brisa suave num momento de real grandeza.

Explosão de muitas cores com elos de luz.  
Brilho de ouro no alvo silêncio da noite.  
Tapete celeste cravejado de estrelas.  
Líquidas esmeraldas num arco-íris de paz.

Libélula dourada nos caminhos de luar.  
 Caleidoscópica visão alada.  
 Obra-prima do Criador.  
 Rosas de cristal na pérola celestial.

Aurora boreal num oceano de oração e esperança.  
 Vanguarda lírica no céu de toda gente.  
 Grande fulgor do firmamento.  
 Dádiva do céu para servir eternamente.



## TIBERÍADES

Espelho de cristal reflete o céu de anil.  
 Espumas brancas são rosas flutuantes.  
 O lago dorme seu sono tranquilo.  
 Sol!  
 Céu!  
 Mar! E  
 Ar!  
 O barquinho solitário singra o grande mar.  
 Cristo vive!  
 Cristo salva!  
 Cristo vem!  
 As aves flutuam alegres pelo ar.  
 O mar revolto ou mar sereno é vida.  
 A vida habita no lago.  
 Sementes de fê.  
 Flor d'esperança.  
 Rosa de paz.  
 Delícias gratuitas de Deus.



## PÁSCOA: UM NOVO NASCIMENTO COM JESUS CRISTO

Por que a Páscoa é um novo nascimento de Jesus?

A Páscoa judaica significa: “passagem”. É uma das três grandes festas em comemoração ao êxodo e à libertação da servidão egípcia, que durou cerca de 430 anos, há aproximadamente 3300 anos. (Êx 12.12-14).

A Páscoa cristã é um novo nascimento, onde o Senhor Jesus com Sua Ressurreição e Sua gloriosa ascensão selou a certeza de sua vitória sobre a morte vicária de cruz. Ela não foi em vão e sepultou pelo sangue toda mentira e sofismas do inimigo.

Na Páscoa cristã Jesus é o “Cordeiro de Deus. Aquele que tira o pecado do mundo”, (Jo 1.29).

Essa passagem narra que Jesus, sendo sepultado, não permaneceu no túmulo. Ao contrário, ao terceiro dia ressuscitou dos mortos.

Ele vive eternamente e é o único que confere vida plena e definitiva aos que n’Ele confiam.

No entanto, o ponto mais alto é a subida aos céus ou ascensão, estranhamente pouco citada.

Foram suas últimas palavras: mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda Judeia e Samaria e até aos confins da terra.” (At 1.8).

Quando o Mestre pronunciou estas palavras sagradas, no mesmo instante Ele ascendeu aos céus. Foi subindo, subindo, sendo elevado às alturas à vista dos Seus discípulos; até que Ele sumisse por entre as nuvens.

Assim, Ele, o Senhor Jesus, sofreu o mais cruel e humilhante dos castigos, a crucifixão, em lugar de Jesus Barrabás, o chefe dos criminosos da época, para nos salvar.

No entanto, Ele voltou para o céu, onde se encontra neste exato momento, sustentando todas as coisas pela Palavra do Seu poder, assentado à destra do Pai.

Cristo afirmou categoricamente que foi nos preparar lugar e que voltará, (Hb 1.13), bem assim, (Jo 14. 1-3; Atos 1.9-11).

Nosso Salvador vive!

Posso crer no amanhã!

Ele está na presença de Deus!

Breve virá para arrebatara os seus com celebração e glória nunca jamais vistas!

Nós receberemos nosso Salvador, Jesus Cristo, e faremos parte dessa festa; justificados ou ainda os que irão certamente declarar o senhorio de Nosso Senhor Jesus Cristo no tempo oportuno, estarão no céu, porque Ele está preparando lugar para todos que n’Ele creem.

Aleluia!

Exultai porque:

“Nós temos um novo nascimento com Cristo Jesus. Feliz e santa Páscoa a todos”.



## POR QUE A BOLA ROLA?

A bola rola porque é redonda.

A bola rola porque é livre.

A bola rola com engenho.

A bola rola com arte.

A bola rola por toda parte.

A bola rola inconsciente.

A bola rola naturalmente.

A bola rola calma.

O mundo gira.

A bola roda.

E serelepeia sem cessar.

A liberdade canta no ar!



ISABEL BORAZANIAN

## SABEDORIA DO TEMPO

Na sabedoria do tempo  
o vento trouxe a verdade.  
Na frágil ilusão do momento,  
a vida desnudou a falsidade.

A encenação acabou,  
a cortina do faz de conta caiu,  
as amarras foram rompidas.  
Foi revelada a verdade  
da falsidade que pensava estar escondida.

Tudo que é ilusório se desfaz,  
tudo que é verdadeiro se mantém.  
A verdade verdadeira, sendo boa ou ruim,  
pode até demorar, mas sempre vem.

## CICLOS

No presente que é a vida,  
a vida será o presente,  
o presente será o passado,  
o futuro será o presente  
da existência que está por vir.

Somos todos passageiros,  
somos seres aprendizes,  
estamos aqui de passagem.  
Viver é uma viagem  
com começo, meio e fim.

Com começo, meio e fim,  
viver é uma viagem.  
estamos aqui de passagem.  
Somos seres aprendizes,  
somos todos passageiros.

Da existência que está por vir,  
o futuro será o presente,  
o presente será o passado.  
A vida será o presente,  
no presente que é a vida.

## DOR

Dor na alma  
que não coube no corpo.  
Dor da vida  
que não coube na alma.  
A fala quase não saiu,  
a boca endureceu,  
o choro desceu.  
Dor que doeu nos sentimentos,  
foi inesperado o momento.  
Perdi o chão,  
fiquei sem rumo,  
não estava atenta,  
viraram meu mundo.

## SOMOS

Somos seres multidimensionais  
na esfera que a vida tem.  
A morte também é vida,  
pois, vida ela foi também.

Nos mistérios indagamos,  
nas indagações nos perdemos.  
Podemos nos encontrar  
na certeza que no coração temos,  
que a vida é muito mais  
do que vemos ou percebemos.

## EXPRESSÃO

Expresso sem pressa  
as impressões diversas  
no Universo que versa  
minhas emoções

Minhas emoções  
no Universo que versa  
as expressões diversas  
expresso sem pressa

## SENTIMENTOS

Entre o céu e a terra,  
moram os mistérios.  
Entre a emoção e a razão,  
vivem os homens.  
Entre os homens e a vida,  
habitam os sentimentos.  
Diversos sentimentos.  
Sentimentos diversos.  
Em versos os sentimentos.  
Os sentimentos nos versos.  
Nos versos diversos.  
Diversos sentimentos.  
Diversos, diversos...

## LIMIAR

Meus sonhos querem brincar.  
Não vou impor limites  
nem cercear emoções.  
No limiar  
entre a loucura e a razão,  
meus sonhos passam a brincar.  
Minha alma se liberta,  
mergulha na imaginação.  
Nasce neste momento a poesia  
como forma de expressão.

## ENCANTAMENTO

Entre o real e o sonho  
Nas viagens do sentir  
Cada momento é mágico  
A vida volta a fluir  
Navego entre os momentos  
Tento não me perder  
A vida é preciosa  
Muito mais é o viver  
Entre o real e o sonho  
Nas viagens do sentir  
Tudo é encantamento  
O amor é a força motriz

## LUAR

Quando a lua luava no céu,  
o olhar olhava a lua.  
O brilho filtrado pelo olhar  
penetrou na alma,  
invadiu o coração  
que ficou alegre  
de tanta boniteza.

## VIDA

As incertezas nas certezas,  
nos querereres e não querereres.

A dualidade sim e não,  
são duas flechas distintas  
que, dependendo da escolha,  
andamos no rumo certo  
ou andamos na contramão.

A vida é dualidade.

A vida é desafio.

A vida é andar no fio,  
entre a razão e a emoção.



IVO DE SOUZA

## BONITA E PODEROSA

Nasci para brilhar,  
Não para me estressar  
Por um deslize qualquer.  
Sou feliz comigo mesma,  
Ser alegre é meu lema.  
O meu brilho é ser mulher.

Sou faceira, elegante...  
Minha aura é brilhante  
Como um raio de luz,  
Como o sol de primavera,  
Que entra pela janela  
E queima os corpos nus.

Quando jogo para os lados  
Meus cabelos cacheados,  
Crio uma certa magia.  
As fantasias afloram,  
Os homens imploram,  
Ficar comigo outro dia.

Em minha boca um sorriso  
Mostra o que é preciso  
Para me conquistar.  
Por um toque marcante,  
Uma paixão fulminante,  
Me entrego, me deixo amar.

Meus olhos estão atentos  
A todos os movimentos  
Que surgem como mururé.  
Às vezes finjo espanto  
Para criar um encanto  
E mostrar que sou mulher.

Os meus lábios carnudos,  
Estão sempre desnudos,  
A espera de um beijo.  
De um príncipe encantado,  
Que não seja enlatado,  
Que sinta por mim, desejo!

Os lóbulos de minhas orelhas  
Ficam nas cores vermelhas,  
Quando alguém fala de mim.  
Não importa o que falem,  
Só não quero que se calem,  
Ser mulher é ser assim.

Não sou siliconada,  
Tão pouco esalmada,  
Nem deixo soltos, ao léu.  
Quando sinto um arrepio,  
Como se fosse um cio,  
Os bicos apontam o céu.

Tenho o nariz empinado,  
O orgulho é meu pecado,  
Não adianta eu rezar.  
Olho sempre por cima,  
Às vezes crio um clima,  
Deixo meu corpo falar.

Falo com o dedo em riste,  
Embora eu fique triste,  
Quando apontam para mim.  
Só quero ser ouvida,  
Sem ser interrompida,  
Bato o pé até o fim.

Minhas mãos comunicantes,  
Não param um só instante,  
Num verdadeiro balé.  
Com movimentos perfeitos,  
Consgo achar um jeito,  
De dizer que sou mulher.

O meu “bumbum” saliente,  
Arranca suspiros ardentes,  
Quase todos desejosos.  
Sinto que sou querida,  
Não me sinto ofendida,  
Com olhares libidinosos.

Com minha barriga de fora,  
O meu umbigo aflora,  
E mostra uma bela imagem.  
Meu corpo começa a tremer,  
Quando alguém deseja ver,  
O final da tatuagem.

Quando uso saia curta,  
E vejo que alguém surta,  
Por causa do meu joelho.  
Mantenho a perna cruzada  
Para não ser provocada.  
Nem aguçar mais desejo.

Quando recebo uma cantada,  
Faço cara de assustada,  
Ou finjo um tipo qualquer.  
Minha pele fica macia,  
Razão de minha euforia,  
Sou feliz por ser mulher.

Respiro pausadamente,  
Sem contrair o ventre,  
Controlando a emoção.  
Tenho um corpo perfeito,  
Não vejo nenhum defeito,  
Meu glamour é a paixão.

Os meus pés delicados,  
Estão sempre bem cuidados,  
Como os de uma bailarina.  
Se me pedem que eu espiche  
É porque sentem fetiche  
Ou meu corpo que os fascina.

Por todas estas razões,  
Sinto muitas sensações,  
E desejo de gritar:  
Sou bonita, sou gostosa...  
Sou sexy, sou poderosa...  
Eu nasci para brilhar.

## TENHO MEDO

Tenho medo...

De ver o tempo parar,

O sol não mais brilhar,

Nem a lua aparecer.

O céu ficar escuro,

Os animais ficarem mudos,

A planta não florescer.

Tenho medo...

De ficar sem um abrigo,

Não perceber o perigo

Escondido nas esquinas.

Ao seguir pelos caminhos

Ferir-me com os espinhos,

Cair entre as ruínas.

Tenho medo...

De caminhar no escuro,

De tudo que é espúrio,

De tudo que é medonho.

Das coisas que me assustam,

Coisas que não se escutam,

Ou que me deixam tristonho.

Tenho medo...  
Que, de repente, um dia,  
Meu sonho, minha fantasia,  
Não possa se realizar.  
Que o mal vença o bem,  
De não conhecer ninguém,  
Que possa me acompanhar.

Tenho medo...  
Que as notícias dos jornais  
Tragam entre suas vogais  
Só discórdia, nunca a paz.  
De só expressar mentiras,  
Propagando as intrigas,  
E a corrupção voraz.

Tenho medo...  
De encontrar uma estrada,  
Cheia de encruzilhada,  
Sem qualquer indicação.  
No meio da tempestade,  
O sol não ser majestade,  
E não servir de orientação.

Tenho medo...  
De esquecer o meu nome  
Ver criança passar fome  
E não conseguir ajudar.  
De perder a consciência  
E durante esta falência  
Meu mundo prejudicar.

Tenho medo...  
Que o aquecimento global  
Se torne uma coisa normal  
Entre as novas gerações,  
Que as nossas geleiras  
Inundem nossas costeiras  
E atinjam nossos sertões.

Tenho medo...  
Que o clima do planeta  
Permita que um cometa  
Possa nos arrasar.  
Que meus ouvidos ensurdeçam  
Os meus olhos escureçam  
E eu não possa ver o mar.

## O GRITO DA TERRA

Não me destruas, grita a terra  
Nem me provoques erosão.  
Se me desnudas, fico pobre.  
Fico sem meu lado nobre,  
Onde cresce a plantação.

Não me desmates, grita a mata,  
Nem promovas esta queimada.  
Secas a terra que me aterra  
E a água que me afaga.

Não me envenenes, grita a água,  
Nem seques meu manancial.  
Pura sou fonte da vida,  
Da terra a melhor bebida  
Para flora e todo animal.

Não me poluas, grita o ar,  
Nem tentes modificar  
A minha composição.  
Se deixares de ser idôneo  
Destruindo a camada de ozônio  
O sol aquece este chão.

Não me agites, grita o mar,  
Nem derretas as geleiras,  
Revolto posso avançar  
Muito acima das costeiras.

Não me mates, grita a caça,  
Nem extingas minha raça.  
Sejas amigo comigo  
Que a terra eu fertilizo.

Não me exclusas, grita a lua,  
Nem me imponhas restrição.  
Deixes que a minha luz flua,  
Quero ver a terra nua  
Iluminar este chão.

Mata, caça, água, lua...  
A natureza é toda sua.  
Preserve-a de coração.  
Não destruas esta energia  
Que este sistema envia  
A toda nossa geração.

**JOÃO CARLOS BIAGINI**

## HOMICÍDIOS INTRAUTERINOS SÃO CRIMES HEDIONDOS

Desde 1991, com a apresentação do Projeto de Lei 1.135/91, pelos deputados petistas Sandra Starling e Eduardo Jorge, na Câmara Federal, a pressão para a descriminalização do aborto ou interrupção da gravidez vem aumentando. A cartada final é a ADPF-442 ajuizada pelo PSOL.

O aborto é sempre a eliminação de uma vida humana. Porém, o Código Penal prevê as hipóteses da concorrência entre a vida do bebê e da mãe e do estupro, que é decorrente da relação sexual forçada, não desejada e sem consentimento da mulher.

A análise que nos propomos a fazer se prenderá à relação sexual consentida. Homem e mulher praticam o ato sexual de livre e espontânea vontade. A gravidez, se acontecer, será inesperada. Então, analisaremos o crime cometido conscientemente – relação sexual consentida – e com o objetivo de eliminar a vida do bebê em gestação, só para matar a vida.

Neste exame, não englobaremos o cálculo das penas, conhecido como dosimetria da pena, baseado na compensação das circunstâncias agravantes com as atenuantes, conforme artigos 61 a 68 do Código Penal. Também não será examinado o homicídio em estado puerperal do artigo 123-CP, no qual a mulher está mentalmente perturbada.

O que se pretende mostrar é que o aborto, caracterizado no artigo 124, com pena de um a três anos; no 125, com pena de três a dez anos, e no 126, com pena de um a quatro anos, não pode ser considerado crime banal, visto que praticado contra a vida humana. Dependendo do sexo do bebê é um homicídio ou feminicídio intrauterino, que pode, em nosso entendimento, ser enquadrado como crime hediondo.

O crime de homicídio, capitulado no artigo 121 do Código Penal, está descrito como matar alguém. Matar alguém significa matar uma pessoa humana em qualquer estágio de sua vida: no intrauterino, de recém-nascido, de criança, de pré-adolescente, de adolescente, de jovem, adulto ou idoso, de qualquer sexo. Recentemente foi criada a agravante do feminicídio pela Lei 13.104., de 9 de março de 2015.

O crime de matar, cuja pena é de reclusão de 6 a 20 anos, tem várias circunstâncias ou motivos para o aumento de pena, incluídos sob o título de homicídio qualificado. Estão no parágrafo 2º do artigo 121 do Código Penal, com estas redações:

#### Homicídio qualificado

§2º. Se o crime é cometido:

I - mediante paga ou promessa de recompensa, ou por outro motivo torpe;

O motivo da eliminação da vida do bebê no útero é torpe porque é socialmente reprovável, indigno, imoral, pois visa eliminar a vida humana intrauterina oriunda de uma relação sexual consentida. O inocente bebê é condenado à pena de morte, sem nenhuma razão.

## II - por motivo fútil;

Não raras vezes, é alegada razão econômica. Não há nenhuma razão para eliminar a vida intrauterina com essa justificativa. O artigo 227 da Constituição Federal prescreve os deveres da família, da sociedade e do Estado de garantir o direito à vida. Na parte familiar existe a possibilidade de fixação de pensão alimentícia a ser paga pelos avós maternos ou paternos, ou pelos irmãos, conforme os artigos 1.696 a 1698 do Código Civil. O Estado e a sociedade também devem suportar os encargos da manutenção das vidas dos brasileirinhos e das brasileirinhas, em gestação ou depois de nascidos. Por essas razões, não há motivos para o homicídio intrauterino por razões econômicas.

## III - com emprego de veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou outro meio insidioso ou cruel, ou de que possa resultar perigo comum;

O homicídio intrauterino é cometido com requintes de crueldade e violência: com o uso de veneno, quando são introduzidas substâncias químicas para dissolver o bebê; por asfixia e tortura, quando a criança é caçada dentro do útero, pelo instrumento cirúrgico denominado pinça winter, para esmagar as partes de seu corpo. O grito silencioso, filme gravado pelo médico americano Bernard Nathanson, que realizou milhares de abortos e deixou de

realizá-los após ver o ultrassom de um aborto, mostra o sofrimento do bebê para fugir da morte;

IV - à traição, de emboscada, ou mediante dissimulação ou outro recurso que dificulte ou torne impossível a defesa do ofendido;

O bebê não tem nenhuma possibilidade de se defender. Apenas tenta fugir do veneno ou da pinça.

V - para assegurar a execução, a ocultação, a impunidade ou vantagem de outro crime;

O ato sexual foi consentido e a gravidez é inesperada. Homem e mulher se conhecem. Para conseguirem o aborto, alegam que houve estupro. Mas não indicam o estuprador. Logo, caracteriza-se uma falsa comunicação de crime e o acobertamento do criminoso.

VI - contra a mulher por razões da condição de sexo feminino;

No caso do feminicídio intrauterino, ainda teremos de considerar o aumento da pena previsto no parágrafo 7º e seus incisos, também do artigo 121 do Código Penal:

§ 7º A pena do feminicídio é aumentada de 1/3 (um terço) até a metade se o crime for praticado:

I - durante a gestação ou nos 3 (três) meses posteriores ao parto;

Se o bebê for do sexo feminino, também essa qualificadora incide sobre o ato criminoso.

VII – contra autoridade ou agente descrito nos artigos 142 e 144 da Constituição Federal, integrantes do sistema prisional e da Força Nacional de Segurança Pública, no exercício da função ou em decorrência dela, ou contra seu cônjuge, companheiro ou parente consanguíneo até terceiro grau, em razão dessa condição:

O crime de homicídio intrauterino é cometido contra o próprio filho do casal que participou do ato sexual consentido, ou seja, descendente e parente consanguíneo de primeiro grau.

Da análise posta acima, podemos concluir que o aborto, capitulado nos artigos 124 a 126, não é um crime banal e não pode ter penas tão leves. É um homicídio intrauterino violento ao qual se pode aplicar todas as qualificadoras do artigo 121-Código Penal.

Em nosso entender, o homicídio intrauterino, que pode ser apenado com todas as qualificadoras do artigo 121, deveria ser classificado pelo Legislativo e Judiciário como crime hediondo.

## ÁRVORE, FLORESTA E O SÍNODO DA AMAZÔNIA

Muito tem sido dito sobre o Sínodo da Amazônia. A maioria dos comentários é contrária à sua realização. Críticas contundentes foram e são feitas ao cardeal Dom Cláudio Hummes e ao papa Francisco. As pessoas o analisam sob a sua ótica particular, sem se dar conta que a Igreja Católica é universal. Atinge e orienta o pensamento de todos, com base na Doutrina Cristã, que mudou o Mundo.

Todos nós, seres humanos, convivemos com os demais seres – peixes, animais, plantas e outros seres vivos – com a própria terra, a água e o ar. Enfim, formamos um conjunto que deveria ser harmônico.

Em nossa opinião, o orgulho e a vaidade são os maiores pecados do ser humano, dos quais advêm todas as mazelas do mundo: a necessidade da dominação de tudo e de todos, sem se importar com a condição de cada um; a busca incessante pela riqueza, sem medir as consequências e a dominação dos povos, com a destruição da natureza e o esmagamento das pessoas, seja por armas ou por ideias.

Um amigo, adversário nas ideias porque estávamos em situações contrapostas, nas convenções ou assembleias das quais participávamos, sempre dizia: vocês estão enxergando somente a árvore; precisam observar a floresta. Penso que muitos dos presentes não entendiam a observação dele, que é esta: precisamos analisar o interesse conjunto, ou bem comum, a floresta, e não o individual e pessoal, que pode colidir com o geral.

No caso do Sínodo da Amazônia, entendemos que muitas pessoas não enxergam a floresta. A Igreja é universal e com sua Doutrina Cristã atinge todos os cantos do planeta. A criação divina engloba todo o universo: Deus disse: “Haja luz”; “Haja um firmamento, no meio das águas e que ele separe as águas das águas”. E, conforme relatado em Gênesis, 1-3, Deus criou todos os seres e coisas para conviverem harmoniosamente. O corpo humano também faz parte do meio ambiente.

O Santo Padre, em sua unguida cátedra, para atingir todo o planeta teria que dar um nome ao evento. Poderia ser o Sínodo da África, com suas guerras fratricidas; da Síria, em total destruição do povo, ou qualquer outro. Mas não teria a repercussão que terá com o nome de Amazônia, que sempre esteve na pauta das discussões mundiais.

A árvore é a Amazônia, a floresta é todo o planeta. O objetivo do papa Francisco com o Sínodo é mudar o pensamento do mundo, seguindo o mandamento de Cristo: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Gl 5,4.).

As conclusões do Sínodo, composto por prelados sábios e experientes de todas as nações, servirá de caminho para uma mudança de postura e pensamento do mundo, não só do povo brasileiro.

“Senhor, aumentai a nossa fé”. Devemos enxergar a floresta, ter fé em Cristo, no papa Francisco, seu apóstolo, e na Igreja Católica.

## UM TRIBUNAL PARA CHAMAR DE MEU

Moro, num país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza.

Meu país tem uma Constituição promulgada sob as bênçãos de Deus.

Meu país tem rios e mares abundantes, flora e fauna exuberantes.

Um povo pacato, amigo e cordato.

Enfim, que eu quereria mais para mim?

Gostaria de ter um tribunal para chamar de meu.

Que eu pudesse entender e ver a lógica de suas decisões.

Que não deixasse ladrões de sardinha nas prisões

e que também não libertasse figurões.

Gostaria que as leis fossem aplicadas

como foram pensadas e idealizadas.

Gostaria que o meu tribunal obedecesse às normas aprovadas  
no parlamento eleito pelo povo e que o representa,

Que não misturasse ideologia e política nos julgamentos,

Que escrevesse em suas decisões somente os jurídicos fun-  
damentos.

Um tribunal para buscar a paz entre os litigantes

E não provocar a guerra entre seus habitantes.

Um tribunal que olhasse somente a causa no processo corrente,

Sem saber o nome ou a qualificação das partes oponentes.

Gostaria que o meu tribunal fosse coerente,

Julgasse com justiça, sem diferença, toda a gente.

A minha esperança já dura muito tempo, mas não morreu,

Um dia, ainda terei um tribunal para chamar de meu!

---

João Carlos Biagini - Advogado na Advocacia Biagini. Coordenador do Departamento Jurídico da Diocese de Guarulhos. Membro do Conselho Econômico da Diocese de Guarulhos. Membro do IDVF – Instituto de Defesa da Vida e da Família e seu procurador na ADPF 442-STF. Membro da Academia Guarulhense de Letras. Membro da Diretoria da Irmandade Santa Casa de Guarulhos. Diretor Secretário da UJUCASP-União de Juristas Católicos de São Paulo. Capítulo no livro “Imunidades das Instituições Religiosas”, coordenado pelos Profs. Drs. Ives Gandra da Silva Martins e Paulo de Barros Carvalho, Noeses, 2015. Autor do livro “Aborto, cristãos e ativismo do STF”, AllPrint, 2017. Capítulo do livro “Tratado Brasil Santa Sé”, coordenado pelos Profs. Drs. Ives Gandra da Silva Martins e Paulo de Barros Carvalho, Noeses, 2018 e coordenador de capítulo no livro “A família na Constituição Brasileira”, Noeses, 2019.



**JOSÉ AUGUSTO RODRIGUES PINHEIRO**

## GRATIDÃO ETERNA AOS AMADOS ANTEPASSADOS

Há mais de um mês nós vivemos o isolamento social... Quantas lições eu tenho aprendido com este período compulsório de devotamento ao Sagrado Lar e às pessoas que o coabitam comigo. Creio conhecer a minha família hoje como jamais tive a oportunidade antes. Passamos dias juntos, normalmente, nas férias do trabalho e da escola do filho. Agora, tudo é diferente: nós nos relacionamos em todos os momentos, desde o alegre despertar até a hora de dizer boa noite. “Sinônimo de amor é amar”, já dizia o poeta Zé Ramalho.

Nas prazerosas horas de leitura das obras que compõem a minha biblioteca – tão rica e somente agora convenientemente explorada –, eu reflito sobre quem eu desejo ser depois que tudo isto passar. Sim, porque um dia a nossa existência será parecida com o que foi outrora. Eu creio. Esse turbilhão de emoções, de números e de nomes será superado por nós. Qual José Augusto eu desejo ver refletido no espelho quando eu puder abraçar as pessoas novamente? Alguém melhor que antes da pandemia, espero. Quais serão os meus objetivos de vida – serão diferentes dos acalentados até aqui?

Nessas horas de autoconhecimento, com pensamentos nem sempre bem organizados, eu me lembro de meus pais e nossos ancestrais. Gratidão é a palavra de ordem a esses seres que me conduziram até o tempo presente. Como esta imensa crise, eles também passaram. Em sua época, nossos antepassados enfrentaram provas das mais diversas magnitudes. E eles venceram todas! Meus pais sentiram os efeitos – mesmo a distância – da II Guerra Mundial. Há mais de 100 anos, meus avós tiveram de enfrentar a Gripe Espanhola. E resistiram, com bravura e dignidade.

Voltando a 2020, eu estou bastante empolgado com as perspectivas que serão abertas depois do fim da covid-19. Fortemente voltados para o que realmente tem valor, os filhos de Deus serão ainda mais fraternos e solidários. O confinamento nos mostra claramente o que representa a liberdade de ir e vir, o calor de um abraço nas pessoas queridas, o contato ‘olho no olho’ com personalidades que apreciamos no nosso dia a dia, a possibilidade de respirar sem a necessidade de máscara escondendo o nosso sorriso, e o por aí vai... Algum dia, nós contaremos esta história para os nossos filhos e netos ainda não nascidos. E na visão destes, nós seremos os vencedores – a exemplo de nossos amados e destemidos antepassados.

Em tempo – A minha justa homenagem a todos os verdadeiros mártires, cuja vida foi ceifada nas últimas semanas. Muito em breve, se Deus quiser, os cientistas encontrarão a cura para o mal do século XXI.

## OS OBSTÁCULOS SURGEM PARA SEREM SUPERADOS

Nós vivemos tempos delicados, que exigem paz de espírito. Experimentamos momentos que nos conduzem facilmente ao profundo lamento daquilo que ainda não temos ou não somos. Uma determinação em relacionar, de forma impiedosa para conosco mesmo, os pontos obscuros de nossa jornada. Esses pontos, muitas vezes, só existem na nossa mente. Porém, nestes dias de confinamento e de baixa autoestima, parecem representar verdades absolutas. O que fazer nas horas mais difíceis?

A tendência natural quando estamos desanimados é a de jogarmos tudo para o alto; buscarmos novos horizontes e, se possível, iniciarmos tudo de novo. Alguns poderiam até desejar a improvável solução de evaporarem, como que tocados por mágica. Em condições normais, isso não ocorre. Assim, nós devemos encontrar solução mais palpável. Existe sempre uma excelente razão para nós estarmos aqui. A nossa presença, portanto, é fundamental. A saída para todo e qualquer problema existe, isto é certo. Já compreendemos a verdade de que não enfrentamos nenhuma situação que não nos traga ao menos um ensinamento e, principalmente, que nos enriqueça com a experiência de sua superação.

Diante do obstáculo, jamais desista! As pedras no caminho são as nossas melhores professoras; portanto, enfrente-as com toda a sua coragem e plena determinação. Não tenha medo! Acredite no seu potencial infinito e na sua força espiritual. Só a resistência nos acrescenta musculatura. A chamada zona de conforto nunca concedeu a ninguém sequer um milímetro na escala da evolução. Há pessoas que vivem simplesmente gastando o tempo – o maior e mais precioso de todos os bens. Não haverá reposição para o que for desperdiçado.

Desanimou? Então: 1) não tome nenhuma decisão neste momento; 2) consulte a voz da sua consciência (peça iluminação a Deus, ore); 3) procure respirar profundamente e beber ao menos 1,5 litro de água por dia; 4) lembre-se das ocasiões passadas nas quais você simplesmente brilhou; 5) levante a cabeça e os braços, e olhe para o alto; 6) diga em alto e bom som: “Eu posso fazer melhor; eu estou reagindo”; 7) observe a sua volta: há situações piores (talvez você possa estender a sua mão); 8) siga o caminho para o sucesso: Você nasceu para vencer!

Nunca, jamais, em tempo algum desista dos seus objetivos. Quem deseja obter resultados expressivos precisa, antes, encontrar a paciência em seu interior. Pratique o autocontrole quando estiver triste. Siga o que diz o seu coração. A partir de agora, vai dar tudo certo. Como um rio, a vida segue o seu curso natural.

Vamos lá! Juntos, todos nós superaremos este momento. E o mais importante: tudo passa...

## EU ME IMPORTO COM O SEU BEM-ESTAR. ‘COMO VAI VOCÊ?’

Com o advento da quarentena, livros que acumulavam tempo de estante em passado não tão distante agora têm contado com a minha plena atenção. Nos últimos dias acompanha-me em todas as horas a obra “O Poder do Agora”, de Eckhart Tolle. A aquisição do livro ocorreu em 2002; há 18 anos, portanto. Somente agora eu encontrei a disposição e o tempo necessários para empreender a leitura das 222 páginas. Confesso estar encantado com o texto que considera o presente como sendo o único tempo existente. “Ontem e amanhã são ilusões”, diz o autor.

Quem vive preso ao passado, valorizando experiências infelizes, tem forte propensão a desenvolver o medo e a depressão. Por outro lado, quem está ansioso pela chegada de determinada data tenta tocar o que ainda não é real. O novo coronavírus tem nos ensinado muitas lições. Uma delas é a de que o futuro é tão-somente uma mera possibilidade no horizonte. O Agora, portanto, merece a nossa concentração absoluta. Só consigo escrever algo que faça sentido se eu estiver focado no que pretendo transmitir aos leitores.

No livro, Eckhart Tolle propõe vários momentos de reflexão. Foi em uma das pausas que eu tive esta iluminação: elaborar lista com o nome de pessoas queridas na atual caminhada pela Terra. As relações humanas representam o mais nobre e edificante laboratório de Vida. Sozinhos, nada somos. No maravilhoso mundo dos contatos interpessoais, nós desbastamos a pedra bruta e nos alinhamos na direção do Criador. Chegar lá, porém, são outros quinhentos trilhões de anos-luz. Temos tempo!

Cinquenta pessoas, divididas em cinco grupos. A cada dia, 10 pessoas vão receber a nossa mensagem por whatsapp, contendo breve saudação e a pergunta mais importante que existe: ‘como vai você?’. Quão prazeroso é-nos recebermos palavras com este teor, sentindo na outra parte o interesse em nosso bem-estar. Causa estranheza à maioria a singeleza da mensagem porque nós nos acostumamos a ser contactados, apenas, quando precisam de nossos talentos. Servir é a nossa missão por aqui...

Nesta semana eu dei início a tal experiência. Proponho a você fazer o mesmo. Caso os meus 50 contatos perguntem ‘como vai você?’ para outros 50, já serão 2.500 pessoas mais felizes; se estas repetirem o ato, 125.000 humanos vão se sentir mais valorizados. Se estes contagiados seres enviarem a mensagem para outras 10 pessoas, praticamente toda a cidade de Guarulhos estará coberta por esta onda de fraternidade. E tudo isso em apenas uma semana, pois a ideia é repetir a dose sete dias depois do início da prazerosa missão. Que tal começar agora?

## SOMOS TODOS UM!

Na noite passada eu sonhei que escrevia este artigo. O tema era o pedido de orações de um amigo para a sua esposa. Ela se preparava para submeter-se a intervenção cirúrgica e, com a idade avançada, precisava de cuidados intensivos para superar importante crise. No sonho, tudo parecia fazer sentido. Uma vez acordado, dei-me conta de que não conheço tal senhora. O que teria ocorrido?

Ao refletir sobre o significado de mais esse sonho, cheguei à conclusão de que, na verdade, eu deveria fazer orações pelas pessoas que precisam de ajuda. A idade? Todas. O problema enfrentado? Qualquer um. Nós todos estamos no mesmo barco e precisamos orar e auxiliarmo-nos uns aos outros. O Planeta está doente, mas tem cura. Nós, seres humanos, também temos conserto. O Concerto Divino não foi e jamais será em vão.

A Solidariedade e o Amor Fraternal serão as principais bandeiras que nos conduzirão à Luz que está no fim do túnel. O importante, agora, é sabermos que o túnel tem fim. Mais cedo ou mais tarde, esta tempestade invisível irá passar. A fé será fundamental na hora presente e no porvir. Daí a necessidade de orarmos...

Uma das resoluções tomadas pela família Pinheiro foi a de nos reunirmos de três em três horas, a partir das 9h da manhã, com o objetivo de pedirmos força espiritual para enfrentarmos cada um dos dias que nos restam. Clamamos, também, pela Cura do Planeta Terra. Con-

sequentemente, os filhos de Deus e a Natureza estão inclusos na prece. Aliás, a Mãe-Natureza agradece pela ‘trégua’ durante a quarentena.

Enquanto eu escrevia o parágrafo anterior, soou a campainha de casa. Era o até então desconhecido Clayton Samuel, de trinta e poucos anos, solicitando auxílio para comprar uma pomada que irá curar a ferida em sua perna direita. O moço fez-me lembrar que, além da oração, nós precisamos nos ajudar mutuamente. Enquanto os irmãos e as irmãs desprovidos de esperança estiverem pedindo algo, nós poderemos escolher o próximo passo: compartilharmos o pão ou fecharmos os olhos para as necessidades alheias...

Eu insisto! A Solidariedade e o Amor Fraternal devem ser praticados à exaustão, até o dia em que nenhum ser vivente passará por privações de ordem alguma. Nessa ocasião histórica, o Paraíso terá sido alcançado aqui mesmo – em Vida! Tudo o que precisamos entender é que eu e você somos um só, e que devo lhe proporcionar o mesmo tratamento que eu desejo receber. “Amavos uns aos outros” foi a frase mais importante pronunciada há 2.000 anos por um jovem judeu. A lição é muito conhecida, mas precisa ser completamente assimilada.

Em tempo – Oro fervorosamente pela integridade física dos profissionais da Saúde. Super-heróis, muito obrigado!

### A III GUERRA MUNDIAL TEM UM VÍRUS COMO ALVO COMUM

Alguns anos depois de concluir os estudos da Faculdade de Direito, noite após noite eu tive um sonho recorrente: eu voltava à escola e reencontrava os colegas de sala, que me perguntavam se eu havia estudado para a prova. “Prova???”. Felizmente, a experiência terminava aí. Bem, o dia da Grande Prova chegou! Nós estamos vivendo tal situação em toda a Escola Planetária. Quem se preparou bem terá melhores chances de promoção.

A maneira como nós reagimos a um fato é mais importante

do que o próprio fato. E haja poder de reação para que a humanidade supere conjuntamente esta verdadeira guerra contra o novo coronavírus – inimigo comum e invisível. O isolamento social tornou-se a medida emergencial para domar o vírus, impedindo-o de ampliar o número de baixas em nossas fileiras.

Há somente duas certezas na vida: a primeira é a de que as mudanças são inevitáveis; a segunda, é que nós pagaremos impostos. A lição número um nos tem ensinado que os vencedores serão aqueles mais flexíveis aos novos tempos; os seres iluminados que – a exemplo das formigas, na famosa fábula – dedicaram tempo e energia a um estudo mais aprofundado do nosso trabalho por aqui. Bem como os previdentes que constituíram colchão de segurança, a fim de suportar o inverno rigoroso em qualquer época. Quem não se preparou, sejam pessoas ou países, vão precisar da solidariedade alheia. Existe, porém, o lado bom em quaisquer circunstâncias. Vamos precisar de todos os esforços para a superação desta desafiadora prova de resistência física, mental e psicológica, com exercícios complexos que deverão ser feitos em conjunto.

Até aqui, China, Itália, Irã, Espanha e Estados Unidos têm sofrido as maiores perdas no front. Contudo, médicos russos, alemães e cubanos deslocaram-se para os territórios mais afetados, a fim de diminuir a dor dos combatentes. Na bagagem dos legionários da Boa Vontade estão vacinas, medicamentos, máscaras protetoras e muito Amor Fraternal. Esta é uma guerra diferente, mas igualmente importante como divisor de águas na História da Humanidade.

Nos últimos 75 anos, desde o fim da 2<sup>a</sup>. Guerra Mundial (1939-45), a humanidade já passou por inúmeras batalhas nos campos político e econômico. Questões internacionais fugiram do terreno diplomático e partiram para a queda de braço. Na saúde, também houve inúmeros desafios. Nada, porém, que se compare ao momento presente. A sensação é a de que tudo o que ocorreu até aqui, desde a Idade da Pedra Lascada, somente nos preparou para o que ainda está por vir. Que Deus nos fortaleça o corpo físico e, principalmente, o espírito.

## SAEM DE CENA ABRAÇOS E BEIJOS, ENTRAM ACENOS E ORAÇÕES NO LAR

Axioma é a afirmação que não precisa ser provada por estabelecer consenso. A rigor, por ser ponto pacífico, essa afirmação é prontamente aceita e serve para a dedução de outras verdades. Assim, lá vai: “Tudo tem propósito na Vida”. O nosso tema é a pandemia do novo coronavírus, causador da Covid-19, mal de origem chinesa, que se transportou para a Europa e aportou de forma avassaladora nas Américas.

O mundo nunca mais será o mesmo. Em um plano de tantas incertezas, as raras convicções de outrora vão desaparecer em meses. Exige-se de nós o poder de adaptação do qual eram dotados os nossos ancestrais, aqueles que viviam nas cavernas para se proteger dos predadores e do frio inclemente. Ao saírem em busca de alimentos, nossos venturosos antepassados logo perceberam que, em grupo, havia maior probabilidade de eles retornarem inteiros.

Milhares de anos depois, nós, descendentes daqueles que conseguiram sobreviver aos perigos da época, ainda estamos vivendo em comunidades como forma de autopreservação da espécie. Somos sete bilhões de seres pensantes e altamente desenvolvidos formando a civilização tecnológica, cujo domínio da ciência alavancou a expectativa de vida de três para quase oito décadas em apenas dois mil anos. Contudo, no momento nós estamos muito ocupados tentando superar um parasita intracelular, invasor do nosso sistema respiratório.

Então, qual será o propósito de nós estarmos vivendo tal experiência? A começar pela redução dos abraços e beijos fraternais, que sempre caracterizaram a brava gente brasileira – afável e solidária. Agora recomenda-se que as conversas obedeçam a distância segura e contato meramente visual, como acenos e saudações orientais.

Vamos precisar de muitas orações. E que sejam em família, tendo em vista que a principal orientação é a de que fiquemos no

Lar. Talvez seja este o propósito principal de tudo isto: voltarmos para dentro de nós mesmos e nos reconciliarmos com aqueles que compõem o nosso clã principal. Voltarmos a conversar com os entes queridos, olhando diretamente nos olhos, e falando com o coração aberto e a mente agradecida pelas lições compartilhadas; praticarmos novamente hábitos saudáveis como fazer simultaneamente as refeições, sem preocupações de horários, tampouco de compromissos sociais externos.

Nos momentos de introspecção a sugestão da casa é a meditação, acompanhada da leitura de livros edificantes. Voltaremos a nos reunir em torno da fogueira simbólica que irá queimar as nossas efêmeras ilusões materiais. Quem sabe, para sempre! A fera será vencida, e a Luz do Amor brilhará novamente.

## O POETA DA PAZ: CASTELO DE VERSOS; TALENTOS DIVERSOS.

Em Sua Infinita Sabedoria, Deus jamais concebeu dois filhos absolutamente iguais. A começar pela impressão digital, cujo desenho é pessoal e intransferível. Não há dois seres humanos com a mesma fórmula genética. Então, o que dizer de alguém completamente diferente do padrão? Um ser dotado de plena simplicidade, sem perder a sagacidade dos grandes pensadores; homem humilde dotado da mais elevada sensibilidade poética, artística e jornalística. Uma figura humana desprovida de ego, que não se importava com rigorosamente nada que representasse as frívolas convenções sociais.

Eu conheci esse homem e com ele pude desfrutar de comentários brilhantes e paradoxais, cujo teor tinha um quê de ‘inconformismo resignado’, um toque de ‘fé ateia’, uma compleição diminuta abrigando homem de elevada estatura moral. Ele era dotado de talentos diversos, contados em versos e prosa. Fez da sua singeleza de espírito o maior de seus inúmeros atributos pouco convencionais. O

jornalista Hanssen escrevia com a pena pesada; o poeta Castelo flava ludicamente com as palavras. Com sutileza, expressava as verdades superlativas com frases curtas. Mesmo silente, era eloquente.

Poucos dias depois de seu passamento, o coração aperta de saudade dos nossos diálogos. Não sei dizer se foram muitos, mas foram suficientes para cativar o coração deste neófito. Eu já havia observado Castelo a distância muitas vezes. Alguém desprovido de amor fraterno não se empolgaria com o seu biótipo. Algo, porém, dizia que eu aprenderia muito com ele. Veio o ano de 2001, e o jornal Olho Vivo completou 20 anos. Fui destacado para narrar a vitoriosa história do periódico. Naquele dia, no Open Hall, Valdir Carleto homenageou Castelo Hanssen: “Este homem representa o poder”. Valdir estava certo!

“Se quiser pôr à prova o caráter de um homem, dê-lhe poder”, disse Abraham Lincoln. Em 2008 Castelo se tornou presidente da Academia Guarulhense de Letras, mas manteve a postura serena e equilibrada. Em sua gestão, marcou presença em todos os eventos culturais da cidade – ainda que já tivesse que conciliar a reduzida visão física com as limitações motoras. É dele a frase mais interessante que eu ouvi sobre a condição dos acadêmicos, cujas ideias impressas têm a perspectiva da perenidade: “Nós seremos imortais até o dia de nossa morte”.

Castelo vive! E viverá para sempre no coração de quem crê na imortalidade da Alma. Onde quer que o poeta esteja agora, ele deve estar brincando – livre, leve e solto, adjetivos que o caracterizaram em sua emblemática passagem pela Terra. Voe em Paz, amado mestre Castelo!

---

José Augusto Pinheiro, guarulhense, nascido em 1963, é jornalista, palestrante, mestre de cerimônias, coach e orador da Academia Guarulhense de Letras; autor do livro “Dia após Dia, Disciplina e Gratidão”.

**JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO**

## CRÔNICA <sup>1</sup>

### O CÃO E O TRAPO

A caminho do trabalho, sete e quarenta da manhã, de uma segunda-feira. Fazia um pouco de frio, era começo do inverno de 2010. Peri deparou-se com uma cena tão... não sei exatamente qual o adjetivo. Mas à medida que discorrer a historinha talvez o tenhamos encontrado.

Na Avenida Otávio Braga de Mesquita, desceu do ônibus dois pontos antes de chegar à Praça Oito de Dezembro. Bairro do Taboão, cidade de Guarulhos. Na calçada que o ônibus o deixou, voltou uns trinta metros. Passou pela banca de jornais e entrou na primeira esquerda. Rua Pedro de Toledo.

Continuou pelo passeio. Entre o alto e amarelo muro de uma indústria de caixas de papelão, à esquerda, e as pequenas árvores à

---

<sup>1</sup> JERÔNIMO, J.R. *Peri & Pécias no Trânsito - Crônicas*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

direita, de tal modo inclinadas para o lado do muro, que pareciam querer encontrar-se com ele. Foi então que avistou, na mesma calçada, vindo em sentido contrário, um pequeno cão e seu dono.

Não consegui não prestar atenção. Solto, sem coleira, amarelo de nascença e marrom de vivência, devido à sujidade, o cachorrinho trazia em sua boca um trapo. Era um pano de prato, bem encardido. Seu dono era um homem de aparência simples, perto de seus cinquenta anos. Meio encolhido de frio, com pouco agasalho, vinha depois do cão.

Não existia nesse momento outra coisa no mundo para aquele animal, apenas o trapo, encardido. Ele o jogava para cima, corria, pegava, atirava para o lado. Ia, agarrava outra vez. Chacoalhava de uma parte a outra. Lançava adiante. Apressava-se e o apanhava novamente. Fazia isto sem parar e sempre em frente. De modo que o homem que o seguia não precisava reduzir a marcha. Pois o cão, brincando, ia adiantando-se no caminho. Tal era sua concentração e alegria com o trapo, encardido, que não apenas Peri ria daquilo, como também o homem que o acompanhava.

Dentro em pouco, quando Peri olhou para trás, não mais os viu. Os dois, cão e dono, sumiram na esquina.

Peri seguiu seu caminho pensando sobre aquela cena e aqueles instantes que acabara de presenciar. Considerou a ideia de que na vida, às vezes, deve-se agir como aquele cãozinho. Não no que concerne a liderar alguém numa caminhada, brincando com um trapo, encardido, mas ao fato de que há circunstâncias em que é preciso absorver-se com alguma tarefa. Pelo simples e único motivo de que, nesse momento, seja importante desligar-se de certos pensamentos e lembranças. E assim, reduzir-se quaisquer influên-

cias negativas. Como disse o pensador estadunidense Ralf Waldo Emerson (1803-1882): “Preencher a hora, eis a felicidade...”.<sup>2</sup>

Outras vezes, porém, absorver-se tanto em alguma tarefa pode ser pernicioso. É quando se deixa de ver o conjunto da vida que rodeia cada um. É quando se desleixa oportunidades e possibilidades de melhoria. Em que o tempo passa e a pessoa não evolui.

O preenchimento pleno do tempo numa atividade produtiva ou positiva, pode ser muito útil. Por exemplo, nos casos em que se precisa afastar alguém das drogas ou de comportamentos e companhias destrutivos. A mente, nesses casos, não dá espaço para pensamentos e atitudes contrários, quer dizer, improdutivos ou negativos. Por outro lado, deve-se cuidar para não se limitar a visão do geral. De forma que se mantenha ativa a percepção para se aproveitar novas chances de realizações.

Quanto à cena do início, talvez a palavra: “inspiradora”, fosse o adjetivo que procurava. Ê cachorrinho que ensina, hein! Além do que, ele não foi, em momento algum, para a rua. Só trafegou pela calçada, tal seu dono. Educados, não?

---

<sup>2</sup> GOODREADS. <<http://www.goodreads.com/quotes/111046-to-fill-the-hour—that-is-happiness-to-fill>>. Acesso em: 22 set. 2013. “To fill the hour - that is happiness, to fill the hour and leave no crevice for a repentance or an approval.” “A felicidade consiste em preencher as horas e não deixar um resquício para que penetre o arrependimento ou a aprovação.”

## POEMAS

DUAS OLHADAS<sup>3</sup>

Na leitura do trânsito  
só um olhar não basta  
para se ver com cuidado  
se tem carro logo à frente,  
e se vem alguma gente.  
Carecendo para tanto  
pôr os olhos novamente.

Na leitura do trânsito  
só um olhar é pouco,  
pois inúmeras vezes  
falha nosso deprender,  
e um mal que pode haver  
pede mais que um relance  
pra poder aparecer.

Na leitura do trânsito  
só um olhar engana,  
pois no afã da pressa  
menos vê nossa visão,  
e a real situação,  
desprovida de certezas,  
tolhe nossa precaução.

É por isso que se deve  
sempre, sempre, duas vezes  
olhar, olhar a cada lado,  
pra redobramos a ciência,  
E terem mais prudência,  
pedestre e condutor,  
para a boa convivência.

---

<sup>3</sup>JERÔNIMO, J.R. *Via e Versos, Por Um Trânsito Mais Humano*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

FUMAÇA<sup>3</sup>

Cof, Cof, Cof...  
Não sei se vou conseguir,  
Cof, Cof...  
dizer pra você agora.  
Está difícil para respi... Cof ...rar  
e também pra enxergar.

Ninguém, Cof, tem o direito  
e nem há a menor graça  
Cof, Cof... de sair por aí produzindo fumaça.

Agride a saúde de todos  
e ainda, Cof, reduz a visão  
que pode ocasionar,  
Cof, Cof... de repente, uma colisão.

Nas vias, Cof, Cof, os veículos em geral  
devem ter seu motores e escapamentos  
com, Cof, Cof, ...funcionamento normal,  
para não fabricarem fumaça, gases e  
Cof, partículas acima do regulamentado,  
para não poluirm o ambiente, Cof, Cof...  
e não deixarem todo mundo intoxicado.

Cof...

---

<sup>3</sup> JERÔNIMO, J.R. *Via e Versos, Por Um Trânsito Mais Humano*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

## GRANDEZA NO SEGREDO<sup>3</sup>

Ter uma atitude adequada,  
que por lei foi decretada,  
é necessário, é importante,  
para a ordem ser instalada  
e a convivência civilizada,  
manter o bem constante.

Porém, tanto mais valiosa,  
quanto bastante honrosa,  
é o ato que, sem vigilância,  
a pessoa segue rigorosa,  
dando respeito à lei zelosa  
e à cidadania, significância.

Tal qual este comportamento,  
outro digno procedimento,  
é aquele em que o cidadão,  
sem lei em funcionamento,  
age com bom entendimento,  
na ética e moral condução.

Sem que ninguém o veja,  
em segredo, praticamente,  
o íntegro é autônomo,  
responsável e diligente.

Daí talvez seja isso,  
o segredo da grandeza:  
a grandeza no segredo seja.

---

<sup>3</sup> JERÔNIMO, J.R. *Vias e Versos, Por Um Trânsito Mais Humano*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2018.

## SINCERAMENTE

Se algo eu for lhe dizer  
mas tiver que enfatizar  
com advérbio “Sinceramente!”,  
você pode desconfiar.  
Pois se dele não me valer  
pra tentar lhe convencer,  
será verdade o que vou contar?

E se for..., pra que apelar?  
em vez de só descrever?  
Porque a sinceridade  
é o que tem sempre que ser,  
sem ter esta precisão  
de se usar a expressão  
“Sinceramente”, pra crer.

Por que o “Sinceramente”  
se destaca nessa hora?  
Das outras vezes não era,  
sincero, como agora?  
Pois é. Consequentemente,  
como achar que não mente  
quem o utiliza? Ora, ora!

Portanto, quando se diz  
a verdade normalmente,  
dispensável se faz  
o advérbio “Sinceramente”.  
Apenas tenha em sua fala  
a demonstração clara  
que é sincero, naturalmente.

## SÓIS

Gira, gira, girassol  
a encontrar o astro-rei,  
e se a nuvem, tal lençol,  
o encobrir, eu lhe direi:

volva-se aos amigos,  
que são irmãos contigo,  
pra manter boa energia,  
pra fazer melhor o dia.

A vós neste momento  
obrigado e parabéns,  
pois sabemos a contento  
também sois sóis de alguém.

## FELIZ TODO DIA NOVO

Parabéns a quem sabe  
manter uma amizade,  
e ainda mais diversas;  
atravessando o tempo  
superando contratempos,  
trajetórias adversas,  
pra realizar reencontros,  
pois nada disso vem pronto,  
precisa disposição,  
boa vontade, atitude,  
em favor dessa virtude  
de promover a união.

Deus abençoe a todos  
a tais oportunidades.  
Feliz todo dia novo.

## FRASES

Para não ser vítima do acaso, seja senhor da preparação.<sup>4</sup>

Quem subtrai da vida, diminui a si mesmo; no entanto quem agrega, amplia seu próprio espírito.<sup>4</sup>

Trabalhar ou estudar juntos é ser colega; agora, conviver com respeito, consideração e estima, em quaisquer condições, é ser amigo.<sup>4</sup>

Ler edifica, principalmente se o que se ler for edificante.

A obra de Deus é uma grande arte; ao realizarmos nossas tarefas com dedicação para alcançar a melhor qualidade, estaremos vivendo com arte e, assim, nos aproximando mais Dele.<sup>4</sup>

Alguns pensam que estão no caminho errado porque não se endinheiraram, outros, por sua vez, acham que estão no rumo certo, porque ganharam muito dinheiro. Se você não tem certeza, o tempo dirá o que está correto, por enquanto siga o que sua consciência julgar melhor.<sup>4</sup>

Sobre o tamanho do espaço, imagine o que quiser; é..., mas não adianta, ele é maior que isso.

Ei! Está sabendo de alguma coisa? Não? Então leia! e saberá muito mais.

---

<sup>4</sup> JERÔNIMO, J.R. *As Mil Frases de J.R.Jerônimo*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2014.



**LINEU ROQUE ACEIRO**

## VIRGULINO FERREIRA DA SILVA - O LAMPIÃO\*

Para muitos, inclusive parte dos conterrâneos, Lampião foi um bandido; outros, insistem em apresentar o Capitão Virgulino como um herói.

Naqueles tempos longínquos em que viveu o famigerado bandoleiro nordestino, predominava uma situação lastimosa – pobreza extrema, os urubus esvoaçavam... O sertanejo, sem ambição alguma, transformou-se num sujeito apático, que trabalhava somente para sobreviver.

O cangaço, entre os anos de 1900 e 1940, encontrou nesse espaço o terreno ideal para fazer progredir a sua sanha maligna: secas, falta de trabalho, miséria, terras injustamente repartidas, fome, coronéis insolentes, espancamentos arbitrários.

Espremido entre as brigas de famílias e a penúria em que sobrevivia, o valente e destemido sertanejo transformou sua roupa de couro em armadura, momento em que surgiram os Antonio Silvino, Luís Padre, Sinhô Pereira, Corisco, Jararaca, Lampião,

entre tantos. Ingressar nas fileiras do cangaço ou da polícia naquele tempo era a única maneira de manter um certo nível econômico e conquistar o respeito da comunidade.

Numa crônica interessantíssima, Humberto de Campos, poeta, escritor e membro da Academia Brasileira de Letras, narra com competência, pois viveu à época, parte das atrocidades praticadas pelo cruel bandoleiro.

### “A ÚLTIMA PROEZA DE LAMPIÃO”

Um telegrama da Bahia, publicado ontem no Rio de Janeiro, descreve mais um feito sanguinário do maior e mais terrível facínora que tem imperado nos sertões do Brasil: à frente de 60 apaniguados ferozes e bestiais, “Lampião” invadiu a vila de Curuçá, estuprou, roubou, depredou, matou, afixou, enfim, em cada rua e em cada casa, o selo fatídico e vermelho que assinala sempre a sua passagem. Quinze homens válidos e pacíficos tombaram sangrados pela sua mão. E o coração de um deles, arrancado pela garganta, foi leva-lo em troféu entre gritos de animação, de entusiasmo e de vitória.

A princípio, ao ler a comunicação de uma de dessas façanhas, o país se comovia e indignava, reclamando dos poderes públicos o ponto final para o feio poema de sangue e lama. As vozes que se erguiam foram, porém, caladas nos peitos que as emitiam. E hoje é com indiferença quase criminosa que se tem conhecimento dessas selvagerias do bandoleiro. Parece que os fatos noticiados estão ocorrendo na China, na Armênia, na Berbéria ou no Turquestão. Ninguém os comenta. Ninguém protesta. Ninguém se comove.

E “Lampião”, de pavio aceso, continua desafiando o Brasil.

O governo da República tem, sem dúvida, uma infinidade de problemas a resolver e que reclamam os seus cuidados imediatos. Mas há, no organismo nacional, energias ociosas, forças disponíveis, reservas materiais e morais que podem ser empregadas no combate a essa

calamidade sertaneja. Será possível, acaso, que os Estados nordestinos não possam reunir um contingente de 200 homens, escolhidos entre os melhores elementos das suas milícias policiais? Os seus governos, que mobilizam algumas dezenas de soldados quando se trata de hostilizar no sertão um chefe político adversário, não poderão fazer esforço idêntico para destruir um flagelo social cuja sobrevivência é a maior vergonha do Brasil? A sofreguidão com que organizam forças para a politicagem dos governos, e a impossibilidade, que se encontra, em mobilizá-las para a defesa do povo e da dignidade nacional, não constituirão um índice triste e amargo da capacidade ou da incapacidade dos homens públicos do nosso tempo?

O cangaço penetrou, parece, já, no rol dos nossos males crônicos e inextirpáveis. O “Lampião”, que há doze anos parecia uma fatalidade imprevista e inadmissível, tornou-se uma calamidade comum, ordinária, como a lepra, como a tuberculose, como as epidemias que, pela persistência e continuidade, tornaram-se familiares. Refere o velho historiador paraense Inácio Moura que, no Alto Araguaia, há quarenta anos, o bócio era vulgar, e se achava tão generalizado, que as pessoas sem papo eram olhadas, quase, como defeituosas. Os Estados que “Lampião” percorre já se habituaram, mais ou menos, com ele. E quem nos dirá que dentro de alguns anos, Alagoas, Bahia e Sergipe não venham a olhar com superioridade os Estados do Sul, cujos sertões não se achem assolados por bandoleiros?

Já é tempo, entretanto, dos homens que têm uma pena apela-rem para os homens que têm uma espada, em lugar de se dirigirem, apenas, àqueles que têm mando. Há no Exército, e nas milícias dos Estados do Sul, numerosos oficiais briosos e valentes, nascidos nas regiões que “Lampião” castiga com sua ferocidade e humilha com a sua depravação. São baianos, alagoanos, sergipanos, pernambucanos, cearenses, rio-grandenses do Norte... A sua dignidade, a sua bravura, o seu patriotismo, não podem consentir que um celerado degrade a terra em que nasceram. Essas moças que ele estupra, essas mães que ele macula, essas famílias que ele atira à miséria, esses varões que ele de-

gola, são do mesmo sangue de centenas de oficiais cuja cultura e cujo civismo são, hoje, orgulho civil e patrimônio militar da nação. Está nesses soldados, agora, toda a esperança do Nordeste desolado. Unam-se eles, associem o prestígio e a energia, e peçam força ao governo da Republica e, por intermédio dele, aos Estados, e ponham termo a essa vergonha...

\*Uma pausa na crônica. No cangaço por um momento de vingança pessoal, Lampião simbolizou rapidamente as esperanças dos pobres do sertão, que através dele, viviam seu mais lindo sonho de liberdade.

O cônego José da Mota Cabral, padre titular da Capela de uma das cidades saqueadas não aguentou tanta barbárie, e perguntou aos cangaceiros: “Vocês não sentem algum mal- estar quando matam um pai de família honesto e deixam seus filhos na miséria”? Responderam: “Ora, seu padre, menino sente lá alguma coisa quando mata passarinho?”

A ignorância é atrevida. Não havia, enfim, diálogo possível para mudar aqueles quadros sanguinários.

E Humberto de Campos conclui, afirmando: É tempo, já, de extirpar esse cancro.

A lembrança aí fica, para ser aproveitada pelos homens que têm uma espada e um coração. A esses brasileiros do Nordeste que a civilização salvou do punhal de um sicário, cabe a missão de proteger os homens da mesma terra que não tiveram o mesmo destino feliz. Se eles se não condoerem e moverem, a quem pedir, então, no Brasil, esse gesto de misericórdia?

Bato neste momento, pela primeira vez, com a minha mão de paisano, à porta dos quartéis. E tenho quase a certeza de que meus olhos não verão em nenhuma delas o dístico da porta do Inferno, o qual ordenava aos que entravam, que deixassem, ali, toda a esperança...

(Crônica levemente adaptada pelo acadêmico LRA.)

## O VELHO CONSELHEIRO

### “AOS MESTRES COM CARINHO”

Subindo a Capitão Gabriel, como quem vem da Dom Pedro II, e chegando à última esquina, mais precisamente do lado esquerdo, colado com a praça Getúlio Vargas – lugar até hoje sem o busto do presidente, lá está ele, imponente, admirável mesmo, o velho Capistrano de Abreu<sup>1</sup>, prédio construído por Paulo Faccini.

O Conselheiro Crispiniano está mais adiante postado na Praça dos Estudantes. Só que antigamente não funcionava assim. Explico! Lá pelos idos da década de 50, Guarulhos contava apenas com os Grupos Escolares. Ginásio e Colégio não havia, nem um nem outro. Aí então, decidiram criar o Conselheiro Crispiniano. De dia, funcionava o Grupo Escolar Capistrano de Abreu<sup>2</sup>; à noite o Ginásio Estadual Conselheiro Crispiniano. Os dois atendiam no mesmo local, rua Capitão Gabriel, 385. Foi realmente o primeiro grande banho de cultura na promissora Conceição dos Guarulhos. Nele estudaram os guarulhenses da época, e não poucos atingiram o pináculo da glória, disciplinados que foram pela palmatória moral dos professores. Grandes e inesquecíveis educadores, verdadeiros mestres – luminas criaturas humanas.

Assim, começaram a desfilarem em minha mente, o Heládio, a bela graciosa. Onde estará a dona Zéio? Tinha a língua levemente presa e era dessa maneira que conseguia pronunciar o “zero”, o mesmo zero que nos dava, ainda que constrangida – “zeio”, taiefa e teoiema”, daí o apelido, mais carinhoso que maldoso. Professor Camargo que ministrava Desenho, “o lápis mágico”. A de Ciências, da qual não lembro o nome. A de Geografia, que igualmente não me vem à mente a denominação, mas lembro da silhueta, porém o amigo Odair vem em meu socorro e relembra: Jenny Orso, Ciências – Geny Raimundo, Ibrantina, Rachel, etc.

---

<sup>1</sup>... e na outra esquina era o bar da Benta, debaixo do Clube dos Bancários.

<sup>2</sup> Que depois de quarenta anos teria como diretora a dedicada professora Maria Sylvia Silingardi..

João Fonseca e Lizete, The Teachers. João Roberto, Nivaldo (cabecudinho) e o padre Airton – os latinistas. Quousque tandem abutere Catilina patientia mostra”. Dante Tringali, a última flor do Lácio. Mestre bom, introvertido, que num livro a mim ofertado transmitiu emocionante autógrafo: “Que o sol da bondade brilhe eternamente em sua vida”. Sérgio Corrêa, a penúltima dona Wanda (que irmã, hein?), História e estórias (o Felipe intão... “Estão rindo de quê, seus moleques?”) e outros mais (correndo por fora: Clair Martins, Maria Vieira, Elza Butical, etc., etc.).

Comandados pela batuta do enérgico diretor Homero Rubens de Sá<sup>3</sup>, que sucedeu Alvarenga na Secretaria o Bechelli e a Cida Negrão<sup>4</sup>. Dona Indiana, dona Ada e o velho Antônio (a esfinge), sempre vilipendiado – A dona Helena, os inspetores de alunos. E, atentos, lá estavam para responder a chamada: Os irmãos Garcez, Os Pivas, os Tinocos, os Barbosas, Os Schiavinatos, os Tramas, os Ribeiros, Ahh! As irmãs Montagnani, as Nagens, a Giacomini, as Silingardi, as Forghieri, as Rachids, as Fantazzinis, as Molinas, as Cavadas, as Guidini, as Maccas, as Tomazzias, a Ribelli da Castanhola. E as Flores dos verdes olhos? Flora, Floripes, Florinda e Florisbela. A Heloísa, um segredo n’alma. A Miriam Arruda trazia também um segredo!<sup>5</sup> A bela Edna, que trazia sempre a mãe a tiracolo, e tantas outras belezuras que simplesmente “traziam” – encantando, enfim, o jardim da nossa mocidade.

Nossa! Como lembrar de tantos: os Priorellis, os Vitas, os Vaz, os Negrãos, os Avenas, os Sarracenis, os Tomaz, os Candelárias, os Endres, os Martellos, os Almeidas, os Pannocchias. Da Vila Galvão, vinham descendentes do Assumpção, os Aceiros, os Barcellos, os Pitorri, o Oswaldo e Robertinho Ribeiro, o Venditelli, a Egle e a Eliete Marcelo, estas da turma do Odair Ribeiro. De Gopoúva, saltavam do ônibus os Figueiredos, os Zazurs, os Marzos, os Palmas. Os Dini, os Arrudas, os Hatjes, os Poli, os Gritti, os Vieras, os Zam-

---

<sup>3</sup> Atualmente nome de colégio em Vila Galvão.

<sup>4</sup> Minha madrinha de casamento. (do BET)\*

<sup>5</sup> ... Suicidou-se, página sombria, muito triste...

pollis, os Mesquitas, os Tavares, os Faccini, os Santanas, os Portari, os Zeitunes, os Zanzini, todos mais ou menos do Centro.

O Sá, o Bondança, os Fanganiellos, e as Politanos da Ponte Grande, o Beбето da distante Penha, os “gringos”: Frantzens, Hunnicutts, Haemeys, Zoppes, Kaaris, Reimans, Michauskis, Rubeis e o Subirós? Espanhol ou Catalão? Quantos japoneses!!! Kida, Kikunaga, Harada, Sameshima, Kondo, Hojo, Koga, Morikio, Higa, Fugita, Watanabe, Kamamoto, Suganuma, Jiô, Yamamoto, Nakashima, o Massami chegando, e por aí afora. Reclamam também à lembrança os “compostos”: Maurício de Oliveira, Souza Mendes, Martins Noronha, Muratori Machado, Silva Lopes, Gomes dos Passos, Ferreira de Castro, Moreira da Costa, Dantas Guedes e os “De”: De Mari e De Mauro, De Lucca e D’Elia, tão bem representado na hoje “cantina” do mesmo nome. Não faltaram os Santos e os Silvas.

Éramos todos da “pá virada”, mas estamos aí, mostrando a cara para quem quiser ver. Respondendo a chamada até hoje. Uns lá no céu distante, onde as estrelas cintilam no firmamento, outros aqui na terra: “adsum”, “in here”, “je suis ici”, “présenté”, (“não vim!”). Trabalhando incansavelmente pelas nossas famílias, amigos e pelo engrandecimento de nossa cidade. Aprendemos com nossos “mestres” e com a própria vida, que ela deve ser séria sem, contudo, ser sisuda demais. Se não mudarmos o mundo, podemos mudar-nos nós – sonhando, amando, contando histórias, mentiras, vivendo enfim um eterno feriado.

E há também as histórias do “Enterro do Delegado”, do “Roubo da Urna”, da “Batalha do Dante Alighieri”, do “Ônibus Prisão”, da “Faxina na Cadeia”, dos encontros estudantis na lanchonete do Heraldo Evans, do bar “Ponto Chic”, da rivalidade com o Colégio Monteiro Lobato do Pitida... E, se não conquistamos a “Cândida”, para nosso consolo vencemos nosso rival em partida de futebol<sup>6</sup>. E tantas outras gratas lembranças; mas, aí são passagens inesquecíveis que ficam para uma outra oportunidade...

---

<sup>6</sup> GECA 3x1 Monteiro Lobato.

**\*BENEDITO ÉDISON TRAMA**

“Nem o melhor, nem o pior”

Efusiva homenagem ao BET (Benedito Édison Trama), desmedido amigo, autor desta saudosa crônica, levemente adaptada pelo acadêmico LRA.

“A Saudade mata a gente, senhores remanescentes,  
A saudade é dor pungente...”



Professor Milton Luiz Ziller – Geografia  
Secretariou a Prefeitura Municipal inúmeras vezes.  
Membro Efetivo da Academia Guarulhense de Letras e ex-presidente.



Heládio Pastana



Erina Comachi



João Roberto



Edna



Homero



Hermínia Fornasaro



Miriam Ferraz Arruda

Éramos todos Capistrano – Clube dos Bancários, Reveillon 1960



Heitor – Tido Trama – Carlos Tinoco – Lineu – Hatje – José Arthur Maurício de Oliveira – Adlon Barcelos – Ao fundo José Carlos Figueiredo.



Profs: Wanda – Rachel Galvão (Desenho) Genny (Ed. Física) – Ibrantina (Trabalhos Manuais) – Lizete (Inglês) – Irina (História) – Latinista – José Luiz (Canto Orfeônico) – Heládio, entre outros...

## UM DISCURSO NA PANDEMIA

Prezados companheiros.

Recebam, todos, nossas sinceras e profundas homenagens

Estes longos tempos dessa epidemia generalizada não nos permitiram, infelizmente, participar da “Semana Castro Alves” – evento anual, dos mais importantes da nossa Academia.

Que pena! Que pena!... Mas somos fortes, de poucos vícios. Vencemos a epidemia funesta, fatal!

Todos os dias 6 de julho de cada ano, lembra-se com carinho da morte do poeta da Libertação, “Antonio Frederico de Castro Alves”.

Cecéu: para os familiares e os mais íntimos.

Poeta dos escravos: para a história da literatura brasileira.

Estudante subversivo: para as autoridades da época.

Sobre Castro Alves disse Agripino Grieco, escritor e estudioso da vida do Vate baiano: “Castro Alves não foi um homem. Foi, sim, uma convulsão da natureza!”

## ANIVERSÁRIO DE MORTE DE CASTRO ALVES

“Será verdade tudo que contam dele? Será verdade? Que no Recife um caudilho que falava das sacadas ou do meio das praças – que fazia motins nos teatros defendendo a sua dama, que fazia revoltas na rua defendendo a liberdade? Que fundara uma sociedade para libertar os negros e para lhes dar fuga?

Seria verdade? Que criara uma escola poética, romântica, porém libertária – que era como um condor voando mais alto que nenhum outro já voara, e que por isso os estudantes do Recife tinham chamado à sua escola de condoreira? Que levantara a Bahia, a arancara da retórica inútil e da sonolência medíocre dos seus intelectuais – para trazê-la para a campanha da abolição? Que no momento em que declamava se transfigurava numa figura olímpica e mais parecia como se fosse um condutor de povos? Seria tudo verdade?

Muita coisa diziam desse vate baiano de frente larga, cabelos ondulados e negros olhos. Mas ele tem apenas vinte anos, é quase um menino. Não haverá exagero em tudo que disseram?

Não, não, e não!

Opiniões sobre Castro Alves:

“No apogeu do império, um grito de liberdade”. (Joaquim Nabuco).

“Tudo na vida de Castro Alves aconteceu antes que na vida dos demais homens, porque para o gênio não existe a medida do

tempo; ele não vive uma experiência sua, mas sim a experiência de um povo inteiro”. (Jorge Amado).

Agripino Grieco: Prefaciando Espumas Flutuantes – única obra publicada ainda em vida do poeta dos escravos: “Foi eloquente, elegante, dom-juanesco por vezes – possuía aqueles olhos grandes que pareciam devorar-lhe as faces, e tudo isso fez lenda, preferível à história propriamente histórica. Não quero elogiá-lo demais. Todos o sabem: é o meu predileto. Penso dele o que Dumas Filho pensava de Lamartine: ‘Eu não o comparo, eu o separo’. Mas creio não me exceder concluindo que Castro Alves foi, entre nós, para nós, um grande, um extraordinário construtor de civilização”...

Lúcio de Mendonça, acadêmico e escritor, um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, ocupava a cadeira nº 11, cujo patrono era Fagundes Varela, disse sobre Castro Alves:

“Quando se mostrava à multidão, já entusiasmada só de vê-lo, quando a inspiração lhe acendia nos olhos os fulgores deslumbrantes do gênio – era grande e belo como um Deus de Homero”.

Digníssima presidente Antonia Vaz – prezados confrades.

Aniversário de morte do inigualável poeta Antonio Frederico de Castro Alves – patrono da cadeira nº 5 de nossa Academia de Letras. Era o dia 6 de julho de 1871. Expira, morre às três e meia da tarde, junto a uma janela colonial banhada pelo sol resplandecente, para onde fora levado – de acordo com seu último desejo...

Feita está portanto, a nossa singela mas merecida homenagem, decorridos longos 148 anos do seu passamento.

Descanse em paz – descanse em paz...

Julho de 2019.



**MARLENE A. TORRIGO**

## PRIMARADA, MUNDARÃO DE PRIMAS E PRIMOS

Este conto bem contado  
Fará você meditar;  
Espero que leia sentado  
Para bem se encantar.

Conto contado em rimas?  
Ora, será bem fácil montar,  
Mas não se prenda à lira,  
Isto sim, ao que vou contar.

Este conto é sobre os primos  
Que vivem soltos no mundo;  
Vou começar a contar isso  
Enquanto você ouve tudo.

Os primos todos são  
Coirmãos desnaturados;  
São quase como irmãos,  
Brigam por tudo, os danados.

Os meninos se esmurram  
Por uma bola furada,  
As meninas, mordem, emburram,  
Por uma boneca quebrada.

Brigam por um tênis,  
Sujo, rasgado, fedido;  
Brigam até por seus genes,  
Dizem que são dos quintos.

Mas se alguém bate num primo,  
Uns correm pra defender;  
Do lado de lá haja enguiço,  
Outros botam pra correr.

Tem quem é bom de bordoadá,  
Briga sozinho com cinco;  
E a primarada, coitada,  
Quase apanha no “deixa disso”.

As espécies de primos são  
Feitas de várias linhagens;  
Têm os cruzados, carnaís, irmãos,  
Que enredam toda a engrenagem.

Os primos de primeiro grau  
São os considerados verdadeiros,  
Os de segundo, terceiro, etc. e tal,  
São primos de escanteio.

Tem os primos descruzados  
Que foram feitos à revelia,  
Devem também ser contados,  
Pois são parte da Grande Família.

Tem os primos do tatataravô,  
Tem os primos da tatataravó,  
Tem os primos do tataravô,  
Tem os primos da tataravó,

Tem os primos do bisavô,  
Tem os primos da bisavó,  
Tem os primos do avô,  
Tem os primos da avó.

O pai tem um tantão de primos ,  
A mãe tem um grande montão,  
Assim como tias e tios  
Primos de outros também são.

Quando nasce um priminho,  
Ó, que coisa mais lindinha!  
Mas é só crescer um pouquinho...  
Hum, ele tem umas unhazinhas!...

Tem uma espécie de primo  
Que vive a se desviar,  
É aquele um, exibido,  
Que não quer se misturar.

Existe aquele primo  
Que diz parente não ser;  
A genética explica isso,  
De se ser, mas não querer?

Alargam essa distância  
Porque, ninguém sabe, não.  
Eu acho que é arrogância  
E não querer ser irmão.

Vários modos de primos há,  
Alguns bons, outros maus;  
Vou destacar alguns já,  
Tanto antigos como atuais.

Há os primos notórios,  
Que vemos só em dias especiais,  
Como velórios, partilhas de bens, casórios;  
Ah, esses são os maiorais!

Há os primos egoístas,  
Que tudo querem só para si,  
Desses a gente se esquiva,  
Não dá para ser assim.

Mas há os primos amigos  
Que se dão como quem?  
Como irmãos unidos,  
Que sempre se querem bem.

Tem o primo trabalhador,  
Tem o primo vagabundo,  
Tem o primo construtor  
Tem o primo moribundo (que inventa doenças)

Tem o primo crente,  
Tem o primo feiticeiro, (que crê em tudo),  
Tem o primo indecente,  
Tem o primo careteiro. (que faz caretas)

Tem o primo pateta,  
Tem o primo revoltado,  
Tem o primo careca,  
Tem o primo retardado.

Tem o primo mão aberta  
E o mão fechada também,  
Que nunca ninguém acerta  
Se tem dinheiro ou não tem.

Tem o primo maior lerdo  
E tem o maior anzol, (que pesca tudo dos outros)  
Tem o primo nó cego  
E o que molha lençol.

Tem o primo bom de coice,  
Tem o primo bom de bico,  
Tem o primo bom de foice,  
Tem o primo bom de fico.

Tem o primo chorão,  
Tem o primo sorridente,  
Tem o primo trapalhão,  
Tem o primo carente.

Tem o primo cascão  
E o primo perfume francês; (que cheira bem)  
Tem o primo bonitão  
E também o Frankstein.

Tem o primo troglodita,  
Tem o primo piolhento,  
Tem o boca maldita  
E o eterno caspento.

Tem o primo tímido,  
Tem o primo trovador, (cantor de ópera, de banheiro, etc.)  
Tem o primo cínico,  
Tem o primo serrador. (que serra tudo dos outros)

Tem o primo ecológico,  
Tem o primo destruidor;  
É aquele que, lógico,  
Polui, destrói; é um matador.

Tem o que foge de casa  
E o que foge com a prima;  
Tem o que recebe mesada (cadeirada também)  
E o que foi lá pra China.

Tem um primo no hospício  
E outro lá na prisão;  
E tem aquele primo  
Fanático por palavrão.

Tem os que gostam de bichos,  
Selvagens e de estimação:  
Cachorro, gato, coelho, mico,  
Jacaré, pássaro, tubarão...

Mas há os que têm alergia,  
Não gostam de bicho, não;  
E há os que têm muita energia  
Para matá-los por diversão.

Tem uns priminhos aí  
Que têm medo de assombração;  
Mula sem cabeça, vampiro, saci,  
Lobisomem, fantasma, bicho-papão...

Tem o comedor de sapato,  
Terra, tijolo, revista...  
Tem o comedor de catarro,  
Tatuzinho, aranha, formiga... (credo, que nojo!)

Tem o primo cheira-fraldas  
 E o que tem medo de escuridão;  
 Tem o engolidor de espadas (fogo, moedas, botões, etc.)  
 E o que corre de injeção.

Tem o primo anjinho,  
 Tem o primo capeta,  
 Tem o primo espertinho  
 E o não larga chupeta.

Ah, também tem aqueles priminhos  
 Que falam uma língua engraçada:

Ôbinus	(ônibus)
Mãnica	(máquina)
Cabitô	(cobertor)
Baiata	(barata)
Tiquéta	(bicicleta)
Madêla	(madeira)
Papatu	(sapato)
Bãila	(bala ou bola?)
Bambailã	(isso eu não sei o que é)

Tem o primo poeta,  
 Tem o primo desenhista,  
 Tem o primo atleta,  
 Tem o primo malabarista.

Almofadinha é o primo  
 Que zomba do primo peão;  
 Corajoso é o primo  
 Que luta pela nação.

Tem o primo esquisito  
 E tem o primo bombom, (que adora chocolate)  
 Cômico é o primo  
 Que pensa que é o bom.

Tem o primo político,  
Tem o primo professor,  
Tem o primo analítico, (que cuida da vida dos outros)  
Tem o primo confessor, (que confessa tudo dos outros)

Tem o primo cineasta (que filma a vida dos outros)  
Tem o primo malvadinho,  
Tem o primo mala  
Tem o primo bem bonzinho,

Tem o primo belisqueiro,  
Tem o primo torturador,  
Tem o primo croqueiro, (que dá croques)  
Tem o primo paquerador.

Tem o primo mágico,  
Tem o primo trágico,  
Tem o primo maguila, (fortão)  
Tem o primo “godzilla” (nervosão)

Dos ancestrais não esquecerei,  
Já que podem ser aparentados;  
Posso ter um que foi pirata ou rei  
E você, um que foi crucificado. (como Jesus Cristo)

Tem o supersimpático  
Que é eleito o grande cacique  
E sempre acaba o antipático  
Eleito grande patife.

Quando um primo casa  
Outro vem e consola,  
Mas sempre aquele há  
Que da desgraça até gosta.

Tem o primo próximo que casa  
E não convida a gente,  
Quando a ele se acha,  
Diz: \_\_Os convites foram insuficientes.

Ou então mente: \_\_ Não te convidamos,  
Pra você não pensar, exageradamente,  
Que nós (os noivos) só estávamos  
A fim de ganhar presente.

Se por acaso houver herança  
Para dividir entre herdeiros  
Se salve quem for criança  
De um primo carniceiro.

Tem o primo classe alta,  
Tem o primo classe média,  
Tem o primo classe baixa,  
Tem o primo na miséria.

Tem os primos nortistas,  
Tem os primos sulistas,  
Tem os primos do leste,  
Tem os primos do oeste.

Tem o primo unção, vintão, trintão  
Quarentão, cinqüentão, sessentão,  
Setentão, oitentão, noventão,  
Cenzão e o ilustre quatrocentão

Primas e primos não têm fim,  
São mais de sete bilhões, enfim.  
Então paro por enquanto,  
Depois conto outro conto.

Querendo ou desquerendo  
Todos nós somos parentes,  
Assim sendo, acontecendo,  
Sejamos gente bonita, contente.

O conto ficou bonitinho,  
Foi saindo, ficando morno;  
Prontinho, está quentinho,  
Saindo agora do forno.

Eu não disse que conseguia  
Pra você contar um conto?  
Agora decore as rimas  
Pra você contar pra outro.



**MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA**

## A FORÇA DO ABRAÇO ACADÊMICO!

O abraço cinge-se pelo entrelaçar dos membros superiores, adicionando-se ao gesto a saudade, o amor, a amizade, a consideração, o encantamento, o respeito, a admiração, a entrega recíproca, o interesse de ambos por uma das vias que norteiam as suas vidas com objetivo altruísta e cultural, afora uma força extraordinária e/ou extraterrestre que nos aproximou já no limiar de nossas existências.

O ato de abraçar aproxima com particularidade abissal dois seres humanos a ponto de criar uma energia quase visível, face ao calor da emoção que unge o par que se une com largo sorriso. O contato não muito longo tem poderes magnéticos que estreitam a distância entre os dois: Tem como invólucro uma aura sinérgica que inicia com dois sorrisos sinceros que iluminam a boa recepti-

vidade; palavras de benquerença são ditas à exaustão, obedecendo ordens dos corações, que batem freneticamente e descompassados, um tão próximo do outro, numa simbiose própria daqueles que se dedicam aos sabores de uma forte amizade e por uma causa exacerbadamente nobre.

O gesto de benevolência é ponto pacífico entre homens e mulheres que, outrora, em passado recente, determinavam data e hora para se reunirem num majestoso edifício construído às margens do tradicional Lago dos Patos, que reina soberano entre as belezas naturais reunidas para formar o tradicional bairro de Vila Galvão, no portentoso Município de Guarulhos. A velha construção se despe de requintes, porém, em contrapartida, ostenta uma pomposa torre que se debruça impoluta sobre o enorme espelho d'água, trazendo gravado em seu frontispício, com galhardia e letras garrafais, o nome da única instituição que representa oficialmente, guarda, protege e cultiva a cultura em nosso Município – Academia Guarulhense de Letras.

Esse espaço solene abriga a sede da Confraria onde, mensalmente, reúnem-se os imortais para encontro de responsabilidades ímpar, pois, unidos, formam o colegiado que promove debates sobre diversos temas que regem a vida acadêmica e impulsionam a marcha evolutiva da Instituição.

Postas em prática as medidas legais e sopesadas as decisões guerreadas na tribuna, o resultado atingido por maioria simples ou absoluta é registrado em ata que, anualmente é traduzida na continuidade dos feitos que, devidamente compilados, são incor-

porados ao Livro Histórico da AGL, para manter vivo o sonho dos nossos ancestrais que devotaram muito trabalho, tempo e dedicação na fundação desta Confraria que tanto nos orgulha.

O mês de março transcorria como de costume e a agenda da Secretaria Administrativa marcava com um círculo vermelho a última quarta-feira como obrigação de primeira ordem: Às 14 horas, na sede, reunião mensal para discutir os assuntos da pauta.

A comunicação aos pares não teve tempo de ser veiculada, pois, repentinamente todos os meios de comunicação propagaram notícias sobre a descoberta de uma praga denominada “Coronavírus” que infectou pessoas em algumas cidades da China e se alastrou mundo afora. As emissoras de rádio, as mídias televisivas e, em tempo recorde, as redes sociais trataram de espalhar o mal contagiante que não demorou muito para receber status de desolador. A alta cúpula do governo se apressou em disparar notas preparando a sociedade para a mais letal praga dos últimos tempos, com índices de irradiação inimagináveis e que todos deveriam permanecer em total isolamento até que dados mais consistentes fossem arregimentados pelos órgãos competentes. Não demorou para que o mal de grande malignidade se alastrasse por vários países do mundo, tomando proporções assustadoras e de enorme grau de letalidade, sendo transmitido de pessoas para pessoas ao menor contato, através do contágio pelas vias respiratórias. Cada indivíduo acometido do vírus assassino deveria sofrer isolamento total e receber assistência hospitalar em breve tempo, sob pena de incorrer em óbito. O alvoroço gigantesco tomou conta do planeta

e, à medida que o mal se alastrava, a notícia ganhava contornos gigantescos de tal monta que o novo coronavírus foi promovido de endemia para pandemia e, com novo rótulo recebeu nova denominação: Covid-19 (co = Corona , vi = vírus, d = disease – doença do coronavírus – e 19 o ano de sua manifestação). O mundo ficou em polvorosa e, por consequência, o Brasil estacionou. Não havia outro assunto que não girasse em torno da praga virulenta, os hábitos e comportamentos foram estagnados, passando a predominar, tão somente, como remédio imediato o “distanciamento social”. O governo, em todos os níveis, ditava uma só norma: a população, na medida do possível, devia ficar reclusa em suas casas, evitando aglomerações e, se necessário sair da clausura, usar máscara e abominar as formalidades nos cumprimentos, evitando-se o aperto de mão, o abraço e os tradicionais beijinhos fraternais, considerando que a transmissão virulenta ocorria através das vias respiratórias.

A Confraria, por imperativo legal, teve que se abster das tradicionais reuniões presenciais mensais e festivas, uma vez que o ajuntamento de pessoas estava fora de cogitação, mormente, no reino da imortalidade, considerando que formado, na sua maioria, por escritores provectoros, eleitos como partícipes de “Grupo de Alto Risco”. Mas, a AGL não poderia, simplesmente, interromper a marcha evolutiva da cultura em nosso Município, por se tratar do único instituto reconhecido oficialmente pelo poder público como representante e guardião das letras guarulhenses. Problema instalado, forçoso encontrar solução que se adequasse ao mal originado de inopino, a Secretaria Administrativa reuniu o núcleo duro da

Confraria, que, em breve tempo, encontrou o caminho para continuar a saga dos escritores da terra. Doravante os encontros necessários para dar continuidade nas causas acadêmicas se processariam na forma virtual. Em obediência ao distanciamento social, cada acadêmico, de forma remota, no dia e hora aprazados e sob o comando de líderes, se conectará ao sistema eletrônico integrando o grupo, desencadeando o saudoso encontro com participação de todos que, ao final, como dantes, assinarão a ata referente às resoluções concluídas.

Refém da maligna e insidiosa pandemia, o mundo se viu de joelhos, impotente e desgovernado, considerando que a forma de vida exercitada há séculos já não satisfazia mais o modelo existente e que diante de um supervírus sofreu uma guinada de 180 graus.

Destarte, a Academia Guarulhense de Letras, através de seu portentoso grupo que alimenta a cultura do nosso Município, manteve a coesão que sempre norteou o caminho das letras. Adequou-se ante a reviravolta imposta pela natureza e caminha na condução dos parâmetros que permitirão prosseguir nos relatos anuais, complementando e assegurando a retratação fidedigna da sua majestosa história iniciada nos idos de 1.978, graças à luta incansável e frequente de seus ancestrais idealizadores.

A transformação provocada pela disseminação da covid-19, de forma presencial para virtual, não interromperá o registro da história da Confraria que se sucede ao nascer de cada ano.

A união de desígnios para a conclusão deste registro de fatos, a quatro mãos, cinge-se por ideias e buscas nas memórias

prodigiosas dos narradores, que não medem esforços para traduzir com fidelidade as notas acadêmicas.

A prazerosa dedicação que deriva de mim concernente à privilegiada seara das letras sobeja na companheira de todas as horas e que, há quase duas décadas, me aproximou da Academia Guarulhense de Letras. Teresinha, a minha consorte, conhecedora profunda da história do Sodalício, tornou corriqueiro o hábito de enaltecer a importância da Instituição no seio da sociedade guarulhense, bem como contar a trajetória dos membros fundadores e testemunhar o ingresso dos pares que foram sucedendo aos imortais tombados ao longo dos seus 42 anos de impoluta existência.

Vivamos, nobres e respeitáveis imortais, a vida como ela deve ser vivida. Não nos apressemos, pois, embora tenhamos ciência do desenlace, cabe a nós seguir em frente, em busca do futuro que a Deus pertence!

**SÍLVIO RIBEIRO**

## PINTURA DA PAISAGEM GUARULHENSE

A pintura de uma tela que possa conter todos os momentos da ideia do pintor é desenhada através de milhares de pinceladas, traçadas dia após dia; a cada momento o pintor vai colocando na tela toda a história da sua criação, às vezes trabalho interminável, que ultrapassa anos seguidos, sem fim, pois, dependendo do quadro a ser pintado, a ideia é tão extensa que o espaço torna-se pequeno para que o autor coloque nessa tela tudo que pretende expor. Daí nunca estar contente com seu trabalho, pois a cada dia que executa a continuidade de sua obra, mais verifica que precisa fazer uma mágica para que no espaço original da tela possa caber toda história de sua pintura.

Com intuito de transformar os mais de 460 anos da história do município de Guarulhos em uma tela gigantesca e multicolorida, que com certeza se transformará em uma obra puramente iné-

dita e incomparável, começaríamos lá pelo final do ano de 1560, quando o fundador do município, o padre jesuíta Manuel de Paiva, com toda sua astúcia, implantou no meio de uma floresta verdejante e imensa, praticamente deserta, cortada por um grande rio e seus afluentes de águas azuis e cristalinas, em cujas margens apresentava uma gama de múltiplos animais silvestres das mais variadas raças e suas cores características, bem como grande quantidades de aves variadas com suas penugens também multicoloridas que se somavam naquele belo ambiente, uma rústica ermida que viria nos dias atuais a se transformar numa catedral toda conservada e de cores diversas que embelezam suas formas, localizada no centro da cidade guarulhense.

O tempo passou e, a muito custo, Guarulhos foi crescendo lentamente, num espaço de tempo que durou mais de 350 anos, chegando aos anos 1910, quando voltou a continuar o que seria a pintura da tela gigantesca, período em que a população existente no município não alcançava a casa das cinco mil pessoas. As missas e festejos na grande Matriz, nos dias festivos eram totalmente coloridas, com folguedos e diversões alegres. Ocorriam nos dias cívicos pequenos desfiles e procissões, pela única e curta rua central, que partia da Matriz, numa linha reta e que por tal motivo foi batizada de rua Direita.

Destaca-se aqui a praça da Matriz, um tanto enfeitada por quantidade de pequenas árvores, um singelo coreto e um pequeno chafariz, metálico, sempre cheio de água potável e que, de certa forma, saciava a sede da boiada, que vindo de Minas Gerais e outras regiões pelas estradas afora, alcançava o centro da cidade, fazendo uma parada na praça, com a boiada também multicolori-

da, com todos apresentando suas manchas amarronzadas, negras e brancas totais, formando um colorido à parte na grande tela; aí permanecendo por algum tempo de descanso. Em seguida, via rua Direita, partir para o seu destino final, o matadouro de Guarulhos, localizado às margens do rio Tietê. Tanto a boiada, como os demais itens aqui expostos e que fazem parte da grande tela, cada qual tem suas próprias histórias.

A partir desse tempo, os poucos espaços de diversão existentes no município eram os piqueniques nas margens do grande rio, hoje conhecido por Tietê, onde se obtinha um bom pescado e de qualidade, passeios de barco, nado em suas águas que eram de muito boa qualidade e que podiam facilmente ser bebidas para se matar a sede, dada sua pureza e limpidez. Os passeios nos sábados e domingos à tarde, num vai e vem pela rua Direita, atual D. Pedro II, onde todos se apresentavam com vestes bem elaboradas; as donzelas com vestimentas em belas cores, somando-se às belezas físicas e pessoais naturais das mesmas, cujo quadro visual enchia a grande tela do mais belo colorido e que trazia muita satisfação para todos que aqui residiam. Todos eram felizes e não sabiam, com todo esse complexo de coisas e fatos e que coloriam a pacata vida guarulhense.

Em termos econômicos, a instalação de múltiplas e enormes empresas comerciais e principalmente industriais passou a contribuir a partir da metade da década de 1950, para a grande pintura, com as enormes construções de suas sedes, as quais foram se implantando pelos quatro cantos do município, criando condições de trabalho para milhares de guarulhenses.

Uma parte principal dessa grande pintura foi a chegada ao município em 1915 da estrada de ferro, configurada pelo ramal criado a partir do bairro de Santana na Capital de São Paulo e que, cortando a imensa distância de 20 km. na época por intermeio à grande floresta, conseguia chegar até o centro da pequena, simples, mas saudável, colorida e alegre cidadezinha. Com sua meia dúzia de pequenas estações, Vila Galvão, Torres Tibagi, Gopoúva, Vila Augusta e a Guarulhos, localizada onde hoje vemos a grande praça Prefeito Paschoal Thomeu, em parte da antes denominada praça Quarto Centenário, no centro da cidade e a última que ficava no interior da Base Aérea de Cumbica, construída nos anos 1940 e que serviu para o transporte de todo material necessário para a construção da área militar, inaugurada em 1945, implantação essa que coloriu ainda mais a grande tela, principalmente pela bela paisagem florestal reinante no local da construção. Após ter servido muito à construção da Base Aérea, o trenzinho, já transformado em trem de passageiros, durante muito tempo continuou a servir para o transporte diariamente pela manhã e volta à tarde de todo o efetivo da Base Aérea, que dava um colorido à parte, até 1964, quando o pequeno ramal ferroviário foi totalmente extinto. O advento da chegada do singelo trem, que ficou muito conhecido por “trenzinho da Cantareira”, com a instalação de suas pequenas estações, originou nas proximidades das mesmas, pequenos povoados que deram origem aos bairros que levam o mesmo nome das antigas estações, todos importantes e antigos bairros de Guarulhos e que são partes integrantes da grande tela, com suas mais variadas colorações.

Colaborando ainda mais com a realza da pintura, um grande acontecimento ocorreu em 1880, com a criação e instalação na

cidade de Guarulhos, do Poder Legislativo guarulhense, quando o município tornou-se parcialmente independente da Capital de São Paulo, com a escolha e nomeação de sete vereadores e um intendente para administrar o município, praticamente iniciando também o Poder Executivo.

Existia também nesses tempos um balneário único em Guarulhos, onde hoje vemos o atual bairro de Vila Galvão, que era composto por uma parte em floresta, campo de futebol e uma série de diversos tipos de diversões praticadas no grande lago, que era muito maior que o existente atualmente no local, conhecido por Lago da Vila Galvão, ou também por Lago dos Patos. A maior frequência no local era de turistas vindos da Capital, através do trenzinho, os quais após desembarcarem na Estação Vila Galvão, seguiam em cortejo até a região do lago, num percurso aproximado de 1.500 metros, geralmente por volta das sete horas da manhã e regressando por volta das quatro horas da tarde para novamente embarcar no trem fretado todo fim de semana, que os esperava na Estação, tudo formando uma grande parcela colorida da grande tela.

Outro fato de real importância foi a criação e instalação em 1956, da Comarca de Guarulhos, com a inauguração do primeiro Fórum de Guarulhos, com a nomeação do primeiro juiz de Direito e o primeiro promotor público, iniciando o Poder Judiciário, libertando totalmente o município das rédeas da Capital, passando doravante a ter a sua vida independente. Foi um dia de muita festa na cidade e que deu um grande salto na pintura da tela, ficando o colorido mais intenso, com brilho de tal sorte exuberante, que passou a ofuscar os olhares de todos que por aqui chegassem.

A inauguração, em 1985, do Aeroporto Internacional de São Paulo no bairro de Cumbica, que passou a utilizar mais da metade do 400 alqueires de terra da antiga fazenda Cumbica, doada pelos antigos proprietários da fazenda, família Guinle, ao governo federal brasileiro para a instalação da Base Aérea de Cumbica na década de 1940, praticamente completou quase totalmente a grande tela, principalmente pelo colorido dos trabalhos de construção das pistas e demais dependências do grande aeroporto, que dependeu do grande saber da engenharia brasileira, pois tudo relacionado a essas obras foi construído em terreno pantanoso e muito alagado, recoberto de extensas matas, com a remoção de grande quantidades de lama de cor negra, sendo as escavações das pistas preenchidas em puro concreto, com espessura aproximada de quatro metros por toda a extensão da principal pista de pouso, para suportar o peso e o impacto das grandes aeronaves ao pousar o solo do aeroporto. Em termos gerais, um colorido ímpar na grande tela da pintura guarulhense.

Voltando no tempo algumas décadas, outra grande colaboração para a totalização da grade tela foi o advento da criação e implantação da grande e bela fonte luminosa na recém-criada praça Getúlio Vargas no início da década de 1950. A rua D. Pedro era a única e exclusiva para os encontros diversos, considerando-se desfiles, frequência no único cinema que existia no centro da cidade, Cine República, os desfiles cívicos e religiosos, passeios, enfim, tudo que se relacionasse com divertimentos era o local certo. Contudo, a essas alturas, já não suportava mais o acúmulo nos finais de semana, principalmente no período da tarde e começo da noite, sendo que esse fluxo de pessoas que lotava literalmente

o espaço total da rua, e não havia outro condizente para o mesmo fim, obrigou as autoridades municipais a criar novas condições para satisfazer adequadamente os munícipes. Assim, para solucionar tal demanda, houve por bem desapropriar um grande terreno que era utilizado como praça esportiva, composta por um campo de futebol utilizado pela agremiação Paulista de Guarulhos, causando inclusive sérios problemas para o Clube, sendo o local, que na época era cercado de extensa mata, limpo em toda sua extensão e ali implantada a grande praça, que, após concluída, teve o destaque maior, a bela fonte luminosa, bem grande, com jatos em movimento de águas em toda sua volta cilíndrica, jorrados em altitudes de mais de quatro metros e, quando esse movimento ocorria, os mesmos eram iluminados por lâmpadas de todas as cores possíveis, que iam substituindo umas às outras, em um espetáculo que por si só já era a pintura da grande tela.





**TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA**

## FAMÍLIA BEM ESTRUTURADA É A BASE DE TUDO

Crianças educadas no seio de uma família ideal, certamente, colherão bons frutos ao longo de suas existências. (Aqui somam nove, entre crianças e adolescentes de seis famílias distintas, sendo todas singulares no seu jeito de ser)

Esta história começa em um dia especial e de comemoração, pois, era meu aniversário de 57 anos. Gosto muito de viajar e o que me dá muito prazer é andar à toa, conhecendo lugares que ainda não tive oportunidade de visitar. Como era uma segunda-feira, dia útil, resolvi comemorar fazendo uma pequena viagem numa cidade vizinha ao Município de Guarulhos. Pegamos a Rodovia Fernão Dias, eu e o Mauro e, ao acaso, tomamos o rumo a Bragança Paulista, em busca do circuito das águas. Entramos numa cidadezinha cujo nome não me vem à lembrança. O atrativo

maior que a cidade proporcionava era uma igreja que fomos visitar para agradecer o ano bom que tivemos e renovar os votos de união fraterna e indissolúvel. Conhecer o Templo religioso foi agradável; porém, um pouco sacrificante, considerando que para acessá-lo tivemos que vencer, em subida íngreme, quase cem degraus. Haja fôlego! Exauridos pelo exercício praticado na diligência ecumênica, buscamos energias num pequeno e bucólico restaurante à beira da estrada onde nos refestelamos com deliciosas comidas.

Conversando com alguns moradores, descobrimos que realmente a localidade era deficitária no que tange a pontos turísticos e, sem mais nada a fazer naquela cidade, batemos em retirada. Foi uma viagem curta, mas, prazerosa.

No retorno para casa, ainda na estrada, recebo uma ligação: “Alô, Teresinha. Aqui é a Paula, tudo bem? Estou ligando para lhe cumprimentar e perguntar se você se importa que o seu próximo aniversário seja do Mickey? KKKKKK. Estamos indo para o hospital porque a bolsa rompeu e o menino nasce hoje! KKKKKK”. Aqui cabe um esclarecimento: Paula, mãe de Felipe, o menino que estava a caminho, quando me comunicou que engravidara e a criança nasceria no mês de março. Retruquei: “O Fefê vai nascer no meu dia, ou seja, 21/03!”. Paula rebateu: “Segundo opinião do médico, o parto ocorrerá mais para o final do mês”. Eu acertei na mosca! Hoje, o Felipe conta nove anos de idade e o meu vaticínio transformou-se em realidade.

Felicidade em dobro para a família, que carinhosamente chamamos de “Família Feliz”, pois já tinham uma joia chamada Rafael, menino lindo com cabelo cor de mel, alegre, inteligente, educado, obediente, comunicativo e que já tinha dois aninhos quando chegou o irmão. Com o primogênito, a minha relação foi

amor à primeira vista. Uma delícia segurá-lo no colo, cantando para fazê-lo dormir. Lembro com saudade do apelo de Rafael quando ainda ensaiava os primeiros passos e, deitado no chão, querendo colo, estendia as mãos e choroso repetia: “Ajuda, ajuda, ajuda!”. Sempre fomos companheiros nas caminhadas dentro do condomínio onde residem. Hoje, o Rafael conta onze anos de idade. Está da minha altura e, se vacilar, hoje é ele quem me carrega no colo! Participo da vida dele sempre que possível e nunca tive que repreendê-lo. Amizade lúdica e muito prazerosa.

## AQUI – UM POUCO DE TODOS!

Estamos em época de pandemia e dessa forma temos permanecido muito tempo em Boiçucanga. Quando aconteceu o isolamento social, não acreditei que pudesse durar mais do que um mês; afinal, o Brasil é um País privilegiado, com um povo mais ou menos disciplinado. Se fizéssemos tudo direitinho, passaria logo. Ledo engano: o tempo foi passando, as mortes aumentando e o isolamento social sendo estendido pelos governantes, obrigando a nos afastar cada vez mais da família, dos amigos. De repente, ouço que esse estado só acaba com a descoberta de uma vacina. Algumas já estão em fase de testes em vários países, inclusive no Brasil. Mas, a liberação do antídoto poderá demorar algum tempo!

A saudade dos netos é grande, uma vez que estamos ausentes da vida de todos. Acompanhá-los por vídeo não é a mesma coisa. Somados, são nove (de sangue são dois e todos do coração, já comentei uma vez e repito aqui). A minha vontade é tê-los nos braços. Todos de uma vez não há possibilidade, mas, consigo car-

regá-los juntos, de uma única vez no meu coração. É o que conforta. Ouço todos os dias: “Vai passar! Tenha paciência!”. Tomara que seja logo! Oremos!

Nove netos e, por mais que cresçam, para nós serão sempre crianças. Tudo começou com uma “mestiçinha linda”, do cabelo enroladinho, apelidada carinhosamente de KARU. Muitas histórias para contar, pois, até os dez anos era minha companheira em todas as viagens. Aprendi com Karu muitas músicas infantis e quando reclamava que a letra era difícil de guardar, ela dizia: “Cantarei quantas vezes forem necessárias para você aprender”. Eu cantava músicas da Jovem Guarda e mais as que ela me ensinava. Para os outros que vieram depois eu repetia canções que aprendi. Hoje mantenho meus cabelos curtos, mas, quando a Karu era pequena, as madeixas eram de tamanho médio. Um dia ela resolveu fazer um penteado em mim; iniciou devagar e, repentinamente, imprimiu uma força descomunal. Eu retruquei, dizendo que ela estava me machucando; ouvi a seguinte resposta: “Mas a sua cabeça está cheia de areia”. Pega de inopino, demorei para entender o cenário. Eram os cabelos brancos, despontando após uma semana do último tingimento.

O nome é de menina de contos de fadas – MELINA –; o apelido – Mel. Neta do coração, é muito estudiosa, dedicada e perseverante, pois se prepara para enfrentar vestibular para Medicina. Seguramente, Mel é uma das criaturas mais amáveis que eu conheço, incapaz de ofender a alguém. Um belo dia de sol, nós estávamos curtindo uma praia em São Vicente; ela contava uns oito anos e queria passear no teleférico. Nem pai, nem mãe e nem avô se dispuseram a acompanhá-la no delirante passeio. Eu, como sempre gostei de

aventura, me propus a enfrentar o desafio. Na subida, devidamente acomodada na cadeira, ela se postou na posição de Lótus e me disse que, como estava com muito medo, iria meditar. Achei graça e lá fomos nós rumo ao topo do morro, quando percebi que Mel cerrou os olhos e uniu os dois polegares aos indicadores, emitindo um som diferente, como se fosse um mantra e eu não ousei interrompê-la. Lá chegando, deixamos a cadeira e fomos assistir a alguns saltos de asa delta. Nesse momento, falei para ela: “Que maravilha, viemos de teleférico e vamos voltar de asa delta!” Ela, apavorada, estalou os olhos, me puxou pelo braço de volta para o teleférico, dizendo: “Essa louca é bem capaz de me fazer pular desse troço”. Rimos muito.

**LUCCA** – neto do coração – Eu o conheci já era grandinho, tinha por volta de cinco anos e eu fiquei sabendo um pouco de sua vida. Filho do meu amigo Márcio, que aos 21 anos viu nascer o nosso menino. Lucca e o pai sempre foram companheiros e onde um ia, o outro ia também. Da convivência mais amiúde surgiram diversos passeios, dentre os quais, um para a casa da tia Tê (euzinha) na bucólica Boiçucanga, sendo que também foram conosco os netos Daniel e Vinícius, filhos de minha única filha, Elaine. Desnecessário falar que o passeio ficou na história, principalmente com relação às crianças, que fizeram amizade tamanha que todos os dias foram para a praia juntos, com um detalhe que merece destaque: O Márcio é surfista e toda roupa própria para a prática de surfe que lhe fica apertada ele doa para o Lucca, que as levou no passeio. Conclusão: os três primos iam devidamente aparatados para a praia brincar na prancha do tio Marcio. Esse passeio tornou-se inesquecível, pois tanto Lucca como Daniel e Vinícius tornaram-se amigos, embora residam em cidades distan-

tes. Quanto ao Lucca, especificamente, cabe um registro digno de se rememorar: Certa noite, quando todos conversavam no quintal da residência da tia Tê, eis que Lucca se mostrou estupefato e, quase sem poder falar, proferiu a seguinte frase: “Orra, vô, depois de grande eu precisei vir na casa da Tê para conhecer vagalumes!” E, absorto, suando e emocionado, voltou para o gramado, olhando para cima e vibrando quando via o lumiar emanado do bichinho que se escondia na escuridão. Meu contato com o Lucca não é frequente, mas sempre que nos encontramos é muito prazerosa a nossa convivência. Ele reside em Santos, na companhia da sua avó materna, por quem nutre excepcional carinho e de quem não gosta de se apartar. Menino inteligente, estudioso, conversa agradável. Nós nos encontramos às vezes em festas ou viagens familiares.

DANIEL, meu carinhoso Dani, primeiro neto de sangue, filho da minha filha, amor infinito, criatura boa na acepção da palavra, educado, estudioso, disciplinado, atleta profissional do basquete, tem como grandes incentivadores os pais: Ricardo e Elaine. Mesmo durante a pandemia, treina regularmente numa quadra construída pelo genitor no sítio da família, lugar onde estão abrigados nestes novos tempos. Desde que descobri que seria avó e não ‘vodrasta’ (nesta época só a Karu existia na minha vida e ela dizia que éramos amigas), eu comecei a visitar a minha filha semanalmente para ajudá-la a preparar o quarto da “criatura” que estava a caminho. Era assim que ela se referia ao filho. Depois do nascimento, fiz questão de continuar visitando-os uma vez por semana. Era o dia da Vovó, o dia mais feliz da minha vida. Esse era um dia de festa, que se prolongou por incríveis 15 anos, até que em 2020 a pandemia do covid-19 interrompeu as minhas visitas semanais e hoje só conversamos por vídeo. Meu apelido dado por

ele: “Voviska”. Daniel prima por se destacar nas coisas mais inesperadas. Porém, um fato não pode ser esquecido neste momento de destacar coisas inusitadas: Certa vez, ao ser submetido a um prova de matemática com peso 10, tirou a nota máxima da qual tomou conhecimento quando da leitura dos resultados pela professora. Como alguns alunos não foram bem de conceito, a educadora resolveu ajudá-los, submetendo a classe a nova avaliação, valendo um ponto. Daniel, novamente, surpreendeu, fez prova exemplar merecendo elogio e o ponto prometido. A professora outra saída não teve, a não ser adicionar ao 10 conseguido na prova anterior o ponto conquistado, registrando no rol das notas o número 11 na matéria: Matemática. “Sui generis”. Coisas de Daniel!!!

VINÍCIUS – outro neto de sangue! Chegou ao mundo três anos e dez dias depois do irmão – os dois são de setembro, mas de gênios completamente diferentes, embora pertençam ao mesmo astral do zodiaco. A diferença constatada pela mãe sugere que o fato de Vinícius ter nascido antes do tempo, ou seja, oito meses e uma semana, tenha propiciado a disparidade nos comportamentos. Sempre muito apressado! Quando ainda engatinhava, não podia ver uma formiga que a colocava na boca e adeus, formiguinha; isto é, se ela não o mordesse primeiro. Cheio de histórias e uma mais hilária do que a outra. Tudo com ele transforma-se em disputa. No começo da pandemia, estava com os primos andando de bicicleta no sítio da família, quando imprimiu velocidade para ver quanto o velocímetro registraria. Resultado: perdeu o controle e foi de encontro a uma árvore, luxando o braço em três lugares. Interpelado por mim, respondeu: “Se não for com emoção, não vale a pena andar de bicicleta”. Conclusão: braço imobilizado com gesso, que ele espatifou 10 dias depois. Como? Andando de bicicleta! Carinhoso

ao extremo! Pedia sempre um bicho de estimação e este ano conseguiu convencer o pai. Hoje ele é dono de um gato lindo, completamente preto, de nome: Baguera, fiel companheiro da gata Princesa, que Daniel ganhou como forma de compensação carinhosa.

**RAFAEL** – neto do coração. Para ele, eu sou tia Tê. Ele cresceu rápido e, hoje, está tão grande, mas o que tem de tamanho tem de bondade. Menino dedicado, estudioso e além do estudo curricular, pratica atletismo de várias modalidades: joga bola, basquete, faz natação, além de estudar música e frequentar curso de línguas, notadamente, inglês. Não é diferente dos outros, ou seja, tem o dia todo tomado com atividades das mais variadas. Bem humorado, adora pregar um trote em alguém, embora resista ferozmente quando é vítima do mesmo golpe. Como em toda relação de irmandade, Rafael chama para si a honra de ser o primeiro, ser o mais velho e, portanto, faz questão de estar no comando quando se relaciona com o irmão Felipe que, por sua vez, não admite inferioridade, enfrentando-o como se fosse um algoz, embate que, quase sempre, termina com os dois de castigo. Nas nossas andanças pelo condomínio, Rafael vai se comunicando com várias pessoas, cumprimenta um, chama outro pelo nome antecedido do “tio” e, invariavelmente, me convida para visitar o tio Beto e a tia Rose, que lhe franquiaram o acesso às frutas do quintal e às guloseimas, cujo esconderijo conhece de há muito tempo. Segue a peregrinação e, desta vez, o menino toca a campanha da casa do tio Marquinhos, onde conversa animadamente com os primos Neto e Henrique. Em seguida, marcha para a casa da tia Daniela, procurando os dois primos, Davi e Larissa, que também mantém como amigos. De lá vamos nós procurando o caminho de volta e Rafael vai me informando sobre seus conhecimentos sociais: “Tia Tê, aqui mora o tio André, ali o tio Cesar”... E, assim, vamos retornando para casa

quando, do outro lado da rua, ele percebe uma senhora no portão de casa com uma criança no colo. Não titubeou e me puxou pela mão, caminhando para atravessar a rua, cumprimentou a vizinha e foi acariciando a criança e me apresentando para, em seguida, pegar o neném no colo. Estranhei a atitude e, em breve conversa com a recém-conhecida, fiquei sabendo que Rafael sempre repete este comportamento, digno de elogios e raro entre crianças da idade que ele envergava naquele longínquo tempo.

FELIPE – Este é, sem dúvida alguma, o mais arteiro, pois com 9 anos registra um terço da idade em cicatrizes visíveis só na cabeça. Vive aprontando e está quase sempre de castigo. Dele guardo muitas histórias, mas, apesar da amizade, já vivemos atritos. Explico: como dividimos o dia de nascimento e algumas vezes coincidiu de visitarmos a família no mês de março, festejamos alguns aniversários juntos com uma condição determinada por Felipe no dia da festa: “Tia Tê, te amo, a festa é nossa, mas, o aniversário é só meu!”. Eu concordava com obediência ao adágio que ensina: Contra força não há resistência.

Passo a retratar deliciosas ocorrências vividas com essa criança adorável. Na última vez que estivemos em Osvaldo Cruz, pois é lá que residem estas duas últimas criaturas, ajudando o Felipe a fazer lição on-line, depois de tudo pronto, tarefa executada e conferida, ele me disse: “Tia Tê, eu gostaria de escrever alguma coisa a nosso respeito”. Incentivado por mim e pelo avô, com palavras próprias e que depois ordenamos sem alterar o enredo, iniciou a história:

“Eu e a tia Tê somos amigos, temos uma feliz coincidência, nascemos no mesmo dia de anos diferentes, em 21 de março.

Esta data marca também o aniversário de personalidades famosas (Pelé, Bolsonaro, Ayrton Senna, Ronaldinho Gaúcho e Grisman) o que nos torna famosos também, mesmo que seja no seio de nossa família. Quando a tia Tê vem para Osvaldo Cruz, costumamos andar pelo condomínio em busca de frutas silvestres, dentre as quais, amoras, acerolas, mangas, abacates, limões, etc... resultando em deliciosos sucos.

Juntos, tomamos banho de piscina, banho de chuva com direito a deitar na enxurrada e brincar com os chinelos como se fossem barquinhos na corredeira de águas não muito límpidas.

Eu sinto por ela muito amor e carinho do fundo do meu coração e sei que este amor é retribuído pela dedicação que ela demonstra, o que nos torna amigos para sempre.”

Esta frase carregada de amor, carinho e amizade nos emocionou grandemente, pois, formada com a sinceridade de uma criança, demonstra realidade, fidelidade e sinceridade em altíssimo grau e ao transportar para o livro, não ousei corrigir e nem inserir pontuações, mantendo a originalidade que, certamente, ficará indelével em nossos corações.

**MARIA EDUARDA** – mais uma neta do coração. Moreninha linda de oito anos de idade. Líder por natureza no meio das coleguinhas. Mimada, mas tão carinhosa que não lhe cabe a pecha desabonadora. Numa disputa quer sempre ser a primeira, atropelando os demais. Não se conforma se tiver que entrar numa fila, para ter atenção só para ela. Numa mesa montada especialmente para uma tarde lúdica com várias crianças, fui solicitada a ajudar na pintura de um desenho. Como eram vários pedidos, eu fiz uma lista por ordem de chegada, ao que ela interpelou: “A primeira sou eu!”. Eu disse: “Não, você é a terceira! Ela retrucou inconfor-

mada: “Então, não brinco mais!”. Conclusão: saiu da brincadeira, mas só até que chegasse a vez dela na fila! Integrou-se às demais crianças e brincaram o resto do dia.

Quando das nossas visitas na casa de Maria Eduarda, ela fazia questão de exibir o quarto finamente decorado, a quantidade imensa de brinquedos, as inúmeras roupas das quais ela se orgulhava. Mas, um fato inusitado sempre marcou nossos encontros: a presença de três gatos enormes que dividiam a casa com ela. Depois de devidamente alojados na sala enquanto aguardávamos a conversa com os pais, surge Maria Eduarda carregando com dificuldade um gato no colo que, ousou afirmar, era quase do tamanho dela. Colocando o bichano sobre o tapete, deixou o recinto para, logo depois, aparecer com outro gato no colo e da mesma proporção que o primeiro, alojando-o também. Outra saída e nova aparição, trazendo com o mesmo carinho o terceiro animal, que acomodou junto aos demais. O que presenciamos foi um deleite, um show apresentado pela neta que deitava ao lado dos gatos acariciando-os e, ora os detinha no colo, ora deitava por sobre eles, numa simbiose bonita de testemunhar e, por mais que ela se envolvesse com os bichanos, mais dóceis eles se comportavam. Esta é a adorável neta que compõe o rol carinhoso dos que nasceram para nos suceder.

**BERNARDO** – mais um neto do coração, último até o momento e mais uma coincidência: também é mestiço, como a Karu; o avô materno é nissei. Com sete meses, por causa da pandemia, não convivemos amiúde. Nos últimos tempos, estivemos juntos por quatro dias, depois de passarmos pela quarentena e ele também. Com seis meses iniciou a alimentação sólida e, durante a nossa estada na praia, pudemos apreciar as suas refeições: de manhã, a mãe lhe oferecia dois tipos de frutas, que Bernardo tri-

turava despedaçando-as e demonstrando felicidade em devorá-las. As bocadas se sucediam, entremeio a sorrisos deliciosos. Nas refeições, ofertava-lhe três tipos de legumes e uma proteína, além de entremeadas mamadas ofertadas diretamente da fonte. Em tempos modernos, nada de ofertar papinha como eu fui acostumada a servir para as crianças até a chegada dele. O pediatra determina que sejam oferecidos ao bebê alimentos aos pedaços, inclusive carne. Ao apreciar, reconheço, levei alguns sustos com ameaça de engasgo, mas a criatura desengasga sozinha! Desesperador! Mas lindo de ver uma pessoinha tão pequena se alimentando sozinha. Eu tenho por costume comer laranja pera após as refeições principais e invariavelmente tinha que dividi-la com ele. Mesmo azeda, ele não recusava. Já dá para perceber: vai ser um bom garfo! Outra atividade do menino resulta num aparelho que os pais adquiriram, mais ou menos complexo. Tem forma arredondada e muitos comandos, além de rodas que permitem a movimentação para todos os lados. Como Bernardo fica preso no centro, ajustado para o seu corpo, mantém-se em pé e logo mexe nos objetos coloridos que adornam o brinquedo. Como não consegue aquietar-se, faz movimentos como se fosse pular, enquanto exhibe sorrisos e sons como quem está feliz com a brincadeira. Este movimento para cima e para baixo vai estimulá-lo a andar precocemente, considerando que, além de forte, é muito ágil e inteligente, como se não bastasse a beleza e a simpatia. Vamos esperá-lo crescer; Bernardo, seguramente, também irá associar-se ao clube da Tia Tê.

## DE VOLTA À PANDEMIA:

Espero e torço para que se encontre logo uma vacina colocando termo a esta pandemia, pois não vejo a hora de poder reunir todos num grande abraço – familiar, caloroso e... presencial.



VALDIR CARLETO

## POR QUÊ RESOLVI ESCREVER O LIVRO “PITOCO E O VELHO MAL-HUMORADO”

Não estava nos planos escrever um outro livro, depois que lancei, em 2017, o “Era apenas uma brincadeira”, no qual contei como comecei minha trajetória no mundo da comunicação.

Eu gostei da experiência de escrever livro, até cogitei que pudesse fazer um por ano, mas, como não tenho muita criatividade para a ficção e não aprendi a escrever poemas, ficou só no desejo, pois não me surgiu um tema sobre o qual pudesse escrever com propriedade. Uma grande reportagem transformada em livro, como alguns colegas jornalistas já fizeram, seria desejável, porém, demandaria tempo e disposição que me faltam atualmente.

Se fosse contar passagens da minha vida, assunto é que não faltaria, mas achei que ficaria cabotino continuar falando de mim mesmo. Talvez pudesse contar um pouco mais sobre os inúmeros processos que já tive de responder por causa da profissão de jorna-

lista, alguns inclusive que surgiram ou foram julgados depois de 2017, mas é complicado, porque, dependendo do que escrevesse, poderia dar motivo para outras ações, a não ser que transformasse fatos em obra de ficção. Aliás, seria bom que algumas condenações não fossem mesmo reais, pois doem na alma – e no bolso.

Enfim, como não costumo sentir inveja, em vez de me pôr a produzir outras obras literárias, satisfiz-me em contemplar o que amigos fizeram, até que surgiu a repercussão de uma foto na qual apareço vestido com uma camiseta com a estampa do Pitoco, cachorrinho vira-latas que meus filhos insistiram para adotar. Na mesma foto, aparece o Pitoco, vestindo uma camiseta com a minha imagem.

Ah! Agora, sim! Tenho um tema. Mas, afinal, o que há de tão interessante para falar sobre uma fotografia que viralizou na internet, além do fato em si?

Aí é que reside a moral da história.

A repercussão da reprodução da foto na página Catiore Reflexivo, em 18 de junho de 2018, chamou a atenção do site The Dodo, dos Estados Unidos, que fez uma entrevista com meu filho Vinicius, publicada originalmente em inglês.

A entrevista foi traduzida para o português e, ao lê-la, fiquei surpreso com algumas frases que definiam minha personalidade, de uma forma da qual discordo.

Refleti muito a respeito. O quê foi exatamente que Vinicius disse ao ser entrevistado, de surpresa, por telefone?

Até que ponto jornalistas transmitem exatamente o que os entrevistados dizem?

Até que ponto as pessoas, ao serem entrevistadas, utilizam as palavras que definiriam da forma mais exata o que gostariam de transmitir?

Até que ponto nós nos conhecemos? Somos como achamos que somos? Ou as pessoas nos veem de outro jeito? Como nossos filhos nos veem? Terão ou não motivos para enxergar em nós características – para não dizer defeitos – que nós mesmos não notamos?

Devemos nos revoltar com a opinião que pessoas que amamos têm de nós? Devemos aceitar e nos resignar, por entender que é direito de cada um ter qualquer opinião a nosso respeito? Ou haveria algo mais que pudéssemos extrair de útil de um episódio como esse, de descobertas assim, de uma tomada de consciência?

Afinal, por que uma foto desprezível de um idoso com um filhote vira-latas teria chamado tanto a atenção das pessoas, a ponto de render uma entrevista em um site internacional? E por que essa entrevista me tocou tanto?

Com todas essas e outras perguntas rondando minha mente, cheguei à conclusão de que havia muito a pensar a respeito, pô-me a transformar em palavras e frases as inquietações e, quem sabe, publicar um livro com a história dessa foto, tudo que pude refletir e que possa ser útil às pessoas de alguma forma. Costumo dizer que o Jornalismo só tem utilidade se tiver utilidade pública. É com essa mesma filosofia que resolvi escrever o novo livro: que ele seja útil a alguém.

E, já que é para buscar ser útil, resolvi fazer uma ação social com a venda do livro. Doarei 20% da receita líquida da venda dos exemplares para dois projetos protetores de animais da região de Guarulhos: o Abrigo da Lana, por meio do qual o Pitoco foi adotado, e o Lar da Regina, sendo 10% para cada uma delas. Do preço de cada exemplar só será abatida a comissão de venda que tiver de ser paga a livrarias, bancas ou sites. Não é possível avaliar de quanto será essa ajuda, pois dependerá do sucesso ou não que o livro venha a obter. O resultado dessa ação será divulgado nas redes sociais.

No final do livro, estou incluindo um relato sobre o trabalho dessas duas batalhadoras em favor dos bichinhos abandonados. E, como há muitos outros projetos que merecem apoio das pessoas que têm carinho pelos animais, estou publicando também uma lista de ONGs e protetores, com as respectivas formas de contato para quem quiser conhecer mais a respeito e, ainda, como contribuir para que consigam manter esse trabalho.

Um fato inquestionável é que um animal de estimação é mesmo uma excelente companhia. Inúmeras vezes, estamos só eu e Pitoco em casa e me pego conversando com ele, até desabafando. E, pela cara que ele faz, parece que compreende o que eu quis dizer. Quantas famílias talvez inspirem-se em meu relato, resolvam adotar um bichinho abandonado, e, além de se sentirem úteis, também serão mais felizes.

Enfim, foram meses de dedicação para a elaboração do livro, pesquisando fontes, dados e fotos. Tomara que o resultado tenha ficado satisfatório. Melhor que isso, só se tiver ficado um livro “bom pra cachorro”!

## CUIDADO ONDE PISAAO FAZER UMA CAMINHADA!

O internauta Jadão Corsine, atento seguidor do portal Click Guarulhos, sugere falar de cenas recorrentes que ele tem visto na região da Vila Augusta, e que se repetem por toda Guarulhos e, por que não dizer, em praticamente todo o Brasil.

Ele caminha por seis quilômetros diariamente e comenta que, embora seja um bairro dotado de boa estrutura e que abriga famílias de poder aquisitivo e nível social de padrão razoável,

notoriamente acima da média, observa comportamentos que não são condizentes com o que se poderia esperar de uma população com essas características.

Jadão menciona que o bairro é bastante verticalizado e que muitas famílias criam cachorros nos apartamentos. Os bichinhos ficam ali confinados, até que seus donos tenham um tempo para levá-los a dar uma volta. O lamentável é que as pessoas esquecem de levar uma sacolinha para recolher as fezes que, invariavelmente, os cães liberam pelas calçadas, o que torna impossível caminhar sem o risco de levar um escorregão ou, no mínimo, pisar numa dessas armadilhas malcheirosas.

Se não bastassem as sujeiras dos cães, agora as calçadas viraram depósitos de máscaras de proteção. Jadão salienta, com razão, que as pessoas as descartam sem a menor cerimônia, assim como fazem com restos de construção. “Isso mostra que nível sócio-cultural-econômico nada tem a ver com educação. Peço que escreva a respeito disso, para tentar sensibilizar as pessoas”, conclui o internauta.

Ele tem toda razão: não são anos de estudo, nem quanto a pessoa tem de renda familiar que define seu nível de educação, ao contrário do que se poderia esperar. Se isso só ocorresse nos arredores da Vila Augusta, seria o caso de fazer uma campanha localizada, criar uma blitz para multar quem deixa uns e outros detritos nas ruas. Infelizmente, cenas semelhantes são observadas em praticamente todos os lugares.

No caso das máscaras, há o agravante de que podem estar contaminadas com o novo coronavírus. As máscaras descartáveis devem ser jogadas junto com o lixo orgânico e com cuidado, embaladas em plástico, para evitar que contaminem o solo. Jamais colocá-las junto com materiais recicláveis, para

que não transmitam o vírus a pessoas que vivem dessa atividade. Muito menos jogá-las nas ruas.

Por falar nisso, vi um vídeo muito educativo, no qual coletores de lixo pedem que as pessoas acondicionem corretamente vidros quebrados, antes de pôr os sacos para serem coletados. Ensinam didaticamente como colocar os cacos dentro de garrafas pet, fechando-as com fita adesiva. Citam também agulhas, seringas de injeção e outros objetos perfurantes ou cortantes, que devem ser bem envoltos em outros materiais, para evitar que os coletores se firam e, pior, que possam se contaminar ao manusear os sacos de lixo durante o trabalho de coleta.

Estes são ensinamentos que devemos transmitir às crianças, procurando fazer com que as novas gerações tenham mais respeito pela natureza e pelos outros seres humanos do que os adultos atuais têm demonstrado.



♧ 42 Anos ♧  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

**PARTE II**  
**NOTA FÚNEBRE**



## NOTA FÚNEBRE - CASTELO HANSSEN

### HOMENAGEM AO VULTO TOMBADO

A Academia Guarulhense de Letras verga-se diante da força inexorável da natureza. Da constelação de escritores que congregam a mescla cultural do nosso Município, uma estrela deixou de brilhar, pois, pela via natural, encerrou a sua jornada na Terra: Faleceu no dia 06/03/2020 o festejado escritor Aristides Castelo Hanssen. Astro de primeira grandeza na história das letras guarulhenses, o popular Castelo após definhar no leito de dor por um árduo período, passou a integrar a morada celeste. Não levou nada, a não ser a indumentária que escolheram para dignificar a sua passagem. Em contrapartida, deixou fincada nas prateleiras da vida a sua vasta obra cultural que, indubitavelmente, servirá para saciar a sede dos vorazes amantes das letras que primam por uma leitura de reconhecido valor.

Castelo, escritor de alto padrão, sempre primou pela simplicidade e, embora tenha testemunhado o nascimento do nosso Sodalício, jamais alardeou ser um membro fundador, nem mesmo quando envergou a condição de posto máximo da Confraria, erigido que foi à láurea da presidência. Manteve-se no mesmo estilo e no comportamento plácido. Cordato, tratava os pares com lhanza e sabedoria, objetivando sempre a marcha evolutiva da Academia. Como membro fundador, Castelo ombreava o confrade Ary Baddini Tavares neste mister. Ambos remanescentes da ancestralidade e, para o contemporâneo, ao partir deixou o malhete que lhe assegura a verdadeira honra de ostentar sozinho o posto de membro fundador.

O acadêmico Castelo sempre pautou a sua existência pela cultura, preterindo até mesmo a sua vida. De alma boêmia, quando jovem frequentava as noites acaloradas por festas e encontros com artistas locais, a saber: Pedro Dias Gonçalves, Onofre Leite, José Ednaldo e Ângelo Macedo, dentre outros, onde podia apresentar seus poemas e histórias muito bem engendradas, cultivando, assim, a fama de ser o melhor poeta de Guarulhos. Entre outras iniciativas que puderam contar com sua contribuição, esteve o Grupo Literário Letraviva, que revelou diversos talentos da literatura guarulhense.

Não criou família, tampouco cuidou da saúde e, graças a um amigo, Valdir Carleto, que, sendo empregador por muitos anos, recolheu regularmente o INSS, na velhice pôde aposentar-se, ainda que com um salário que mal lhe permitiu a sobrevivência. Em face do descaso com a saúde, Castelo foi acometido de severa diabetes que, mal controlada, ocasionou-lhe a perda parcial da visão, dificultando-lhe a locomoção, sempre amparado por uma indefectível bengala articulada (presente da confeitira Teresinha).

Muito benquisto nas hostes culturais, Castelinho, como era carinhosamente chamado por alguns fãs, tirava da cartola histórias fantásticas e/ou poemas lindíssimos e bem construídos. Era lembrado e convidado por seus pares para participar de saraus, festas, homenagens e outros tantos eventos onde se impusesse lampejos culturais.

Aristides Castelo Hanssen partiu deixando vazia a cadeira de número 8 e, com direito ao patronato, foi ter com o seu patrono Vicente Augusto de Carvalho, talvez prestar contas sobre o juramento realizado ao assumir a cátedra, que prometeu honrar e que cumpriu galhardamente. Foi ter, também, com o secretário Laerte, que o recebia no escritório sempre com uma cervejinha gelada; foi encontrar Gasparino e ouvir seus rompantes sobre os vinte anos de presidência do nosso Sodalício; foi recordar junto ao saudoso João Ranali a sua atuação como primeiro delegado de polícia de Guarulhos, como jornalista na Folha Metropolitana e historiador emérito da nossa cidade; foi abraçar Eugênio Asano, com quem comemorava aniversário na mesma data e, do Natalino, ganhar um “abraçasso”. Do lado de lá, certamente, Castelo encontrou cadeira para ocupar na roda de prosas e versos formada por todos os nossos ancestrais. Levou nossas lembranças e saudades e deles deve ter ouvido o nome do próximo Confrade que um dia vai tomar lugar naquela roda de artistas amigos e que nós, sobreviventes da pandemia, só saberemos através de uma inesperada e desagradável “Nota de Falecimento”.

*Mauro dos Santos Oliveira*  
*Acadêmico Efetivo*



✧ 42 Anos ✧  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

**PARTE III**  
**SINOPSE DAS ATIVIDADES**  
**RECENTES DA AGL**



## SINOPSE DAS ATIVIDADES RECENTES DA AGL ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS: DE JULHO DE 2019 A JUNHO DE 2020. A SAGA CONTINUA.

Estamos em meados do mês de junho de 2020, no epicentro de uma revolução na saúde mundial, causada por um microorganismo chamado coronavírus e qualificada como “Pandemia”. A seriedade do mal que assolou o mundo, atingindo com grande intensidade o Brasil, provocou verdadeiro caos, obrigando a sociedade a se habituar com mudança repentina nos costumes até então vivenciados. As atividades sociais que, habitualmente, regiam a vida comum foram estagnadas, o País estacionou e as pessoas foram obrigadas a se enclausurarem, obedecendo a ditames severos de comportamento: distanciamento social, no mínimo 1,5m entre as pessoas nas relações cotidianas; sair do exílio somente em casos especiais; sendo a contaminação contraída pelas vias aéreas, a obrigatoriedade do uso de máscara tornou-se fator imperativo, inclusive por imposição governamental; os cumprimentos afetuosos somente mantendo-se distância, evitando-se abraços, apertos de mãos e beijinhos, adotando-se a prática de toque entre cotovelos e/ou a lateral dos pés. Mesmo com estes cuidados, a letalidade grassou, enlutando milhares de lares que viam seus entes queridos partirem em breve tempo, após contraírem a covid-19, nome da doença causada pelo novo coronavírus, vilão dessa história. As autoridades em saúde de todo o mundo procuram solução para minimizar a ação feroz do vírus que já infectou mais de um milhão de brasileiros, porém, passados três meses da irradiação do vírus no país, não há luz no final do túnel, sendo que para infectologistas renomados o único remédio para frear o mal será a criação de uma vacina que, apesar dos estudos já iniciados, somente será apresentada para consumo em meados do ano de 2021.

Para prosseguir sua luta em prol da cultura e do saber, a AGL, por seus pares, desenvolveu mecanismo para promover as habituais reuniões mensais e, graças ao desempenho coletivo, conseguiu idealizar um modelo virtual para agregar os imortais, permitindo a manutenção das reuniões costumeiras pela nova via, suprimindo as necessidades de prosseguir a lida acadêmica, dando continuidade na publicação de sua história que vem sendo atualizada nas páginas de sua Revista anual. Feitas estas explanações, informamos que discorreremos neste espaço sobre 12 reuniões, sendo as primeiras 6 (seis) presenciais e as demais na forma virtual. Pedimos vênias para, na sequência, retratar mais um capítulo da história da Confraria, que será registrado para a posteridade.

O Sodalício, constituído por um grupo de no máximo de 40 componentes, prima por manter viva a sua história com a mais fiel retratação. Esta assertiva se observa na abertura dos trabalhos na reunião do mês de julho de 2019, quando a notável presidente Antonia Vaz reverencia todos os membros tombados e que muito lutaram para oficializar a AGL como única instituição de Utilidade Pública que representa a cultura, o saber e as letras, enfim, verdadeira guardiã do vernáculo brasileiro em nosso Município.

Mesmo tratando-se de um grupo seletivo e restrito, que exige especificidade de escritores para integrarem a Confraria, há casos que merecem registro na seara da excepcionalidade. Esta ata registra solicitação de afastamento de membro que não se adaptou aos critérios impostos por força estatutária, resultando, como não poderia deixar de ser, no seu afastamento por decisão colegiada unânime, como se vê nas notas abaixo.

Em contrapartida, registramos o esforço e dedicação do confrade Fabio Cardoso em chamar para si responsabilidade de ato que permitirá maior integração do Sodalício nas lides virtuais. Fabio unirá suas forças ao incansável acadêmico Jerônimo no cumprimento do mister.

Grandes pensadores tornam-se verdadeiros mestres em difundir mensagens positivas e, alguns, em idade provecta, esme-

ram-se e contribuem para uma vida espiritual aprimorada. Observem em nota abaixo a fala de um dos decanos da AGL, mestre Bismael Batista de Moraes.

A administração da Confraria está adstrita ao comando de uma diretoria que, via de regra, se constitui num núcleo duro para assuntos gerais e providências necessárias e imediatas. Observa-se nas notas abaixo a preocupação do secretário Mauro em solicitar aos pares conferência apurada nos documentos expedidos pela secretaria administrativa, inclusive, as atas que deverão retratar fidedignidade em seus assentamentos.

A alma feminina impera, como não poderia deixar de ser, mormente, na obrigatoriedade de promover a cultura, o conhecimento e o saber. Poetisa de primeira ordem, a congreira Isabel alerta aos pares a necessidade de proporcionar interação cultural com os munícipes, objetivo precípua de difundir o interesse pelas letras. Estes apontamentos referendam o teor registrado nas notas que seguem.

Em 31/07/19 - A presidente deu início aos trabalhos reverenciando a ancestralidade e desejando mansidão e paz aos confrades presentes e respectivas famílias.

- No tocante à ativação do Site da AGL, o confrade Fábio verá como solucionar o problema, restituindo o quanto antes esta via de comunicação, permitindo publicidade das causas acadêmicas.

- O mestre Bismael pediu vênua para afirmar: Deus não pode ser visto como figura antropomórfica, ou seja, como homem ou mulher. É a causa primária de tudo e a inteligência suprema do Universo. Participou aos presentes que no dia 12/07 esteve representando a Confraria na FLIP – Festa Literária Internacional de Parati, na aprazível cidade, divulgando o recente lançamento da obra autoral “Elementos de Prevenção Criminal”.

- Mauro agradeceu aos pares a convivência e divisão nas tarefas, solicitando, também, a conferência das atas produzidas pela Secretaria, com o objetivo de atingir com absoluta clareza a fidedignidade do documento.

- A confeitaria Isabel Borazanian tem o condão de edulcorar o ambiente e a atroz preocupação com a sustentabilidade cultural na nossa cidade. Convoca os pares para que participem dos eventos, emprestando um pouco de seus conhecimentos em prol dos amantes das letras. Palestras e participações diversas em colaboração com público ávido por conhecimento são sempre bem recebidas, com resultados múltiplos e positivos.

O calendário registra o mês de agosto e na derradeira quarta-feira o seletivo grupo de escritores, no horário aprazado, ocupa cadeiras identificadas para o início de novo encontro. A reunião recebeu influxos benignos do confrade Plínio Tomaz, que orientou com sensibilidade e devoção os trabalhos que se iniciam. Com ares solenes, a Presidente Antonia anunciou a presença do ilustríssimo senhor Vítor Souza, secretário de Cultura do Município de Guarulhos que, pela terceira vez, honra o Sodalício com a sua presença. Após os cumprimentos de praxe, o secretário manifestou efetivo interesse pela AGL, realçando a importância do único órgão oficial que representa a cultura, o conhecimento e o saber da nossa cidade. Demonstrou com clareza que pretende estreitar ainda mais os laços entre as instituições, auxiliando no que for possível a Confraria nas suas maiores carências, revelando, inclusive, o andamento de uma parceria entre o órgão público e esta casa de cultivo à cultura em breve futuro. Declarou que a AGL terá maior projeção nos eventos culturais promovidos pela Secretaria que comanda e que constará na grade da programação para eventos anuais. Prometeu viabilizar tratativas no sentido de conseguir verba para auxiliar nas despesas da Academia, suportadas pelos pares através de contribuições espontâneas. Interpelado pela secretária Teresinha sobre a necessidade do Sodalício fazer uso integral da área do prédio da qual tem a guarda por determinação legal, Vítor prometeu estudar o assunto. A confraria tem um problema constante e de difícil solução, considerando o número reduzido de componentes e a disponibilidade dos membros na condução

das causas acadêmicas. Alguns escritores encontram-se acamados, justificando suas ausências pela impossibilidade de locomoção; outros optam pelo afastamento sem prévia comunicação, ficando ao largo dos acontecimentos e sem se importar com as responsabilidades de manter a progressão da Instituição. Sobre esse assunto manifestou-se a secretária Teresinha, enfatizando que os acadêmicos faltantes desobedecem a nossa Carta Magna, pois a ausência reiterada e sem justificção, quando alongada, pode ser considerada como causa de perda da cadeira conquistada, em benefício de outro escritor que se comprometa a cerrar fileiras em prol da Confraria. O secretário Mauro lembrou que os Estatutos que regem a AGL devem ser obedecidos como parâmetro de justiça, servindo para ordenar as regras e obrigações e, nos casos de desobediência, como freios e contrapesos, jogando luz sobre a discórdia. O Colegiado decidiu que a Secretaria oficialize os membros faltantes para manifestarem-se sobre as ausências contumazes e o interesse de permanecerem elencados no rol da imortalidade. Em contrapartida, tornaram-se fato corriqueiro os elogios rasgados dirigidos aos pares que se destacam pela produtividade literária, como se pode observar na fala do confrade Mauro ao destacar o empenho do acadêmico Clovis Domingues que, recentemente, lançou um livro no velho e famoso Tendal da Lapa. O zelo e a consideração demonstrados pelos membros do Sodalício revelam-se pela procura incessante em jogar luz sobre a cultura de nosso Município. Desperta especial atenção o exemplo demonstrado pelo confrade e líder comunitário Clovis Domingues que, incessantemente, relaciona-se com as letras numa simbiose tamanha e, quando menos se espera, lá vem o escritor emérito anunciar que foi desafiado para escrever nova obra. Desta vez, foi convidado pelo filho de um amigo de longa data, que faleceu recentemente, a desenvolver a sua biografia. O desafio foi aceito e em breve tempo a encomenda foi para o prelo, traduzindo com fidelidade uma excelente obra, a contento da família e apresentada ao público em solenidade à

altura do escritor dedicado. Este capítulo refere-se às notas que se vislumbra a seguir.

- Em 28/08/2019 - A presidente Antonia inaugurou a reunião concedendo a palavra ao confrade Plínio, que desejou aos pares um bom ordenamento e soluções para os debates que se iniciam.

- Recebemos a visita do senhor secretário de Cultura, Vítor Souza, que pela terceira vez marca presença em nossos encontros. Concedida a palavra ao convidado, este chamou a atenção para o corrimão recentemente colocado na escada de acesso ao piso superior, considerando cumprido um dos itens dos diversos pleitos da Confraria junto à pasta que comanda. Concernente aos demais pedidos registrados no documento que recebeu, o secretário afirmou que somente serão apreciados após a oficialização de uma parceria entre o Sodalício e a Prefeitura Municipal de Guarulhos, relação que somente se iniciará no ano de 2020, considerando que o orçamento do ano andante já se encontra fechado e em obediências às normas municipais. Manifestou o desejo de incluir a AGL, como o maior órgão da cultura do Município, na grade da Secretaria para o ano de 2020 e, para esta demanda, necessita estabelecer um Termo de Participação entre as Instituições até o derradeiro dia do ano de 2019.

- Em oportuno aparte, a secretária Teresinha trouxe à baila o assunto da cessão do andar inferior do nosso prédio para órgão municipal, demonstrando que há interesse da Academia em reaver a parte cedida para poder ampliar as atividades culturais e tornar a sede num visível ponto de cultura. O Secretário assentiu que tal procedimento demanda, também, de se estabelecer um Termo de Parceria entre os órgãos, postergando a providência para o ano vindouro. Quanto à pergunta sobre a verba que poderá beneficiar a confraria no ano que vem, Vítor estimou algo em torno de R\$ 100 mil, solicitando que a documentação exigida para concretizar a parceria seja providenciada até o dia 10 de setembro.

- O secretário referendou a informação de que qualquer solução e empenho do órgão público somente se efetivará através de Termo

de Parceria. Informou, também, que a próxima conferência ocorrerá no Complexo Adamastor nos dias: 20 e 21 de setembro, sugerindo o comparecimento de membros do Sodalício naquela reunião.

- O confrade Mauro chamou a atenção para a necessidade de se obedecer regamente o que reza o Estatuto, fazendo valer a ordem e a lei para todos, indistintamente.

- Aos debates que se alongaram, a turma decidiu por maioria absoluta que os membros faltantes e em rota de colisão com os Estatutos sejam consultados através de ofícios enviados pela Secretaria, se continuarão acéfalos ao movimento acadêmico ou se pretendem incorporar a fração de honrosos defensores do Sodalício, mantendo-o no panteão da cultura e do saber.

- O acadêmico Mauro elogiou o confrade Clovis, parabenizando-o pela edição de mais uma obra lançada domingo passado no Centro Cultural Tendal da Lapa.

A vida pulsa no seio da Confraria e, mais uma vez, o festejado encontro mensal acontece, e, como estabelecem os estatutos, conferindo o quórum necessário, formou-se o colegiado para os debates habituais, objetivando cumprir os assuntos estabelecidos em pauta. Após a inauguração dos atos pela presidente Antonia, o maestro Colacioppo faz vibrar a batuta para que o coro acadêmico entoe o hino do Sodalício, iniciando o ordenamento dos trabalhos. A primeira fala é dita pelo comunicador confrade Augusto que informa aos pares a sua participação em programa televisivo representando a Confraria, registro de muita relevância, considerando a visibilidade que o nome da AGL propagado em veículo de grande penetração no Município difunde e enobrece.

A AGL prima pela assiduidade de seus membros, que são os baluartes responsáveis pelo respeito, visibilidade, representatividade, movimentação acadêmica, essencialmente, pelo bom andamento de seus feitos. Assim, necessário o empenho e dedica-

ção dos confrades em número já tão reduzido e, particularmente, quando o Acadêmico tem obrigação de privilegiar afazeres em detrimento dos aqui referidos, sobrecarrega os demais, que têm que se desdobrar para resolver as questiúnculas. Neste tema, ausência sem justificativa por mais de seis meses, cabe ao Colégio acatar norma estatutária e, após notificação registrada, decidir sobre o afastamento do faltoso, no sentido de tornar vaga a cadeira por ele ocupada. Nos casos de ausência por motivo de força maior, é possível transferir a categoria do Acadêmico efetivo para membro Honorário, condição que desobriga tanto o empenho como o labor, mantendo-o como amigo dos pares e das letras. Para decidir sobre assuntos desagradáveis como o expurgo de membro efetivo, a secretária Teresinha lembrou que há que se estabelecer a confecção do Regulamento Interno para flexibilizar letra morta da lei que rege os Estatutos, pois, em decisões de difícil solução e/ou diante de casos sensíveis e delicados, o Colegiado possa encontrar meandros para deliberar. Aliás, nesta linha de raciocínio, o nobre confrade Clovis Domingues desenvolveu trabalho que será pautado e apreciado pela mesa, em busca da decisão correta.

No elenco de ocorrências que ora se comenta, nota-se o poder de penetração da Confraria quando se observa a intercomunicação com a coirmã paraibana ACAL, que tem como membro fundador o nosso confrade Bosco Maciel, que lá esteve em visita, sendo homenageado através da outorga da obra “Patronos e Patronesses”, compêndio que congrega trabalhos dos escritores daquele prodigioso Estado.

A secretária Teresinha comunicou aos pares que esteve na Câmara Municipal de Guarulhos, onde foi assuntar sobre o Projeto de Lei 2114/2016, que trata da oficialização do Dia do Escritor Guarulhense, encaminhado pelo vereador Edmilson Souza Santos que, como todo bom político, prometeu agilizar e até esta data, decorridos mais de quatro anos, não se efetivou o pleito.

No derradeiro item desta reunião, nota-se o esmero e a dedi-

cação dos acadêmicos Valdir e Jerônimo, responsáveis pelo ordenamento, correção, diagramação e envio do material para a edição da Revista 2019. Todas as informações aqui assentadas podem ser atestadas nas notas da ata que se vislumbra abaixo.

Em 25/09/19 - A presidente iniciou a reunião, sendo precedida pelo confrade Fábio, que com palavras de conforto e harmonia, orientou o encontro dos pares.

- Ato contínuo, o maestro Colacioppo regeu o coral acadêmico na apresentação do hino do Sodalício.

- O confrade José Augusto comunicou aos pares que vai participar de programa televisivo, representando a Academia em debate sobre assuntos diversos.

- Acerca do assunto acadêmicos ausentes, a Secretaria informou que enviou ofício pelo correio no sistema de Aviso de Recebimento para os membros determinados pelo Colegiado: Claudemir Pedroso da Silva, Antonio Darci Pannocchia e Espedito Pinheiro de Souza. Das três convocações, restou frutífero somente a resposta do confrade Claudemir que, através de e-mail, justificou suas ausências involuntárias, requerendo, se possível, a sua classificação de membro efetivo para a modalidade “Honorário”. Esclareceu o seu pleito afirmando que admira o Sodalício e nutre amizade por seus pares, objetivando estreitar os laços afins toda vez que dispuser de tempo. Diante de seus rogos, a presidente consultou a mesa que, após rápido debate e considerações, deliberou conceder a honorabilidade ao suplicante, para mantê-lo por tempo indeterminado filiado às letras guarulhenses.

- O confrade Clovis, diante da possibilidade de se promover o afastamento daqueles que um dia recebemos na nossa confraria, ponderou sobre a modificação no horário das reuniões ordinárias, assunto que não prosperou, em face das inúmeras tentativas sem obter êxito.

- A secretária Teresinha ventilou o assunto Regulamento Interno e a necessidade de viabilizar tal documento. Havendo minuta preparada pelo confrade Clovis Domingues, a mesa decidiu que a Secretaria vai enviar para todos os acadêmicos, via e-mail, o texto do projeto tão bem elaborado, para pareceres e orientações.

- O confrade Bosco Maciel também membro da Academia Cajazeirense de Artes e Letras, coirmã paraibana, ofertou o exemplar “Patronos e Patronesses”, obra dos confrades daquela terra, em ato solene que ficará registrado nos anais da Confraria.

- A confrreira Teresinha esclareceu aos pares que esteve no plenário da Câmara Municipal de Guarulhos, onde foi recebida pelo confrade edil Edmilson Souza. Solicitou informações sobre o Projeto de Lei nº 2114/2016, de sua autoria, que institui o Dia do Escritor Guarulhense, ao que o vereador respondeu que em breve tempo dará resposta sobre o tema.

- O acadêmico Valdir informou aos pares que os textos da Revista AGL 2019 foram conferidos, no mínimo, por três escritores. Quanto à edição propriamente dita, Valdir promoverá a cotação de três orçamentos em gráficas já conhecidas. Neste mister será assessorado pelo confrade Jerônimo no sentido de tornar célere esta incumbência, inclusive, cabendo-lhe a parte da diagramação do trabalho.

O encontro dos imortais no mês de outubro, em seu introito, obedeceu o rito natural com a cerimônia de praxe, consistente na apresentação do Hino do Sodalício, comandado pelo ilustre maestro Colacioppo. Ato contínuo, a presidente Antonia iniciou os trabalhos homenageando a Unicamp, respeitada Casa de Ensino que congrega e prepara milhares de alunos. Honroso louvor!

O confrade Augusto Pinheiro demonstra como é estreito o relacionamento entre a Confraria e os estabelecimentos de ensino na comarca de Guarulhos. Convidou um jovem professor de esco-

la local para conhecer o reduto dos imortais e foi convocado para ser jurado em evento cultural a ser desenvolvido naquela instituição. Observe o registro da primeira nota.

Honra-nos, sobremaneira, poder discorrer sobre a saga de um acadêmico efetivo de quatro costados, Ary Baddini Tavares. Membro fundador da AGL o mestre Baddini, um dos baluartes vivos do grupo de escritores que muito se empenharam para a fundação da Confraria, é decano da FIG-Unimesp, onde iniciou a louvável atuação de professor nos idos de 1969. O velho mestre, de extremada inteligência, dominava o cenário quando na sala de aulas ministrava sobre Direito da Economia. Ainda em tenra idade, enveredou pelo vício do tabagismo e, hoje, a vida mandou-lhe a fatura: octogenário com sérios problemas nas vias aéreas, vive refém de aparelhos que lhe provêm de oxigênio, mantendo-o recluso grande parte do tempo, com restrições severas na locomoção, sob assistência carinhosa da esposa, Dra. Simone. Para estreitar os laços da velha e consistente amizade, a turma decidiu promover um encontro com o confrade Baddini na Secretaria Administrativa, para revê-lo e matar a saudade. Assim foi feito e o Mestre, em que pese o aparato necessário para permitir ventilação em auxílio aos pulmões, teve um comportamento invejável. Conversou, contou casos, lembrou de fatos de tempos remotos, inclusive, que quando do seu acesso para trabalhar no Banco Brasileiro de Descontos, atual Bradesco, em priscas eras, reportava-se ao diretor Laudo Natel, de quem anos depois tornou-se amigo. A emoção tomou conta do ambiente fraternal que, certamente, por muito tempo estará na lembrança dos pares privilegiados que participaram daquele encontro agradável. Vida longa ao decano da AGL e da FIG-Unimesp.

No decorrer desta reunião, destacados os itens acima elencados, nota-se a movimentação da Confraria no cumprimento do seu mister: implementar a cultura através de seus membros que se

manifestam, alternadamente, na apresentação de textos e de ideias para propagar o saber e o conhecimento. Os temas são variados e a ribalta escolhida. Via de regra, são os Pontos de Cultura espalhados pela cidade, onde os amantes das letras são frequentadores assíduos. O acadêmico Ivo tornou-se conhecido pelas apresentações culturais das quais participa no Sesc Guarulhos, no tradicional “Sarau dos Idosos”. Já a confeitira Isabel Borazanian, versada na arte de declamar poesias e apresentações musicais, atua com muita frequência nas datas festivas e/ou comemorativas promovidas durante todo o ano. Jerônimo, com toda a sua jovialidade, não mede esforços para representar o Sodalício, levando a cultura para as escolas do Município. Bosco Maciel brilha com a sua arte de representar, de alegrar, de instruir e de comunicar sobre a cultura nordestina, exibindo dotes de cordelista, repentista, marionete, músico e contador de histórias. Louvo, também, os confrades que assentaram nesta Ata de outubro, as suas marcas registradas em filosofia e domínio da escrita, cada um externando o que a alma lhe dita, independente do tema que lhe ocorrer no momento. São, todos, indistintamente, privilegiados pelo legado cultural que arregimentaram ao longo da vida. Constate no teor das notas abaixo.

Em 30/10/19 - A presidente Antonia iniciou a reunião homenageando a Unicamp, instituição de grande credibilidade e que congrega atualmente mais de 34 mil alunos.

- O acadêmico Augusto anunciou a presença de Maurício de Oliveira Ramos, jovem professor da Escola Vinícius de Moraes. O visitante convidou os pares para um evento que ocorrerá naquela casa de ensino no dia 11/11/2019, tendo como tema “Concurso de redação”, objetivando a criação de uma academia de letras, intramuros, e que, futuramente, se estenderá para a população juvenil dos arredores. A título de incentivo, a Confraria convida os três primeiros colocados no certame para se apresentarem na festa de

confraternização de final de ano.

- O maestro Colacioppo informou que visitou o confrade Baddini, revelando, inclusive, a necessidade que o adoentado sente de se comunicar. Por uma questão de justiça, de fidelidade e, principalmente, de solidariedade, a Turma resolveu promover um encontro na Secretaria Administrativa entre os pares e o mestre Ary Baddini, no dia 07/11.

- O mestre Bismael declamou “Pens/Ação”, trabalho inserto em uma de suas obras.

- O acadêmico Ivo manifestou-se sobre trabalho que apresenta no Sesc Guarulhos, denominado “Sarau dos Idosos”, declarando a seguir: “Delírio Matemático”.

- Jerônimo teceu comentário acerca do trabalho de Ivo em complemento poético.

- O acadêmico Ivo participou do evento “Prêmio Guarulhos de Literatura”, valendo lembrar que ficou dentre os 10 primeiros colocados no universo de milhares de participantes.

- O tesoureiro Fábio leu um conto do autor Elias José, denominado “A Caixa Mágica de Surpresas”, lembrando o Dia do Livro, recentemente comemorado.

- O acadêmico Bosco pinçou do seu livro “As Narinas do Dragão”, poema intitulado Pindorama, em homenagem ao povo indígena.

- O confrade Jerônimo rememorou trabalho autoral intitulado “Guarulhensidade” confirmando neologismo.

- O acadêmico Sílvio teceu comentários sobre as propriedades morais, sociais e intelectuais do homem, que devem sobrepor a qualquer desenvolvimento, por mais moderno e futurístico que seja.

- A presidente Antonia brindou os presentes com palavras construtivas, de incentivo e de conforto.

Como costumeiro, a liturgia dá o tom aos encontros que decidem os destinos da nossa Confraria. Ato devocional imprime

a marcha vitoriosa dos debates acalorados a serem discutidos e a entoação do Hino Institucional, dando-lhe ares de pura civilidade.

A primeira nota da Ata de novembro reveste-se de tristeza e pesar, pois anuncia agravamento no quadro clínico de um acadêmico que se afastou por motivo de saúde. Acometido de mal insidioso e perverso, vive absorto e sob o comando da abnegada esposa e filhos que dedicam suas vidas em prol do saudoso e produtivo professor que, derrotado pela doença, não responde mais aos domínios do mal que lhe aflige. Perda irreparável para o Sodalício.

A Confraria, embora apolítica, mantém fortes laços de relacionamento com várias instituições que militam em nosso Município, dentre as quais a municipalidade que governa a cidade, através de sua Secretaria de Cultura. Por isso, o relacionamento mais amigável com as autoridades que comandam os órgãos responsáveis pela educação e a cultura. Nesta reunião recebemos o senhor Darlan, representando o secretário Vitor. Ele compareceu para repercutir assuntos ventilados quando da visita daquele, na reunião pretérita. Como todo bom político, Darlan dourou a pílula revelando possibilidades de praticar aporte monetário em prol da AGL; porém, até hoje sobrevivemos do esforço e colaboração dos nossos membros.

A sede da AGL recebe, vez por outra, caravanas de alunos de diversos cursos para conhecerem a tribuna que congrega os imortais. Desta vez, as congreiras Isabel e Wilma abriram as portas da confraria para recepcionar o escritor Elton Soares de Oliveira e alguns alunos para vivenciarem o ambiente solene e histórico onde se reúnem os representantes da cultura guarulhense. O mestre Bismael destacou de sua obra “Amazônia Mundo Verde” o trabalho “Minha América Latina”, onde compôs música em homenagem ao musicista e compositor brasileiro Antônio Carlos Jobim, há mais de 15 anos.

Eis a síntese do registro da reunião:

Em 27/11/19 - Às 14h a presidente Antonia anunciou o início da última reunião ordinária do ano de 2019, que teve como orientador para um encontro proveitoso, o confrade Valdir Carleto, que proferiu palavras de conforto, de alento e de louvor à cultura.

- O maestro Colacioppo assumiu a entonação do hino do Sodalício, regendo o coral acadêmico em momento cívico e festivo.

- A secretária geral, incumbida que foi de contatar a família do confrade Espedito Pinheiro, trouxe notícia de grande preocupação. Relatou que ao contato telefônico com a esposa do acadêmico, soube que ele padece de mal de Alzheimer e de forma galopante, pois, na atual conjuntura não reconhece, sequer, a esposa, a filha e os netos. A notícia causou comoção geral, culminando com decisão unânime de mantê-lo como membro efetivo.

- O confrade Mauro comunicou que no dia 07 próximo passado a Secretaria recebeu alguns acadêmicos no escritório para uma tarde de memórias e retóricas acerca do nosso ilustre professor Ary Baddini Tavares. O velho mestre, assessorado pela Dra. Simone Baddini, entre quitutes e guloseimas, deu asas à imaginação e, aos estímulos de seus convidados, demonstrou a mesma verve que sempre norteou as suas aulas, lembrando e contando histórias vivenciadas desde os primórdios da vida, quando entrou para o Banco Brasileiro de Descontos, ainda menino. A emoção foi a tônica do encontro e, certamente, dali saímos fortificados pela energia, capacidade, domínio e oratória do nosso ilustre confrade.

- O convidado, senhor Darlan, representando o secretário de Cultura, Vitor Souza, assumiu a tribuna para reproduzir seu posicionamento sobre os pleitos outrora perpetrados. Darlan asseverou que aquela Secretaria disponibilizará ao Sodalício verba de R\$ 50 mil, que deverá ser destinada no ano de 2020. Para tanto, a Confraria deverá elaborar plano de trabalho e terá como objetivo

contrapartida na área cultural. Darlan forneceu meios de comunicação com a Secretaria de Cultura para que, em parceria com a Secretaria Administrativa, possam ultimar os preparativos para o convênio. A notícia do aporte financeiro pela Secretaria de Cultura propiciará um avanço nas diretrizes acadêmicas.

- O mestre Bismael destacou da sua obra “Minha América Latina”, o trabalho “Amazônia Mundo Verde” e, há mais de 15 anos, fez música em homenagem ao compositor Antonio Carlos Jobim.

- As confeitarias Isabel e Wilma ciceronearam o historiador Elton Soares de Oliveira, que visitou nossa sede, acompanhado de diversos alunos, que vivenciaram onde se reúnem os imortais.

O relacionamento dos membros da AGL, seguramente, pauta-se pela amizade, pelo respeito e consideração que movem a ciranda desenhada pela cultura, pelo conhecimento e pelo saber, atributos que consolidam, indubitavelmente, o sustentáculo do progresso de qualquer sociedade. As reuniões oficiais e deliberativas sucedem-se em ambiente de irmandade, demonstrado pelo tratamento afetivo que envolve a comunicação entre os pares. A cada ano vencido, ao fim e ao cabo de uma jornada de encontros festivos, para coroar a vivência e a solidariedade que entre nós sobejam, há, necessariamente, que se consagrar tanta afetuosidade e louvor através de uma festa de grande porte. É noite de pompa, o ambiente propício dá o tom de sobriedade e elegância, engalanado pela impoluta bandeira do Sodalício hasteada no frontispício do solene auditório.

Esta solenidade já se tornou habitual no calendário dos acontecimentos culturais na urbe de Guarulhos e, além da presença dos acadêmicos com respectivas famílias e amigos, são convidados representantes do núcleo político municipal, autoridades diversas, professores de todos os níveis, artistas e músicos que participam

efetivamente da festa com apresentações ofertadas como deleite para a seleta plateia.

Em momento oportuno e como forma de entretenimento aos convidados, a presidente franqueia a tribuna aos acadêmicos para que se manifestem sobre temas diversos, privilegiando, também, convidados para demonstrarem as suas artes. Após a liturgia, as homenagens, as apresentações musicais, os poemas declamados e o anúncio do ano que está por vir, a presidente Antonia convida os presentes para o lançamento da Revista 2019, que será ofertada graciosamente e acompanhada de um coquetel solidário. Confira este comentário nas notas que seguem abaixo.

- Em 04/12/19 - Reunião festiva realizada no teatro Dr. Abílio Baeta Neves, neste ato denominada Sala Dr. Laerte Romualdo de Souza, situado no campus da FIG-Unimesp, na avenida São Luiz, nº 315, no bairro de Vila Rosália, Guarulhos, SP, em comemoração ao quadragésimo aniversário. A pomposa mesa diretora disposta no palco defronte a plateia recebe as celebridades que abrilhantarão a cerimônia. A solenidade vai começar!!!

- Às 19h o mestre de cerimônias, confrade Augusto Pinheiro, deu início ao evento, saudando os presentes e anunciando a composição da mesa diretora: presidente Antonia e os confrades Valdir, Clovis, Colacioppo, Teresinha, Isabel, Mauro, Fábio e os convidados secretário da Cultura, Vitor Souza; vereador Edmilson Souza Santos e a diretora do curso de Direito, Ossana Chememian Tolmajian.

- A congreira Antonia procedeu à abertura oficial do evento, saudando a mesa e os convidados presentes, desejando boas-vindas e oficializando o conagraçamento.

- Em momento cívico os partícipes entoaram os Hinos Nacional e de Guarulhos e, na sequência, com regência do maestro Colacioppo, os acadêmicos apresentaram o Hino do Sodalício.

- A acadêmica Antonia traçou palavras de incentivo e respeito à cultura, destacando de forma magistral a necessidade que se impõe sobre o hábito de ler, enfatizando que “livros não matam a fome, não suprimem a miséria, mas consolam as almas e fazem-nos sonhar”, lembrando o grande escritor Olavo Bilac.

- Teceu agradecimentos aos artistas que comporão a parte literomusical, bem como as autoridades presentes: vereador Edmilson Souza Santos e secretário de Cultura, Vitor Souza, a quem convidou para uma breve manifestação.

- O secretário hipotecou solidariedade com a Confraria, afirmando o propósito de uma forte aliança com a pasta que representa. Prometeu não medir esforços para ver prosperar a cultura em nosso Município, tarefa que só obterá sucesso com o auxílio desta Instituição responsável por zelar pela língua pátria.

- O confrade Augusto justificou a ausência do escritor Jerônimo, que se encontra em repouso pós-operatório e em sua homenagem declamou a poesia denominada “Nossa Academia”.

- Para iniciar a parte literomusical do evento, com a docilidade que lhe é peculiar, a confreira Wilma Colacioppo deu tons de proximidade entre a poesia e a música, afirmando que não se dissociam e, juntas, servem para alegrar a vida. Esta correlação perfeita remonta aos tempos épicos da Grécia antiga, através da arte exercida por grandes vultos inesquecíveis. A música intensifica o novo modo de entender a vida.

- A pianista Raquel acompanhou a soprista Janaina em duas árias de óperas lendárias.

- A confreira Isabel declamou poesia autoral denominada “Atitudes”.

- Sob o comando do músico Oliveira, a Orquestra de Violeros “Coração da Viola”, composta por treze membros, apresentou alguns números do cancionero popular, emocionando a plateia e fazendo jus à indicação da confreira Isabel quanto à outorga da Medalha do Mérito Cultural “João Ranali” que lhes foi conferida.



- O orador oficial da AGL, Augusto Pinheiro, com louvor e brilhantismo, fez menção ao trabalho do acadêmico efetivo, guardião das letras na lida incansável em proteger, cuidar e zelar pela cultura. Lembrou, também, da importância da Academia Guarulhense de Letras perante a sociedade e o Poder Público que, há muito tempo, reconheceu oficialmente a Instituição como Órgão de Utilidade Pública.

- O acadêmico Bosco Maciel, fiel escudeiro em defesa da arte do cordel, discorreu com maestria com um trabalho intitulado “Aboio para Quintino”.

- A secretária Teresinha teceu comentários sobre a instituição da Medalha do Mérito Cultural “João Ranali”, sua origem, seus efeitos e sua importância, convidando a confrreira Isabel para recepcionar a Orquestra de Violeiros Coração da Viola, na pessoa de seu líder, senhor Oliveira, para o recebimento da láurea, entregue pelo secretário de Cultura, Vitor Souza, e o Diploma pelo confrade honorário Edmilson Souza Santos.

- O acadêmico Fernando Berzaghi declamou poesia autoral denominada “Cristo, a fonte transbordante de Luz”.

- O confrade Ivo de Souza declamou a poesia autoral “Marinheiro”.

- O professor Mauricio, do Colégio Vinícius de Moraes, apresentou as três alunas vencedoras do concurso de poesias ministrado naquela casa de ensino.

- O coral de pais de alunos do Colégio Parthenon, sob a regência do músico André Mola, apresentou três números musicais, demonstrando capacidade e domínio na arte do canto.



- Para encerrar, a presidente Antonia anunciou o lançamento da Revista 2019, que será distribuída aos presentes. Teceu agradecimentos aos convidados, aos profissionais e aos artistas que enriqueceram o evento e nos brindaram nesta noite, convidando-os para o coquetel de conagração.

Ano novo, novas perspectivas de sucesso e prosperidade na cultura de nossa sociedade, com promessas do poder público em aparelhar melhor a AGL, inclusive, com possibilidade de aquinhonar com verba pública, sonho dos atuais membros e seus ancestrais que partiram sem sucesso nesta missão. Ao que tudo indica, mais um período que se inicia com os mesmos problemas, dentre os quais, o suporte financeiro para as despesas forçadas, inerentes de obrigações do Sodalício, será, como sempre, rateado entre os pares, fenecendo mais uma vez o sonho do auxílio da máquina municipal.

Suplantada a fase litúrgica com orientações positivas e o entoar do Hino acadêmico, eis que a confrreira Teresinha traz alvissas: o decano Ary Baddini Tavares, como Fênix, revigorou-se e já retornou ao trabalho na FIG-Unimesp, motivo de alegria e conforto dos companheiros de tribuna, que se regozijam com o breve retorno do confrade em nossos encontros.

A Secretaria Administrativa vive em constante relacionamento com a pasta da Cultura, cujo secretário, Vitor Souza, prometeu empenho na colaboração daquele órgão em face das benesses prometidas.

A tribuna da Confraria é livre e cada membro pode e deve se expressar sobre qualquer assunto atinente às causas acadêmicas. Nesta reunião este tema foi alvo de debate, redundando, como sempre, na manutenção do que reza a letra fria da lei. Sobre as condições para se candidatar a uma cadeira vacante, há, necessariamente, que se cumprir os Estatutos. Entre as exigências o postulante deve cumprir também o item “ter no mínimo 35 anos”, idade considerada plena pela Constituição Federal de 1988, que estabelece cláusula pétrea para a ocupação de alguns cargos públicos. Nesse compasso, o Sodalício mantém a vigência dos artigos que estabelecem as condições de admissibilidade, nos exatos termos da sua Carta Magna.

A solidariedade impera no reino da Confraria quando, por mera liberalidade, os Acadêmicos colocam-se à disposição para

auxiliarem os pares nos desenvolvimentos das responsabilidades. No item edição da Revista 2020, um a um foi determinando a colaboração de sua preferência e, em breve tempo, estava formada a comissão que se encarregará de mandar para o prelo os bonecos prontos para a edição propriamente dita. O auxílio quando necessário é imediato, pois quando um membro comunica que deixou de representar Instituição em compromisso de sua responsabilidade, imediatamente, outro confrade assume no lugar vago, como se pode observar na atitude do Acadêmico Augusto Pinheiro.

A Confraria se prepara para representar as letras em evento de repercussão em todo o território brasileiro. Convoca seus pares para, unidos, se prepararem para participação representativa na Bienal do Livro onde a AGL ocupará espaço para exposição de obras de seus escritores, recepção dos amantes das letras, mantendo a tradição na distribuição gratuita de livros aos visitantes. Durante o evento a Academia vai homenagear a Biblioteca Municipal Monteiro Lobato pelo transcurso dos 80 anos de existência, bem como promover a Semana Castro Alves, quando seus pares apresentarão poemas que imortalizaram o autor da obra “Navio Negroiro”.

Em 29/01/20 – O relógio registra 14h. Concentrados ao redor da mesa de trabalhos, formamos uma legião de 12 escritores ouvindo atentamente a presidente Antonia proferir palavras de conforto e gratidão, iniciando a primeira reunião do ano de 2020.

- O confrade Biagini ditou palavras de santidade e positivismo, encaminhando as manifestações que doravante ficarão registradas nos anais desta Casa.

- Obedecendo à liturgia, o maestro Colacioppo assumiu a batuta para reger o coral acadêmico na entoação do Hino do Sodalício.

- A congreira Teresinha deu publicidade à ata da última reunião para conhecimento dos membros presentes. Disse mais a congreira: para gáudio de todos nós, o acadêmico Baddini, em progressiva melhora na saúde, reiniciou a sua jornada de trabalho

junto à Unimesp, ativando-se por dois dias da semana e o restante colaborando do escritório que mantém no lar.

- O primeiro secretário discorreu sobre a processualística que rege a relação do convênio entre o Sodalício e a Secretaria de Cultura, esclarecendo que até esta data aquele órgão ainda não deu retorno sobre a documentação exigida e providenciada pela Secretaria Administrativa.

- A presidente Antonia reportou-se ao acadêmico Jerônimo no que concerne a algumas sugestões elencadas na pauta para o bom andamento da Confraria. Um dos itens sugeridos foi referente à maioria plena exigida como condição de admissão de membro novo, tendo o confrade Mauro chamado para si esclarecimento técnico sobre o tema: lembrou alguns acadêmicos mais jovens que, entusiastas, assumiram o compromisso de lutar em prol da AGL, porém, em breve tempo, pediram afastamento para priorizar necessidades particulares. O jovem se preocupa com o trabalho, com a família, com filhos e outros que tais, culminando por perder o liame com esta Instituição. Lembrou, também, que a idade dos 35 anos é exigida por todas as coirmãs, traduzindo-se, em cláusula pétreia, como tradição e conservadorismo.

A solidariedade impera no reino da Confraria quando, por mera liberalidade, os Acadêmicos colocam-se à disposição para auxiliarem os pares nos desenvolvimentos das responsabilidades. No item edição da Revista 2020: Jerônimo continua responsável pela administração do Site e pela diagramação da Revista da Academia.

- Os acadêmicos Isabel e Fábio irão responsabilizar-se pela edição de vídeos sobre a AGL, inclusive, no que tange ao Youtube.

- Considerando a desistência do confrade Fernando como membro do Patrimônio Histórico de Guarulhos, representante da AGL, a vacância será suprida pelo suplente imediato, Augusto Pinheiro que, doravante, representará o Sodalício naquela Instituição.

- O confrade Augusto discorreu sobre a próxima “Bienal do Livro”, que ocorrerá entre os dias 27 de março e 5 de abril e terá

como mote: “80 anos da Biblioteca Municipal Monteiro Lobato”. Sugeriu que no transcorrer da feira a Academia promova a Semana Castro Alves, prometendo diligenciar no sentido de ajustar a participação da AGL naquele tradicional acontecimento.

- A secretária Teresinha brindou aos pares com palavras de autoajuda, a começar pelo título sugestivo e promissor: “Pessoas felizes buscam ser melhores”.

- O confrade Mauro manifestou-se acerca das coisas extraídas do coração e ordenadas pela consciência.

- Valdir Carleto assumiu a tribuna para ler um texto exuberante do famoso escritor Conde De Saint-Exupéry que, em situação de grande fragilidade sorriu para o seu algoz, o Carcereiro, que retribuiu o sorriso entabulando uma conversa para, depois, facilitar-lhe a fuga, corroborando a força e o poder de um sorriso.

- Fernando Berzaghi afirmou que luta por um Sodalício saudável e independente economicamente, declamando três poesias autorais: “Borboleta Branca”; “O Monte das Benções” e “O Despertar da Metrópole”.

- O confrade Biagini, cordato e gentil, patrocinou guloseimas e refrigerantes para o conagraçamento dos pares. Repercutiu a fala do humorista Sérgio Malandro sobre felicidade, marcando a frase que lhe chamou a atenção “As águas não enfrentam os obstáculos, os contorna”.

- O confrade Fábio, sob forte emoção, conclamou os acadêmicos para pedir preces que possam atenuar os males insidiosos que afligem a senhora sua mãe, que se encontra acamada.

- O confrade Augusto Pinheiro interpretou o texto: “O Pai nos concede o amor Universal...”.

- A presidente Antonia, encerrando a reunião, explorou uma das mais expressivas propriedades que lhe é inerente, o Amor. Disse que o exercício da amorosidade ilumina a alma, constrói e arrefece as distorções no ser humano.

Os próximos registros serão sobre um encontro de pauta reduzida, porém, de temas palpitantes como se pode observar no teor dos assentamentos que passamos a reproduzir.

A cada reunião a prática da liturgia é ponto pacífico e este mister fica a cargo do excelso maestro Colacioppo que, honrosamente, dá o tom do Hino acadêmico, que é cantado pelos confrades devidamente perfilados. Na sequência vislumbra-se o ato de fé e respeito que reivindica bons fluidos na condução dos trabalhos.

A movimentação acadêmica é extensa e de certa complexidade; além de respeitar o que reza nos nossos Estatutos, busca igualar o regramento e lança mão de exemplos já determinados por nossas coirmãs. Desta vez o Acadêmico Clovis Domingues, preocupado com a legalidade e a boa aplicação das leis que regem o Sodalício, apresentou uma cópia do Regimento que norteia a Academia Brasileira de Letras. O documento servirá de paradigma e, associado a um trabalho do gênero composto por Clovis e o decano Ary Baddini, certamente, restará suficiente para a confecção do Regimento Interno.

A presença da mais alta autoridade em Cultura do Município neste encontro comprova o interesse público na amplitude da publicidade da Confraria dentre os munícipes. De inopino, eis que adentra o recinto o secretário Vitor Souza que, em nova visita, toma assento ladeando os pares, engrandecendo o ambiente.

O respeito e consideração pelos ancestrais são sempre lembrados pelos membros atuantes, eis que os vetustos escritores, antes do desenlace, dignificaram e muito lutaram pelo status que hoje impera no reino acadêmico. O referendo desta assertiva comprova através de atos inesquecíveis como o hábito legal de se denominar o ambiente, onde quer que a Academia se reúna de: “Sala Laerte Romualdo de Souza”, homenagem ao eterno secretário da AGL.

O secretário de Cultura, Vitor Souza, usou a tribuna para referendar as promessas que hipotecou em benefício da Instituição. Confirmou dar continuidade documental para sacramentar o Convênio já estabelecido e que se esforçará para vê-lo devidamente

certificado. Acerca de outros pleitos mencionados, prometeu, na medida do possível, viabilizar.

Merece registro o esforço dos nobres confrades que se esmeram no desenvolvimento de seus afazeres em prol do Sodalício, cabendo aos mais jovens as tratativas sobre a modernidade na comunicação e a adaptação da forma arcaica para a maravilha cibernética.

Exemplo maior de desprendimento, de responsabilidade e puro altruísmo transbordam no comportamento da inexcédível presidente Antonia Vaz quando se dispõe, apesar dos sacrifícios, a ministrar Aula Inaugural em uma casa de ensino superior de nosso Município, onde homenageou os iniciantes declamando o poema “Intertexto” do festejado escritor Bertolt Brecht. Confira estas informações nas notas abaixo.

Em 19/02/20 - Às 14h a presidente Antonia Vaz inaugurou o encontro saudando aos pares com cumprimentos fraternos.

- O maestro Colacioppo proferiu palavras de louvor e encantamento, rogando por uma reunião de paz e produtividade, assumindo, também, a regência do Hino Acadêmico apresentado pelos confrades.

- O acadêmico Jerônimo orientou os trabalhos invocando ao Altíssimo fluência e decisões satisfatórias.

- O acadêmico Clovis Domingues discorreu sobre o Regimento Interno que deverá, depois de instituído, tratar do regramento normativo dos Estatutos da AGL. Trouxe como paradigma uma cópia do Regimento da Academia Brasileira de Letras, originando debates sobre o tema. Ante a complexidade estabelecida ficou determinado que a Secretaria envie, eletronicamente, para todos os confrades a minuta de um trabalho realizado sobre o tema pelos confrades Clovis e Baddini.

- A congreira Antonia recepcionou o senhor Vitor Souza, MD secretário de Cultura, que tomou lugar à mesa como convidado amigo do Sodalício.

- O confrade Jerônimo sugeriu que sejam lembrados, nas datas de seus aniversários, os patronos dos atuais membros efetivos, reverenciando nossos ancestrais, moção acatada pela mesa.

- A presidente parabenizou o confrade Augusto pelo evento que consagrou o lançamento de sua recente obra “Dia Após Dia, Disciplina e Gratidão”.

- O confrade Jerônimo, por meio de versos autorais, prestou homenagem ao secretário de Cultura, franqueando-lhe a tribuna para manifestações.

- Vítor discorreu sobre o convênio entabulado, informando que a documentação encontra-se em processo de análise, para breve conclusão. Sobre o Salão do Livro 2020 asseverou que o Sodalício terá presença assegurada, bem como os escritores independentes de Guarulhos, e que conta com a colaboração dos acadêmicos na exposição literária.

- O confrade Augusto, representante cultural na organização do evento, sugeriu ao secretário que o patronato neste ano homenageie escritor guarulhense, indicando, inclusive, os festejados João Ranali e Castelo Hanssen. Vítor anuiu à ideia e prometeu reportar a sugestão à comissão organizadora.

- O acadêmico Jerônimo traçou comentários sobre o site que administra e alimenta, sendo elogiado pelos confrades Jacques e Fábio pelo serviço desenvolvido.

- A congreira Antonia será responsável pela aula inaugural na Faculdade da Melhor Idade – Unimesp, dia 02/03/20, às 14h. Homenageou aos pares declamando o poema “Intertexto” do escritor Bertolt Brecht.

As atas que doravante serão comentadas no Livro Histórico obedecem trâmite divergente dos escritos que as antecederam, retratando o mesmo ordenamento, porém, com uma só apresentação, considerando o novo procedimento nas reuniões realizadas na forma virtual e em sede de Pandemia. A nova processualística passou a ser pautada por conversas sobre assuntos diversos cons-

tantes em resumida pauta. Sem o condão de debate, as conversas se sucedem, convergindo de forma ordenada para consenso geral. O processo é objetivo e prático, transformando cada comando da pauta em consonância sequencial, gerando uniformidade nos termos, num documento que, por si só, dispensa nota explicativa. Seguem as Atas cujos textos, na forma integral, contam os acontecimentos acadêmicos referentes ao período de março a junho do ano andante.

- Em tempos de Pandemia, por consenso colegiado, a presidente Antonia Conceição Vaz Duarte decretou a suspensão da reunião ordinária do mês de março de 2020 e todas as reuniões sucessivas e mensais, enquanto perdurar o regime de quarentena imposto pela Organização Mundial da Saúde, referendada pelo Ministério da Saúde do nosso país. Diante do colapso que grassou pelo mundo, a excepcionalidade denominada covid-19, doença decorrente do novo coronavírus, chegou ao Brasil e impôs-se para toda a população, originando o Regime de Quarentena, proibindo aglomerações e ajuntamento de pessoas, com o objetivo de impedir a propagação do mal que assola o Brasil e o mundo. Face ao confinamento obrigatório, os pares reclusos perderam o contato para falar de cultura e dos assuntos que movem a marcha acadêmica, gerando grande preocupação, pois o escritor está em constante ebulição, criando, lembrando e exercitando de todas as formas, a arte de transferir para o papel as criações que a alma ditou. Neste dilema, eis que o acadêmico Jacques, diante da ideia luminosa lançada pelo excelso confrade Clovis Domingues, consistente na promoção de reunião virtual, despertou para a solução da inércia. Usando da expertise que lhe é peculiar, sugeriu que a turma se reunisse virtualmente, privilegiando a individualidade e o conforto de se manifestar diretamente de suas clausuras, mantendo incólume a segurança da Interpessoalidade. Jacques implantou o sistema, orientou os partícipes, deu suporte técnico e, no dia 25 de março de 2020, às 14h30 reuniu, virtualmente, oito acadêmicos: Antonia,

Clovis, Augusto, André, Fabio, Valdir, Mauro, e Teresinha, além do orientador. A novidade, a princípio, preocupou alguns participantes, mas, em breve tempo, todos estavam integrados e, num relacionamento de alegria, interação e felicidade, desenrolou-se uma conversação agradável e produtiva, com cada um dos presentes declamando poesias, narrando contos e/ou contando fatos, em ambiente de puro conagraçamento e cordialidade. Após interregno de uma hora, os confrades despediram-se, prometendo estarem prontos para, dentro em breve, organizarem outra reunião virtual, até que seja debelado o malfadado movimento nefasto. Acatando sugestão do confrade Clovis Domingues, para dar suporte à marcha fidedigna do Livro Histórico, as reuniões de participações por vídeo serão denominadas Extraordinárias e Virtuais, inclusive, este encontro receberá o número 01. Também, haverá uma pauta mínima para registrar os títulos dos textos a serem apresentados e a identificação de seus autores. Guarulhos, 25 de março de 2020.

-Em sede de pandemia e obedecendo ao distanciamento social, a Academia se reúne na forma virtual iniciando as tratativas às 14 horas. Pontualmente o confrade Jacques conectou o sistema e os confrades foram se associando até o número de dez, carga máxima de participantes permitida pelo provedor. No primeiro momento marcaram presenças os seguintes escritores: Antonia, Baddini, Mauro/Teresinha, André, Fábio, Biagini, Augusto, Jacques, Valdir e Jerônimo. Com a sala repleta e a demonstração de outros acadêmicos em participar do encontro, após as suas manifestações, Augusto e Fábio se desconectaram permitindo a participação de dois pretendentes: Clovis e Ivo, alternadamente. Às 14h, a presidente Antonia inaugurou a reunião; abriu os trabalhos agradecendo a todos os partícipes, devidamente capitaneados pelo confrade Jacques. Manifestou-se brindando os presentes discorrendo, soberanamente, sobre o tema: “Solidão”. O professor Baddini, de boa memória, lembrou que nesta reunião somente ele e a confreira Teresinha são membros fundadores do Sodalício. A sua

participação, embora virtual, foi alvo de contentamento entre os pares, suscitando elogios, velhas lembranças de diversos confrades que declararam gratidão ao velho mestre que lhes motivou a admiração pelas letras. O secretário Mauro, obedecendo a pauta, direcionou a palavra ao tesoureiro Augusto, que informou sobre o movimento financeiro e respectivos saldos bancários. Augusto chamou a atenção para o item CDB no valor de R\$ 3.000,00, declarando desconhecer esta aplicação e indagando se Antonia ou Fábio tinham conhecimento, recebendo resposta negativa. A Tesouraria vai averiguar o assunto. Disse mais Augusto: embora os atuais encontros sejam na forma virtual, não se exclui a obrigatoriedade dos pagamentos para a edição da Revista anual e da colaboração espontânea, concitando os pares a procurarem efetuar os respectivos depósitos na conta-corrente da Confraria, considerando que o pagamento do contador é obrigação mensal. Acerca do estado de pandemia universal, Augusto revelou gratidão eterna aos nossos antepassados que suportaram diversas fases tenebrosas, sobrevivendo, uma a uma, com precários recursos. Sobre o tema acessibilidade às cadeiras vacantes em busca da imortalidade, os confrades: Antonia, Augusto, Valdir e Fábio manifestaram condições de apresentar escritores para cerrarem fileiras aos membros efetivos. O acadêmico Mauro sugeriu que os confrades apresentem os candidatos para que uma comissão formada por Mauro, Teresinha, Baddini e Fábio proceda à análise do material exigido como item obrigatório. A Secretaria vai publicar as exigências formais que permitirão o acesso aos quadros acadêmicos. A forma técnica e magistral desenvolvida pelo confrade Jacques permitiu as conversações de forma ideal, porém, limitada ao número de dez participantes. Neste tocante, o acadêmico André se ofereceu para auxiliar através de plataforma que permite maior elasticidade no número de participantes. Aos debates e em busca do relacionamento profícuo, ficou estabelecido que, doravante, a coordenação das próximas reuniões ficará a cargo dos técnicos confrades André e Jacques, que optarão por plataforma que se adapte às necessida-

des de nossas reuniões. Em momento lúdico, a confrreira Teresinha presenteou os pares com o conto "A Galinha e o Galo", promovendo momento de descontração. O confrade Valdir declamou a letra da música "Samba Inútil" de autoria do saudoso Castelo Hanssen, cuja música é de autoria do fotógrafo Gilson. Às 15h a presidente Antonia deu por encerrada a reunião e para constar, eu, Mauro dos Santos Oliveira, primeiro secretário lavrei esta ata que se considerada apta será assinada pelos acadêmicos participantes. Guarulhos, 30 de abril de 2020.

- O calendário registra 27 de maio de 2020 e ainda sob a rígida imposição de normas que previnem contra a "pandemia" que grassa no universo, a AGL reúne-se virtualmente para que os pares se reencontrem fraternalmente para decidir assuntos pendentes, dando continuidade à marcha acadêmica. No horário apregoado, o confrade André disponibilizou processo de interação virtual, conectando os pares que, um a um, surgiam na tela das vias escolhidas. Do seu aconchego, a presidente Antonia inaugurou a terceira reunião virtual, podendo constatar a presença dos seguintes acadêmicos: Baddini, Mauro, Teresinha, André, Fábio, Augusto, Jacques, Valdir, Bosco, Ivo, Gil e a aspirante ao posto de acadêmica escritora Patrícia Hradec, a quem convidou como amiga do Sodalício. A presidente, sempre produtiva e leal nas causas literárias, informou que terminou um conto que deverá ser publicado na Revista da Academia. As nove páginas do seu trabalho fizeram-na lembrar da frase de um escritor, que a obriga trazer à baila "Toda dor pode ser minimizada quando podemos contar uma história sobre ela". Convidou para uma breve apresentação a visitante, que hora nos honra com a sua presença e, dela ouvimos elogios sobre a Confraria, mais um soneto autoral intitulado "AGL". O confrade Augusto apresentou o relatório financeiro da entidade e referiu-se, também, ao numerário arregimentado pelos pares em prol do falecido acadêmico Castelo Hanssem e, diante do passamento, deduzidos a doação para a família e despesas com o féretro, sugerindo

repassar o restante para a conta da AGL, o que foi acatado pela maioria. Diante da sugestão do confrade Biagini em ajustar as cotas individuais a serem pagas pelos partícipes da edição do livro, aos membros que anda não o fizeram, Augusto acatará a melhor forma que se adapte para o cumprimento da quitação. Concernente à Revista anual, ficou determinado que o prazo para a entrega dos trabalhos será o dia 31 de julho. Ao surgir iluminado na tela o escritor decano Ary Baddini Tavares, membro fundador e duas vezes eleito para a presidência do Sodalício, causou alegria e satisfação aos pares. Altivo e dono de incrível lucidez, deu apartes, culminando com elogios ao acadêmico Lineu Roque Aceiro, atribuindo-lhe o dom, não só de historiador, mas também “memorialista”. Disse que Lineu tanto conta histórias de passado remoto, como discorre sobre acontecimentos diversos que testemunhou ao longo da vida. A secretária Teresinha brindou aos participantes com um trabalho de peso que serviu de introito da Revista da Academia de ano recente, sob o título: “Em 2002, o voo de dois imortais”. O trabalho de grande envergadura teve como atores principais os memoráveis e saudosos Adolfo Vasconcelos Noronha e Laerte Romualdo de Souza, tombados no mesmo ano. Não enveredemos por coincidências, mas, no ano de 2020 gravamos na alvise desta página curiosidade numismática, pois, o ano de 2002, data do falecimento dos inseparáveis amigos e notáveis escritores que decidiram partir, simultaneamente e, hoje, 27/05/2020, há distantes 88 anos nascia o confrade Laerte, autor da célebre frase “Na Academia existe vida”. A homenagem prestada recebeu a chancela de todos os acadêmicos partícipes da referida Revista, que assinaram a obra da seguinte forma “A DIRETORIA”. A articulação da confrreira Teresinha no sentido de destacar homenagem do Colegiado, lembrando os dois vultos das letras e fundadores da AGL, teve repercussão geral e imediata. O tribuno seguinte, historiador André Figueiredo, teceu elogios ao ato de louvor, sugerindo que os baluartes tombados que tanto se dedicaram à Confraria tenham os seus nomes gravados na Revista anual, obtendo concordância

unânime. O confrade Valdir Carleto teceu palavras sobre a pandemia que se espalhou pelo universo, promovendo distúrbios de toda ordem, mudando a sistemática que coordenava a sociedade, que mudou seus modos e aguarda ansiosamente a produção de vacina que extermine o vírus. Declamou parte da obra autoral “Versos Roubados”. A presidente Antonia agradeceu ao confrade Jacques pelo apoio na criatividade do uso da internet, amenizando os sacrifícios empreendidos durante a pandemia. Disse sentir a ausência de alguns acadêmicos em nossas reuniões, inclusive, nestas virtuais. Neste compasso, a secretária Teresinha encarregou-se de fazer contatos para descobrir a razão das ausências injustificadas. O acadêmico Bosco Maciel declamou parte da ópera intitulada “Maria tinha três filhas”. A presidente Antonia, antes de encerrar o festivo encontro, agradeceu à confreira Jane Rossi que lhe prestou homenagem, através do alunado da E.E. Odete Fernandes, que representaram, com altivez e dedicação, a obra de sua autoria denominada “Ajak, o papagaio que tinha sotaque”. Culminou enaltecendo a escritora que professa excelente trabalho junto a aquela casa de ensino, colaborando para o preparo de crianças e jovens bem orientados para serem adultos de responsabilidade.

- Ainda sob o jugo da famigerada pandemia, urge a necessidade de se conjecturar sobre cultura e, neste diapasão, os membros da Academia Guarulhense de Letras têm encontro marcado às 14 horas deste 24 de junho de 2020. Reunimo-nos em sede de quarentena através de encontro virtual onde cada partícipe manifesta-se do seu ambiente de trabalho ou de sua residência, sendo que o local escolhido, por imperativo legal, durante a reunião adotará o nome de “Sala Dr. Laerte Romualdo de Souza”. O confrade André, no momento aprazado, abriu a sala recebendo os Imortais que, um a um, surgiam na tela e, sob o comando da confreira Antonia, iniciaram-se os debates. A presidente ditou palavras de alento e de conforto e atendeu aos rogos do maestro Colacioppo, que aparteuo pedindo vênias para, ao piano, entoar o Hino da Confraria, antecedi-

do de momento litúrgico. Antonia lembrou a data que homenageia São João, o santo responsável por comemorações e festejos em todo o território nacional, porém, na atual conjuntura, não haverá a promoção deste memorável evento, Brasil afora. O confrade Augusto teceu algumas palavras sobre o santo do dia, enfatizando que Isabel, mãe de João Batista, era prima de Maria, que não gestava em seu sagrado ventre o Menino Jesus. Isabel combinou com Maria que, quando nascesse o seu rebento, João, seria acesa uma fogueira como sinal de que a gestação havia logrado êxito. Daí a tradição da fogueira de São João. Convidou para participar da reunião o escritor Devanildo Damião, a quem fez referências no campo da cultura, asseverando, inclusive, que o referido escritor manifestou interesse em pertencer ao Sodalício. Devanildo fez uso da palavra agradecendo a menção elogiosa e, cumprimentando os pares, assentiu com o desejo de se tornar mais um soldado em prol do conhecimento e do saber em nosso Município. Colheu informações da documentação exigida para concorrer a uma das cadeiras vacantes. Com relação aos candidatos aspirantes à imortalidade, o acadêmico Baddini apreciará o material arrecadado para ultimar a revisão e proferir veredicto. A congreira Aura, diante de muitos afazeres, solicitou dilação do prazo para a entrega do material da Revista sendo-lhe facultado o prazo máximo até 15/07 para cumprir o exigido. O confrade Clovis surgiu na tela para ler parte de um trabalho do ancestral Gasparino, pinçando a indagação “Onde Está Deus”? Discorrendo sobre o tema, disse mais, que no ano de 1962, ainda em verde idade, pertenceu ao coral do maestro Colacioppo, ativando a mente do exímio pianista que, imediatamente executou música em homenagem a São João, o Batista, primo e precursor de Jesus Cristo, lembrada e cantarolada pelo confrade Clovis. Este, acerca da nota fúnebre, lembrou com saudade que os confrades Laerte e Gasparino, amigos inseparáveis nos tempos áureos, tombaram no mesmo mês e dia, sendo referendado pela congreira Teresinha que concordou, declarando hiato de doze anos entre os desaparecimentos. A congreira Teresinha deu cumprimento

ao que ficou determinado pela mesa, acerca de fazer contato com os acadêmicos faltantes nas últimas reuniões. Informou que contactou telefonicamente os seguintes escritores: Biagini, Jerônimo, Isabel, Bismael, Clarimundo, Silvio, Lineu, Alexandre, Espedito e Dácio. Deste elenco cabe justificativa plausível aos confrades Clarimundo, Espedito e Dácio por encontrarem-se acamados e totalmente dependentes de familiares. Os demais justificaram as ausências por exercício exacerbado de trabalho e/ou dificuldade no manejo dos instrumentos virtuais. Na sequência, Teresinha brindou aos pares declamando uma poesia intitulada “Meia Noite”, pinçada dentre os alfarrábios deixados pelo saudoso acadêmico Laerte. O confrade Augusto rememorou o assunto: mensalidade espontânea e edição da revista 2020, fazendo um relato dos pares que já resgataram o compromisso e lembrando aos faltantes que o prazo expira dia 30/06. Porém, a Tesouraria está à disposição para qualquer composição que assista às necessidades dos confrades. Passou a discorrer sobre o relatório financeiro, explicitando receitas e despesas. Marcaram presença nesta reunião: Antonia, Baddini, Mauro, Teresinha, André, Fábio, Augusto, Valdir, Bosco, Ivo, Plínio, Maestro Colacioppo, Fernando, Aura, Clovis e Sérgio Port. Justificativas: Isabel, Bismael, Jerônimo, Jacques. Aniversariantes do mês: Clarimundo – 7, Silvio – 9 e Biagini -22. Falecimentos em anos diversos: Monsenhor Geraldo Penteado de Queiroz, Laerte Romualdo de Souza, Néfi Tales, Norlândio Meirelles de Almeida e Gasparino José Romão. A presidente Antonia ofereceu a tribuna para livre manifestação dos componentes da sala virtual na seguinte ordem: Fernando declamou poesia denominada “O Pirlampo – Vagalume de luz própria”. Ivo traçou linhas de uma poesia autoral. Valdir disse da paixão que nutre por músicas italianas, trazendo à baila uma versão de Nazareno de Brito intitulada “Longe dos Olhos” muito bem interpretada pelo cantor Moacyr Franco. Discorreu, ainda, sobre o trabalho que vem fazendo no Facebook onde declama letras de música, cuja melodia serve de trilha sonora, convidando aos pares para acessar aquela página. A

presidente Antonia sacou do seu privilegiado imaginário pérola de autoria do famoso artista Candido Portinari que merece registro: "A arte é o espelho da Pátria. O País que não preserva seus valores culturais jamais verá a imagem de sua própria alma". Lembrou que o filho do renomado artista assim costuma traduzir a importância do Projeto Portinari, nestes mais de 30 anos. Bosco lembrou que no Dia das Mães publicou uma foto de sua genitora com ele no colo, demonstrando ternura, afeto e amor. Enalteceu os confrades Baddini e Bismael, próceres escritores da nossa Confraria. Fábio declamou poema intitulado "Viva São João". O maestro Colacioppo agradeceu ao confrade Clovis por trazer à memória suas participações em momentos líricos de um passado remoto. A presidente Antonia às 15h25 encerrou o festivo encontro, agradecendo a participação de todos.

Compilação do núcleo extraído das reuniões ordinárias e/ou extraordinárias implementadas entre os meses de julho de 2019 e junho de 2020. Com este trabalho ajusta-se para conhecimento geral, a história da AGL, em cujos anais se assentarão todas as decisões necessárias para a continuidade da sua majestosa trajetória.

*Mauro dos Santos Oliveira*  
*Acadêmico Efetivo*

*Teresinha Silva Maltez de Souza*  
*Acadêmica Efetiva*



✧ 42 Anos ✧  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

PARTE IV  
MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL  
JOÃO RANALI



MEDALHA DO MÉRITO CULTURAL  
JOÃO RANALI

Fundadores:

GASPARINO JOSÉ ROMÃO  
OSCAR GONÇALVES  
ARISTIDES CASTELO HANSSSEN  
ARY BADDINI TAVARES

In memoriam:

JOÃO RANALI  
JOSÉ MANUEL MATEOS MARTINEZ  
NELSON ANTONIO NATALINO

Acadêmicos Efetivos:

CLOVIS DOMINGUES  
ARMANDO ATILIO COLACIOPPO SOBRINHO  
BISMAEL BATISTA DE MORAES

Radialista:

OSVALDO ROMUALDO ERNESTO TASSI

Corporações Musicais:

BANDA LIRA DE GUARULHOS  
ORQUESTRA DE VIOLEIROS CORAÇÃO DA VIOLA

Empresária:

VERA LÚCIA NOVO

Acadêmico Honorário:

EDMILSON SOUZA SANTOS





🎨 42 Anos 🎨  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

**PARTE V**  
**HINO DA AGL**  
**LETRA E PARTITURA**

## HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Letra: *Acadêmico Mauro dos Santos Oliveira*

## 1ª estrofe

Somos todos arautos de luz  
Semeamos as letras e os versos  
E o que falta, a escrita conduz  
E a cultura inunda o universo.

## 2ª estrofe

E ao plantar letras pelas aldeias  
Em processo de semeadura  
Cultivando os livros à mancheia  
Promovendo o saber e a cultura.

## Refrão (Bis)

Honrando sempre os ancestrais  
Os seus legados são eternos  
Conferindo a paz aos imortais.

# HINO DA ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS - AGL

Música: *Maestro Armando Attilio Colacioppo Sobrinho*

Letra: *Acadêmico Mauro Santos de Oliveira*

Introdução

7  $\%$   
Canto - 1ª estrofe

So-mos to - dos A-rau-tos de lu - uz, se - me-am-mos as letras e os ver - sos, e o que

13 2ª estrofe

fal - ta a es-cri-ta con-du - uz e a cul - tu - ra i-nun-da o u-ni-ver - so E ao plan-tar le-tras pe - las al - dei - as em pro -

19 Coro - Refrão

ces-so de se - me-a - du - ra cul-ti - va-do os li-vros à man-che-ia, pro-mo-ven-do o sa-ber e a cul-tu - ra Hon-ran - do

26 Bis - Dal  $\%$

sem-pre os an - ces - tra - is e os seus le-ga-dos são e - ter - nos, con-fc - rin - do a paz aos i-mor - tais

33 Coda Finale

Estúdio / Gravação: *Acadêmico Bismael Batista de Moraes*

Edição: *Dr. Euclides Tadeu Shergue*





✧ 42 Anos ✧  
*Trabalhando pelas Letras Guarulhenses*

**PARTE VI - GALERIAS**

**PRESIDENTES  
ATÉ O ANO XLII**



Gasparino José Romão  
Gestão 1978 - 1998

---



João Ranali  
Gestão 1998 - 2000

---



Flávio Cleto Giovanni Trombetti  
Gestão 2000 - 2001

---

Adolfo Vasconcelos Noronha  
Gestão set/2001 a mar/2002  
O presidente faleceu e a gestão foi concluída  
pelo vice-presidente, Bismael Batista de Moraes.

---





Milton Luiz Ziller  
Gestão 2002 - 2003

---

Ary Baddini Tavares  
Gestões 2003 - 2004 e 2014 - 2016

---



Armando Atílio Colacioppo Sobrinho  
Gestão 2004 - 2006

---

Bismael Batista de Moraes  
Gestão 2006 - 2008

---





Aristides Castelo Hanssen  
Gestão 2008 - 2010

---

Isabel Borazanian Macedo de Oliveira  
Gestão 2010 - 2012

---



Clovis Domingues  
Gestão 2012 - 2014

---

José Augusto Rodrigues Pinheiro  
Gestão 2016 - 2018

---





## HOMENAGEM GRATIDÃO

*Junto à galeria dos presidentes colocamos o saudoso Laerte Romualdo de Souza, que não chegou a ser presidente, por falecimento antes da ordem sucessória, mas foi um dos pioneiros e secretariou o sodalício durante muitos anos, emprestando seu estabelecimento comercial para ali ser guardada toda a história acadêmica.*

*Entre tantos desdobramentos que nos inspiraram a caminhar no cultivo das letras, deixamos eternizada sua declaração em fase terminal, em uma placa, colocada em destaque e com todo o carinho, em nossa sala de reuniões, que dignifica ainda mais os sonhos dos nossos pioneiros.*

*“NA ACADEMIA EXISTE VIDA.”*

*Seus feitos especiais estão registrados nos anais da confraria e, com muito carinho à sua saudosa figura, aqui deixamos, neste quadragésimo segundo ano, registrado nosso respeito, reconhecimento e nossa eterna GRATIDÃO.*

*Clovis Domingues  
Acadêmico Efetivo*

GALERIA DOS OCUPANTES DAS CADEIRAS  
NESTE ANO XLII

Alexandre Gargano Cavalheiro



André Figueiredo Rodrigues

Antonia Conceição Vaz Duarte





Armando Attilio Colacioppo Sobrinho



Ary Baddini Tavares



Aura Gold

Bismael Batista de Moraes

---

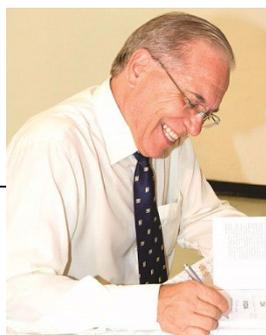


Clarimundo Oliveira Aguiar

---

Clovis Domingues

---





Espedito Pinheiro de Souza



Fábio Cardoso dos Santos



Fernando Canto Berzaghi



Gil Campos de Farias

Isabel Borazanian Macedo de Oliveira

---



Ivo de Souza

---

Jacques Miranda de Oliveira

---





João Bosco da Silva

---



João Carlos Biagini

---



José Augusto Rodrigues Pinheiro

---

José Roberto Jerônimo

---



Lineu Roque Aceiro

---

Marlene A. Torrigo

---





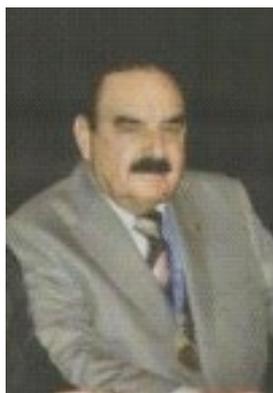
Mauro dos Santos Oliveira

---



Plínio Tomaz

---



Sebastião Dácio de Moura Montans

---

Sílvia Ribeiro

---



Teresinha Silva Maltez de Souza

---

Valdir Carleto

---



Este livro foi composto e diagramado  
nas fontes: Arial corpos 8 e 11, Times New Roman corpo 11.  
Miolo em papel Pólen 75 g/m<sup>2</sup> - 1 Caderno em Couchê 115 g/m<sup>2</sup>  
e capa em Cartão Triplex 300 g/m<sup>2</sup>  
Impresso pela Navegar Gráfica e Editora em novembro de 2020.